

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO**

LAURA GOMES MACHADO

**MULHERES EM EXPOSIÇÃO
MUSEU JULIO DE CASTILHOS (2011-2022)**

PORTO ALEGRE

2024

LAURA GOMES MACHADO

MULHERES EM EXPOSIÇÃO
MUSEU JULIO DE CASTILHOS (2011-2022)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção de título de Mestre em Museologia e Patrimônio.

Orientadora:

Profa. Dra. Ana Celina Figueira da Silva

PORTO ALEGRE

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Machado, Laura Gomes
Mulheres em Exposição Museu Julio de Castilhos
(2011-2022) / Laura Gomes Machado. -- 2024.
194 f.
Orientadora: Ana Celina Figueira da Silva.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Museologia e
Patrimônio, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Museu Julio de Castilhos. 2. Representatividade
das mulheres. 3. Gênero. 4. Exposição Isaura e
Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século
XIX. 5. Exposição Narrativas do Feminino. I. Silva,
Ana Celina Figueira da, orient. II. Título.

LAURA GOMES MACHADO

MULHERES EM EXPOSIÇÃO
MUSEU JULIO DE CASTILHOS (2011-2022)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção de título de Mestre em Museologia e Patrimônio.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Celina Figueira da Silva – UFRGS
Orientadora

Profa. Dra. Camila Azevedo de Moraes Wichers – UFG
Examinadora

Profa. Dra. Giane Vargas Escobar – UFRGS
Examinadora

Profa. Dra. Zita Rosane Possamai – UFRGS
Examinadora

Dedico este trabalho aos meus pais, Ivanir e Neusa.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela oportunidade de desenvolver esta pesquisa.

À minha orientadora, Ana Celina Figueira da Silva, expresseo meu agradecimento por sua paciência, dedicação, disponibilidade e apoio ao longo de toda esta jornada acadêmica. Seus ensinamentos, as discussões e reflexões foram fundamentais para a escrita desta dissertação.

Agradeço também às professoras Camila Azevedo de Moraes Wichers e Zita Rosane Possamai pelas contribuições fundamentais durante o exame de qualificação; e à professora Giane Vargas Escobar, pela valiosa participação na banca final.

Meu agradecimento estende-se a todas as professoras e colegas do Programa, cujas discussões enriquecedoras ajudaram a moldar tanto esta pesquisa quanto meu crescimento pessoal e profissional.

Aos servidores do Museu Julio de Castilhos pelo acolhimento, e em particular à Angelita, que generosamente compartilhou os dados necessários e seu tempo para receber minha pesquisa.

À minha família e amigos, que proporcionaram suporte emocional, encorajamento e compreensão nos momentos em que mais precisei. Agradeço em especial, aos meus pais, Ivanir e Neusa. A fé inabalável de vocês dois em minha capacidade foi uma fonte constante de força. Estendo meus agradecimentos às minhas irmãs, Elisangela e Tatiane, cujo apoio e incentivo foram essenciais em cada etapa deste percurso.

Aos que direta ou indiretamente fizeram parte desta trajetória, meu mais sincero agradecimento.

[...] Minhas senhoras, nós temos sido vítimas dos prejuízos das preocupações do século; nós temos sido olhadas como seres à parte na grande obra da regeneração social, quando sem nós impossível seria à humanidade aperfeiçoar-se e progredir [...] Nós temos sido caluniadas, dizendo-se que somos incapazes dos grandes acontecimentos, que somos de inteligência fraca, de perspicácia mesquinha; e que não devemos passar de seres caseiros, de meros instrumentos do prazer e das conveniências do homem [...] Vós, que rebaixastes a dignidade da mulher, que a considerastes como um ser quase desprezível, vinde! Eu vos chamo a juízo no tribunal de vossa própria razão! O ser que vilipendias deu a vida a vossos heróis e a vossos sábios! [...] Negaste-nos o direito de obter cargos e honras, entretanto deixaste-nos o direito de distribuí-las. Fechaste-nos as portas da ciência; mas nunca podereis privar-nos de avassalar os sábios e os heróis com os recursos de vosso engenho. Em conclusão, senhoras, nós aparentemente os vencidos, somos na realidade os vencedores.

(Luciana de Abreu, 1873)

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar a presentificação das mulheres nas exposições que o Museu Julio de Castilhos realizou no período de 2011 e 2022. Toma como objeto de estudo especificamente duas exposições realizadas no intervalo de tempo pesquisado: a exposição temporária “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX”, realizada em 2014 e a exposição de longa duração “Narrativas do Feminino”, iniciada em 2020. A pesquisa identifica quais coleções foram selecionadas para as exposições analisadas, identificando o processo de formação das exposições e o segmento social a que se relacionam; bem como a narrativa museal de representatividade das mulheres. Utiliza autores como Hall (2006); Wichers (2018); Oliveira (2018); Butler (2018a e 2018b); Chartier (1988, 2002, 2021) e Pesavento (1995, 2003, 2006a e 2006b), dentre outros, para fundamentar teoricamente os conceitos de identidade cultural, feminismo, colecionismo, gênero e representação, no sentido de representatividade, e relaciona esses conceitos com as práticas museológicas, a fim de entender o papel dos museus para com a representatividade das mulheres. Adota uma metodologia qualitativa, empregando técnicas de levantamento bibliográfico e análise documental, com estudo de caso. Analisa como as exposições no Museu podem servir como meios de resistência cultural, desafiando a presentificação convencional e promovendo uma narrativa mais inclusiva e representativa. Identifica a importância de práticas curatoriais conscientes que reconhecem e valorizam as contribuições das mulheres na sociedade e na cultura. Revela que as exposições apresentaram um espectro diversificado de mulheres, abrangendo diferentes períodos históricos, desde a pós-abolição até a primeira metade do século XX, ao presentificar mulheres em variadas condições sociais: esposas de políticos renomados, como Honorina de Castilhos, mulheres negras como Isaura de Bittencourt, mulheres educadoras, como Adelina de Bittencourt e mulheres libertas comerciantes, como Tia Forosa. Considera que o Museu Julio de Castilhos apresenta uma mudança significativa na abordagem das questões de gênero, contribuindo para a sensibilização e a promoção da diversidade e inclusão por meio de suas práticas museológicas.

Palavras-chave: Museu Julio de Castilhos; Representatividade das mulheres; Gênero; Exposição Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX; Exposição Narrativas do Feminino.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the portrayal of women in the exhibitions held at the Julio de Castilhos Museum from 2011 to 2022. It specifically focuses on two exhibitions within this time frame: the temporary exhibition “Isaura and Adelina: Black Women in 19th Century Porto Alegre”, conducted in 2014, and the long-term exhibition “Narratives of the Feminine”, initiated in 2020. The research identifies the collections selected for these exhibitions, elucidating the formation process and the social segments they address, as well as the museum narrative concerning women's representation. Theoretical grounding is provided by authors such as Hall (2006); Wichers (2018); Oliveira (2018); Butler (2018a and 2018b); Chartier (1988, 2002, 2021); and Pesavento (1995, 2003, 2006a, 2006b), among others, who discuss cultural identity, feminism, collecting, gender, and representation in the context of visibility. This framework is related to museological practices to understand the role museums play in representing women. A qualitative methodology is employed, utilizing bibliographic surveys and document analysis, with a case study approach. The analysis explores how exhibitions at the museum can serve as means for cultural resistance, challenging conventional portrayals and promoting a more inclusive and representative narrative. It highlights the importance of conscious curatorial practices that recognize and value women's contributions to society and culture. The study reveals that the exhibitions showcased a diverse spectrum of women, spanning different historical periods from post-abolition to the first half of the 20th century, presenting women in various social conditions: from wives of renowned politicians like Honorina de Castilhos, to black women like Isaura de Bittencourt, female educators like Adelina de Bittencourt, and freed businesswomen like Tia Forosa. The Julio de Castilhos Museum is seen as having made significant progress in addressing gender issues, contributing to raising awareness and promoting diversity and inclusion through its museological practices.

Keywords: Julio de Castilhos Museum; Women's representations; Gender; Isaura and Adelina: Black Women in 19th Century Porto Alegre Exhibition; Narratives of the Feminine Exhibition.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sede principal do Museu Julio de Castilhos e antiga residência de Julio de Castilhos.....	39
Figura 2 – Prédio anexo do Museu Julio de Castilhos	39
Figura 3 – Retrato de Anita Garibaldi	53
Figura 4 – Fotografia da família de Julio de Castilhos.....	54
Figura 5 – Abertura da exposição “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX”	67
Figura 6 – Expografia com representações negras femininas (ao centro) e abertura da exposição “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX”...	68
Figura 7 – Representação negra feminina	70
Figura 8 – Representação negra feminina	70
Figura 9 – Representação negra feminina	71
Figura 10 – Leque verde com espelho	72
Figura 11 – Leque preto	72
Figura 12 – Retrato de Aurélio Viríssimo de Bittencourt exposto no MJC	74
Figura 13 – Texto expositivo ao lado do retrato de Aurélio Viríssimo de Bittencourt.	75
Figura 14 – Mapa genealógico da família Bittencourt	78
Figura 15 – Intervenção artística e roda de conversa na abertura da exposição “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX”.....	81
Figura 16 – Espaço físico da exposição “Narrativas do Feminino”	83
Figura 17 – Espaço virtual da exposição “Narrativas do Feminino”	83
Figura 18 – Espaço “Linha do Tempo” na exposição “Narrativas do Feminino” – Fase 1	89
Figura 19 – Espaço “As Lavadeiras” na exposição “Narrativas do Feminino”	91
Figura 20 – Espaço “Mulheres da Elite” na exposição “Narrativas do Feminino”	93
Figura 21 – Espaço “Mulheres da Elite” na exposição “Narrativas do Feminino”	93
Figura 22 – Espaço “Mulheres da Elite” na exposição “Narrativas do Feminino”	94
Figura 23 – Espaço “Mulheres Intelectuais” na exposição “Narrativas do Feminino” – Fase 1	96
Figura 24 – Espaço “Odila Gay da Fonseca” na exposição “Narrativas do Feminino”	98
Figura 25 – Painel de abertura da exposição “Narrativas do Feminino”	99

Figura 26 – Espaço “Linha do Tempo” na exposição “Narrativas do Feminino” – Fases 2 e 3.....	101
Figura 27 – Espaço “Mulheres Intelectuais” na exposição “Narrativas do Feminino” – Fases 2 e 3.....	102
Figura 28 – Espaço “Vestidas para casar” na exposição “Narrativas do Feminino”	103
Figura 29 – Espaço “Costurando histórias de vida” e Lina Antonieta Zanini na exposição “Narrativas do Feminino”	105
Figura 30 – Fotografia de Tia Forosa no espaço “Onde estão as mulheres negras?” na exposição “Narrativas do Feminino”	107
Figura 31 – Espaço “Os almanaques e o comportamento feminino” na exposição “Narrativas do Feminino”	109
Figura 32 – Painel do espaço “Os almanaques e o comportamento feminino” na exposição “Narrativas do Feminino”	110

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Percentual de exposições com foco na temática sobre as mulheres realizadas entre 2011 e 2022 no MJC.....	66
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Exposições realizadas no Museu Julio de Castilhos – 2011 a 2022	61
Quadro 2 – Expografia da exposição “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX”	67
Quadro 3 – Acervo utilizado na exposição “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX”	68

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AHRGS	Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Dc	Documentos
Ic	Iconografia
Id	Indumentária
IHGRGS	Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul
IHGSP	Instituto Histórico e Geográfico da Província de São Pedro
IPA	Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista
MABE	Museu de Arte de Belém
MARGS	Museu de Arte do Rio Grande do Sul
MASP	Museu de Arte de São Paulo
Md	Medalhas
MHJC	Museu de História Julio de Castilhos
MJC	Museu Julio de Castilhos
Mq	Máquinas
OP	Objetos de Uso Pessoal
PPGMusPa	Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio
PRR	Partido Republicano Rio-Grandense
RS	Rio Grande do Sul
SESI	Serviço Social da Indústria
SFA	Sociedade Beneficente e Cultural Floresta Aurora
UD	Utensílios Domésticos
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Vr	Vários

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
2	MUSEU JULIO DE CASTILHOS: HISTÓRICO, CONTEXTO E ACERVO.....	36
2.1	O perfil centenário.....	37
2.2	O perfil do acervo retratado ao longo do tempo.....	44
3	EXPOSIÇÕES E AÇÕES: AS MULHERES NO MUSEU JULIO DE CASTILHOS.....	58
3.1	Caminhos da pesquisa.....	58
3.2	Exposição “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX”.....	66
3.3	Exposição “Narrativas do Feminino”.....	82
3.3.1	“Narrativas do Feminino” – Fase 1.....	87
3.3.2	“Narrativas do Feminino” – Fases 2 e 3.....	98
4	PRESENTIFICAÇÃO DAS MULHERES NO MUSEU JULIO DE CASTILHOS: EVIDÊNCIAS E DISCUSSÕES EM EXPOSIÇÕES... 113	113
4.1	Representatividade, resistência e dinâmicas de poder.....	114
4.2	Impacto cultural das exposições.....	121
4.2.1	<i>Impacto da narrativa da exposição “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX”.....</i>	<i>124</i>
4.2.2	<i>Impacto da narrativa da exposição “Narrativas do Feminino”.....</i>	<i>127</i>
4.3	Rupturas nos discursos e desafios sociais.....	132
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	139
	REFERÊNCIAS.....	148
	APÊNDICE A – Quadro de objetos do acervo do Museu Julio de Castilhos – Exposição “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX”.....	159
	APÊNDICE B – Quadro de objetos do acervo do Museu Julio de Castilhos – Exposição “Narrativas do Feminino”.....	162
	ANEXO A – Relatório da Exposição “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX”.....	180

ANEXO B – Plano Museológico do Museu Julio de Castilhos (2021-2026).....	183
-------------------------------------------------------------------------------------------	------------

1 INTRODUÇÃO

[...] se poderia dizer que todo meu trabalho gira ao redor desta questão: o que é o que conta como uma vida? E de que maneira certas normas de gênero restritivas decidem por nós? Que tipo de vida merece ser protegida e que tipo de vida não?

Judith Butler

As práticas sociais de diferenciar e priorizar certos segmentos sociais são replicadas na forma como os objetos são escolhidos e apresentados nos museus. Esses objetos não são apenas peças históricas ou culturais; eles são selecionados e organizados de uma forma que reflete os valores dominantes na sociedade que os musealiza. Os objetos em um museu são descritos como representantes das pessoas e culturas das quais originam. Isso destaca a natureza da representatividade nos espaços museológicos – o que é escolhido para ser exibido e como é apresentado pode reforçar ou desafiar narrativas culturais e sociais dominantes. A musealização pode perpetuar desigualdades ou ser usada como uma ferramenta para questionar e redefinir relações de poder e identidade. Portanto, os museus participam ativamente na moldagem de narrativas culturais através de suas práticas curatoriais e exposições, de uma maneira que reflete as dinâmicas de poder e concepção da sociedade. Definindo, “selecionamos, hierarquizamos, privilegiamos, subalternizamos e segregamos pessoas e culturas. Os objetos que musealizamos as representam. Fazemos o mesmo com eles [...]” (Bulhões, 2016, p. 10).

Nesse contexto, tornou-se necessário problematizar o que foi valorizado como memória e o que foi omitido, especialmente em relação às figuras que foram esquecidas. É evidente a escolha de preservar e afirmar certas memórias em detrimento de outras, destacando-se o papel das mulheres, frequentemente negligenciadas nesse processo. A memória cristaliza-se quando o objeto já não está mais presente, de forma que é sempre uma recriação deste e, como tal, mantém continuidades e disparidades em relação ao passado que ele representa, afirma Myrian Santos (2009). Esta concepção de memória como uma recriação dinâmica fornece um contexto relevante para a análise das motivações que impulsionaram minha trajetória acadêmica até o presente estudo.

Refletindo sobre essa jornada até esta pesquisa, é fundamental rememorar as escolhas e vivências que me conduziram a este ponto. Minha formação em Arquivologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e

especialização em Gestão de Documentos e Informações pela Faculdade Unyleya, aliada à minha experiência como arquivista na UFRGS, motivaram-me a aprofundar os estudos e pesquisas relacionados à Ciência da Informação e ao Patrimônio.

Embora minha formação seja predominantemente em Arquivologia, sempre me fascinou a Museologia, tendo em vista que os espaços museais refletem determinadas construções de identidade. Posto que inicialmente minha pretensão ao ser aluna de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPGMusPa) fosse trabalhar em pesquisa relacionada aos arquivos, quis a vida, e as minhas escolhas, que surgisse o belo desafio de explorar o campo museológico, especialmente a presentificação das mulheres nos museus.

Minha trajetória de vida e as experiências pessoais e profissionais me direcionaram ao estudo da presentificação das mulheres, com um foco particular nas mulheres negras. Como mulher branca, reconheço os privilégios que acompanham minha identidade e entendo a importância de utilizar essa posição para destacar e, como bell hooks (2019) define, “erguer as vozes” das mulheres que historicamente foram marginalizadas e invisibilizadas. Desde cedo, fui impactada pelas histórias de resistência e superação de mulheres em diversas esferas da sociedade, e isso despertou em mim uma profunda admiração e um forte desejo de contribuir para a valorização dessas narrativas.

Para chegar a esta proposição de pesquisa, seguramente foi necessário um caminhar mais lento, a fim de me apropriar de conceitos e práticas museológicas ao longo do período de um pouco mais de dois anos de profunda imersão na Museologia. Ao realizar leitura, análise e seminário sobre a obra de Regina Abreu (1996), “A Fabricação do Imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil” na disciplina “Museu e Museologia: História, Teoria e Métodos”, ministrada no módulo I pela Profa. Dra. Zita Possamai, surge fator determinante que indaguei à época: E Alice da Porciúncula? Figura central, mas ocultada na narrativa expográfica no Museu Histórico Nacional. Que impressões podemos discutir acerca da figura da mulher que, fundamentalmente, é protagonista para tal fabricação da memória de seu marido, mas que não é retratada?

Seguindo nesta mesma disciplina, ao desenvolver um ensaio crítico, reafirmei a escolha de um tema que me acompanha aqui: a presentificação das mulheres nos museus. A partir dos estudos apresentados por Regina Abreu em sua obra já citada e por Mathilde Bellaigue (2009), em “Memória, Espaço, Tempo e Poder”, surgiram

questões sobre identidade cultural, gênero, feminismo, memória, representatividade, presentificação e coleções. Consoante às questões suscitadas, emergiu a problematização sobre a presentificação das mulheres no Museu Julio de Castilhos (MJC), a instituição museológica mais antiga em funcionamento, no estado do Rio Grande do Sul, criada em 1903.

Do alto dos 121 anos de fundação do Museu Julio de Castilhos – completados no ano de 2024 – instituição que representa por meio de suas coleções, conforme Andréa Silveira (2020), as tradições e os valores constituídos pelo ideário masculino, em um contexto patriarcal, androcêntrico e machista, que reverbera o elitismo, a nobreza, as relações de poder, a “consagração” de uma construção masculina, e a fabricação da memória, fez-se necessário que se realizasse pesquisa sobre as mulheres nesse cenário.

Silveira (2020) traz em sua tese, “História das mulheres no Museu Julio de Castilhos (POA, RS): presenças e ausências nos objetos documentados (1995-2010)”, uma análise sobre a história das mulheres no Museu Julio de Castilhos de 1995 até o ano de 2010 e, com esse enfoque, realizamos reflexões sobre as questões de identidade cultural, feminismo, colecionismo, gênero e representação, no sentido de representatividade das mulheres nos museus. Instigada, principalmente, a partir do trabalho citado, surgiu a proposta desta pesquisa abarcando o período compreendido entre 2011 e 2022 no MJC, quando a questão de gênero se fez mais presente no debate público, permeando a Museologia com reflexões contemporâneas relativas à resistência e ao empoderamento das mulheres.

Justificou-se o recorte temporal até o ano de 2022 visto que entre 2020 e 2021, devido à pandemia de Covid-19, o Museu esteve fechado à visitação e, após reabertura, elaborou novas exposições, onde também foram verificadas as presenças das mulheres.

Para Bellaigue (2009), a implementação de um museu está – ou deveria estar – ligada à consciência de um espaço físico, social, cultural, tornando o museu apreensível, legível, compreensível, assim envolve-se a população, seus questionamentos, suas necessidades, seus desejos, na tentativa de se aproximar das pessoas nesse espaço-território. A população precisa atuar diretamente como um agente, em que o museu se desenvolve sobre uma realidade cotidiana. Necessita ser recusado o lado elitista e patriarcal dos museus.

Bellaigue (2009) ainda enfatiza que as transformações urbanas nesses

espaços onde os museus se localizam e as disputas de poder podem gerar destruição, esquecimento do que se quer preservar como testemunho da história. Todo espaço é portador dos traços da história – ou do aniquilamento desses traços. Faz-se necessário assinalá-los, e ainda aos signos e símbolos da identidade e a tudo aquilo que possa tornar-se instrumento de sensibilização, de educação, de desenvolvimento, de criação.

Abreu (1996) expressa sobre a experiência sensível, que os significados não se encontram revelados de imediato, mas que demandam um complexo trabalho de decodificação, análise, interpretação, constituindo expressivo fenômeno à medida que o que está em jogo são relações sociais. Nesse contexto, “[...] os museus representam os gêneros de modo a reiterar as relações e os lugares de mulheres e homens na ordem social hegemônica do sistema patriarcal” (Oliveira; Wichers; Queiroz, 2019, p. 96). Isso nos indicou a importância de estudar e discutir as coleções e a construção da memória nos museus, enquanto prática social, condicionadas pelas relações de gênero.

Santos (2009, p. 115) coloca que se procura lidar com a “[...] dupla personalidade dos museus: sua vocação de fazer história e seu pertencer à história” e, essa dualidade é explorada através de questionamentos feitos nesse tempo presente, os quais mostram-se fundamentais para a construção do conhecimento histórico. Nessa linha, como num filme, interessa tanto o que aparece na exposição quanto o extracampo, o que é ocultado, disfarçado, oprimido, mas continua importante para entender os significados daquilo que é exposto, de acordo com Selva Guimarães e Marcos Silva (2014).

Nessas relações de memória e gênero, surgiu questionamento sobre a presentificação das mulheres nos museus. O discurso construído a partir dos acervos museológicos é marcado pela escolha do que privilegiar nesta presentificação, então, nessa análise “memória-espaço-tempo-poder” que Bellaigue (2009) coloca, buscamos nesta pesquisa vislumbrar quais as escolhas emergiram no Museu Julio de Castilhos sobre a presentificação das mulheres, através da análise de duas exposições ocorridas no período de 2011 a 2022: a exposição “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX” e a “Narrativas do Feminino”.

Nesse contexto, foi que se colocou o questionamento que alavancou a pesquisa: quais mulheres são presentificadas nas exposições do MJC nos últimos anos?

Assim, compreende-se que esta pesquisa buscou responder o que fora construído no Museu quanto à questão de gênero como fator determinante para as narrativas das mulheres. Importante distinguir se essa construção foi moldada como cita Bruno Soares (2019), a serviço daquelas identidades que temem as experiências culturais diversas, percebendo as diferenças como ameaça ao patriarcalismo que ainda vigora ou, ainda como segue apontando o autor, se as realidades sociais foram trazidas a debate e construídas sob o aspecto de reconstruir as performances culturais que presentificam as identidades a partir de suas próprias interpretações nas exposições dos museus. Ou seja, esses questionamentos não apenas procuraram compreender o lugar das mulheres na construção histórica e cultural, mas também desafiaram a forma como as instituições museológicas abordaram as experiências das mulheres, abrindo espaço para uma análise crítica das estruturas patriarcais subjacentes ou, alternativamente, para uma narrativa mais inclusiva que dê ouvidos à diversidade de experiências e identidades das mulheres. No cerne dessas reflexões, emergiu a indagação sobre a presentificação das mulheres elaboradas pelo Museu Julio de Castilhos ao longo do tempo recente.

Exposta a problemática, prosseguiram os objetivos a serem alcançados. O objetivo geral se configurou por analisar a presentificação das mulheres nas exposições que o Museu Julio de Castilhos realizou no período de 2011 a 2022. Como objetivos específicos delineamos os seguintes:

- a) Mapear as exposições realizadas no Museu Julio de Castilhos no período de 2011 a 2022 relativas à temática das mulheres.
- b) Identificar quais coleções foram selecionadas para as exposições mapeadas, identificando o processo de formação das exposições e o segmento social a que se relacionam;
- c) Analisar na narrativa museal do período a representatividade das mulheres.

O presente estudo demonstrou sua relevância sob vários aspectos. Primeiramente, no sentido de fomentar futuras pesquisas acerca da temática de gênero no Museu Julio de Castilhos, que até o momento, embora já possua diversos estudos realizados sobre a história da instituição e suas coleções, identificamos apenas um trabalho de fôlego abordando a questão das mulheres no MJC, que é a tese de Silveira (2020), anteriormente mencionada. Relativo à história institucional podemos apontar os trabalhos de Zita Rosane Possamai (2012; 2014), Ana Celina

Figueira da Silva (2011; 2018), Iandora de Melo Quadrado (2022), Andréa Reis da Silveira (2011) ao pesquisar práticas expográficas e Gabriela Gonçalves da Rosa Ferreira (2021), ao estudar a relação museal com a economia da cultura. Importante mencionar a dissertação de Letícia Nedel (1999), que podemos considerar a primeira pesquisa acadêmica que toma o MJC como objeto de estudo. Também já se pode identificar pesquisas voltadas às coleções do MJC, como de Roberta Madeira de Melo (2019), que propôs compreender as narrativas sobre os povos originários na coleção etnográfica e Lucas Antonio Morates (2012), que analisou os principais elementos expográficos e museográficos que compõem a sala Revolução Farroupilha. Todas essas produções tomam o MJC como objeto de pesquisa, mas não sob o prisma que propus nesta Dissertação, verificando a representatividade construída sobre as mulheres. O trabalho que mais se aproximou desta proposta e que nos inspirou, foi o de Andréa Reis da Silveira (2020). A pesquisadora trabalhou em sua Tese dedicando-se à análise dos objetos do acervo do Museu Julio de Castilhos, com foco nos itens adquiridos por doação no período de 1995 a 2010, que englobaram as coleções de Indumentária, Iconografia e Documentos. Posto isso, Silveira identificou a *presença da ausência* no que diz respeito às histórias das mulheres nessas coleções. No entanto, nossa pesquisa avançou no recorte temporal.

Considera-se que o tema desta pesquisa se alinha a assuntos relevantes à comunidade, ao passo que também contribui para reflexões sobre a construção da memória na época abordada, diante dos debates e embates que ocorrem contemporaneamente no âmbito dos museus e da sociedade. Diante da abordagem mencionada, buscou-se contribuir com as pesquisas sobre a identidade cultural e a construção da memória no campo museológico, por meio de manifestações das mulheres, que têm memórias coletivas a construir e direitos a reivindicar.

Sob esse prisma, se instalou a presente pesquisa nas coleções e exposições do Museu Julio de Castilhos. As relações de hierarquia presentes nas relações de gênero precisam ser estudadas, faladas, evidenciadas e não silenciadas. Mostrou-se impreterível que reflitam em pesquisas e estudos que abarquem diversas percepções, e que nessas experiências, as ações sejam ponderadas, executadas e continuadas, envolvendo o feminismo, as questões de gênero, a representatividade, a resistência enquanto identidade cultural e a construção da memória. Com esta intenção, buscou-se trabalhar as nuances de uma materialização da importância da memória, expressando a cultura, a forma de representatividade social das mulheres no campo

dos museus e do patrimônio em um determinado momento histórico.

Com a finalidade de compreendermos melhor o objeto de estudo foi necessário indicar trabalhos que dialogassem com a pesquisa. Assim, foram aventadas pesquisas que de alguma maneira enfocassem as construções das narrativas e exposições nos museus, em especial sobre o Museu Julio de Castilhos, procurando identificar conexões e possíveis diálogos entre as narrativas museais e o entendimento de quais memórias foram evocadas por estes espaços. Outra questão considerada foi a formação da presentificação das mulheres nos museus, inclusive no Museu Julio de Castilhos, buscando analisar de que modo os acervos e exposições refletiam o olhar e a narrativa do museu na qual se colocava.

Apontamos alguns trabalhos para demonstrar a diversidade de perspectivas e os possíveis diálogos com a pesquisa. Estas explorações foram relevantes para definir os aspectos que permearam a pesquisa. Ao partir para o estudo sobre a presentificação das mulheres no Museu Julio de Castilhos – no recorte temporal ora delimitado –, anteposto foram indicados trabalhos que abordaram a construção das narrativas e coleções em museus, em especial no MJC, conforme prosseguimos.

Ao pesquisarmos sobre como o Museu construiu narrativas ao longo do tempo, a Dissertação “Objetos de coleção, pesquisa e educação: representações sobre os povos indígenas no Museu Julio de Castilhos (1901-1958)”, de Roberta Madeira de Melo (2019), investigou quais os sentidos atribuídos nas narrativas expográficas do MJC aos povos originários. Há uma distinção importante a ser feita, visto que nossa pesquisa explorou um aspecto específico das exposições do Museu Julio de Castilhos, ao analisarmos quais as mulheres foram presentificadas ao longo do tempo nas exposições do Museu, enquanto essa pesquisa de Roberta abordou as representações dos povos originários.

No que diz respeito ao desenvolvimento do Museu Julio de Castilhos para um museu histórico, como ainda configura atualmente, a Tese de Ana Celina Figueira da Silva (2018) denominada “Investigações e evocações do passado: O Departamento de História Nacional do Museu Julio de Castilhos (Porto Alegre-RS, 1925-1939)”, abarcou estudo sobre as transformações das narrativas museais que levaram o MJC, de um caráter enciclopédico a um processo de constituição como museu histórico. Esse trabalho contribuiu para este estudo no sentido de compreender a construção de temáticas e personagens presentes na concepção de museu histórico à luz da formação de coleções e exposições e a consciência do que e de quem deveria evocar

a memória de uma região.

Já no estudo de Letícia Borges Nedel (1999), a Dissertação “Paisagens da Província!: o regionalismo sul-rio-grandense e o Museu Julio de Castilhos nos anos cinquenta”, retomamos as relações de “memória-espaço-tempo-poder” analisadas por Bellaigue (2009), ao identificarmos que a autora abordou a conotação política e as relações de poder no regionalismo assumido como discurso pelo Museu, estando em conexão com as diretrizes do Estado Novo de difundir a imagem do governo a partir de uma história regional. A temática apontada mostrou-se relevante no que se refere a análise da presentificação, articuladas em um campo museal formado de lutas por poder, espaço e memória que ocorreram no âmbito do próprio Museu Julio de Castilhos quanto ao que transparece sobre as relações sociais e a construção de seu acervo, todavia, essa pesquisa não se concentrou na análise específica da presentificação das mulheres nas exposições do Museu Julio de Castilhos no período evidenciado em nosso estudo.

Em Dissertação intitulada “O Museu Julio de Castilhos no período 1960-1980: acervos, discursos, representações e práticas através de uma exposição museológica”, Andréa Reis da Silveira (2011) retratou os discursos, as práticas e as representações daquele período, determinando uma imaginação museal a respeito do Museu, a história construída nele e seus semióforos. O objeto de estudo da referida pesquisa alinhou-se aos aspectos analisados nesta pesquisa no que se refere a explorar a maneira como a narrativa museal, as coleções e as exposições foram tratadas no Museu Julio de Castilhos, porém, não direcionou para a análise das mulheres nas exposições realizadas mais recentemente, como em nosso estudo.

As obras destacadas acima compuseram um cenário acerca da consolidação de estudos sobre a construção de narrativas e a formação da museália, em diferentes cenários de espaço-tempo, mas convergiram sobretudo para compreensão do ambiente estudado, o MJC. Neste viés, permitiram reflexões sobre as relações entre a atuação das instituições museológicas frente a contextos políticos e sociais em que estavam inseridos. Enfim, demonstrou o museu como um lugar que assume função de compreensão da sociedade. Adiante, no propósito de elucidarmos a função dos museus enquanto espaços de representatividade, tornou-se importante verificar como essas instituições promoveram suas práticas quanto à presentificação das mulheres, conforme percorremos a seguir.

Outra questão considerada no desenvolvimento da pesquisa relacionou-se em

como os museus, inclusive o Museu Julio de Castilhos, abordaram as mulheres, revelando em uma visão crítica às concepções e às práticas institucionais espelhadas por práticas sociais de um determinado período. Apontamos produções que dialogaram com a temática da pesquisa, direta e indiretamente.

Concentrada na interseção teórica entre a Museologia, especialmente na abordagem da sociomuseologia, e a análise de gênero, Aida Maria Dionísio Rechená (2011) examinou em sua Tese “Sociomuseologia e gênero: imagens da mulher em exposições de museus portugueses” a presentificação da mulher em exposições de alguns museus portugueses.

Ao continuarmos um diálogo com as produções, Silvia Raquel de Souza Pantoja (2022) investigou na Dissertação “Mulheres negras visualizadas e ignoradas: uma análise de narrativas expográficas no Museu de Arte de Belém (MABE)” especificamente sete imagens de mulheres negras retratadas em pinturas na mostra “Janelas do passado, espelhos do presente: Belém do Pará, arte, imagem e história”. Essa análise interagiu com o objetivo de nossa problemática pesquisada ao ter destacado a importância de questionar e problematizar a presentificação de mulheres negras nos espaços expográficos museológicos.

Nesta pesquisa, também dialogamos com a produção que abordou a formação das instituições museais brasileiras, que ocorreu a partir de lógicas eurocêntricas e colonizadoras, historicamente subvalorizando as culturas indígenas e negras. Isso foi apresentado pelo olhar crítico de Deborah Silva Santos (2021) em sua Tese “Museologia e Africanidades: Experiências museológicas de mulheres negras em museus afro-brasileiro”. O trabalho destacou como as mulheres negras nos museus enfrentaram a invisibilidade, o silenciamento e o apagamento, assim como a presentificação estereotipada e hipersexualizada perpetuada pelo estigma da escravidão. Esses elementos estavam em sintonia com o objetivo desta pesquisa, ao analisar a presentificação das mulheres nas exposições do Museu Julio de Castilhos, especialmente no que tange à valorização, visibilidade e empoderamento das mulheres negras na esfera museológica.

Seguindo, evidenciamos as conexões desta pesquisa com o artigo “Mulheres negras e louças finas: três narrativas entre ocultamentos e visibilidade”, das autoras Joseania Miranda Freitas e Rosa Catão Cruz (2022), ao descreverem a presença de mulheres negras nos acervos de porcelana, desafiando a narrativa predominante nos museus de arte decorativa que as retratam apenas como cuidadoras no contexto

colonial e imperial-escravista. Essa perspectiva ressaltou a importância de examinar a presentificação das mulheres, particularmente das mulheres negras, nas exposições do Museu Julio de Castilhos.

No cenário do Museu Recanto do Balseiro, Lilian Santos da Silva Fontanari (2020) buscou em sua Dissertação “Memórias silenciosas: (in) visibilidade e saberes femininos no Museu Recanto do Balseiro, Itá, Santa Catarina”, discutir a invisibilidade da mulher reconstituindo as histórias de vida de mulheres a fim de compreender como o museu opera a memória da mulher. Essa abordagem revelou conexões com o objetivo de analisar a presentificação das mulheres nas exposições do Museu Julio de Castilhos, no período de 2011 a 2022, ao abrir espaço para novas abordagens que buscaram incluir essas narrativas nas ações culturais dos museus, analisando marcas de invisibilidade e silenciamentos. Isso sugeriu uma reflexão sobre como as mulheres podem se reconhecer e ressignificar seu local na sociedade através dessa representatividade simbólica.

O trabalho de Joana Angélica Flores Silva (2015), a Dissertação “A Representação das Mulheres Negras nos Museus de Salvador: Uma Análise em Branco e Preto” ofereceu uma análise sobre a representação das mulheres negras nos museus, indicando a desvalorização e o preconceito impostos às figuras das mulheres possibilitando aprofundar conceitos e discussões dos campos raciais e de gênero, delineando como se deram estas abordagens adotadas pelo Museu Julio de Castilhos em suas exposições.

Ao proporcionar um olhar crítico sobre a desigualdade de gênero na composição dos acervos e coleções de arte em museus, especialmente no Museu de Arte de São Paulo (MASP), a Tese de Doutorado de Marla Michelle Nascimento Portela do Prado (2022) “Quais artistas visuais nos museus? Representação e representatividade de artistas mulheres no MASP”, emergiram reflexões sobre a representação e a representatividade de artistas mulheres nos territórios institucionais. Este estudo mostrou-se relevante à medida que abordou debates sobre representatividade e suas interlocuções com os estudos críticos e a Museologia Crítica, assim como também pelo fato de que discorreu sobre revisões de estratégias institucionais à luz do feminismo. Essas reflexões contribuíram para entendermos como a representatividade das mulheres foi abordada no Museu Julio de Castilhos durante o período analisado.

Ao ter abordado a presença e a ausência das histórias das mulheres no

contexto do Museu Julio de Castilhos, a Tese “História das mulheres no Museu Julio de Castilhos (POA, RS): presenças e ausências nos objetos documentados (1995-2010)”, de Andréa Reis da Silveira (2020), como já mencionado anteriormente, mostrou-se de grande relevância para nosso objetivo em virtude de que o cenário onde decorreu a análise foi o próprio Museu Julio de Castilhos, ademais, verificou as memórias e as histórias das mulheres durante o período imediatamente antecessor ao investigado neste estudo. À vista disso, dialogou com a temática, inclusive sendo um dos poucos trabalhos voltados para as mulheres no MJC, ao ser possível compreender de maneira substancial como foram desenvolvidas as concepções, narrativas, ações, permanências e mudanças perante as mulheres por meio da materialidade a elas atribuída no Museu.

Os trabalhos apontados acima deram conta de várias nuances que nortearam a pesquisa, porém, em nenhum deles se verificou o objetivo de analisar o Museu Julio de Castilhos no âmbito das suas exposições realizadas, tendo a presentificação das mulheres como enfoque. Outrossim, verificou-se que não houve pesquisas que tiveram por objeto de estudo o MJC visando analisar o período estudado. Até o momento, os trabalhos focaram principalmente no período de surgimento do Museu, como uma instituição de caráter enciclopédico ou ainda quando este se transformou em um museu histórico, ou seja, as análises centralizaram uma preocupação acerca do período em que os museus de um modo geral seguiram a tendência de especializar-se. Nesta direção, o tempo presente ficou à margem, com exceção da tese de Andréa Reis da Silveira (2020). Logo, tratou-se por refletir sobre um território multifacetado e contraditório de presentificação, por justamente estabelecer relações com o tempo, projeções sobre os itinerários de personagens e da própria sociedade atual por intermédio de elementos simbólicos e materiais no Museu Julio de Castilhos.

Sob este prisma, a pesquisa inclusive constituiu, por oportuno, atentarmos sobre o espaço que o Museu ocupou nos debates sobre a trajetória dos museus no Brasil. Da mesma forma, corroborou para reforçar o papel dos museus enquanto ambientes de representatividade de diferentes manifestações culturais, algo que, embora na atualidade seja compreendido como inerente aos museus, ainda se encontra balizado por relações de hierarquia.

Para percorrermos o trajeto conceitual, articulamos cinco conceitos centrais, vistos como norteadores para efetivar a investigação. Relevantes são os conceitos de

“identidade cultural” e “feminismo”, analisados por Stuart Hall (2006) e Camila Wichers (2018); bem como os conceitos de “coleccionismo” e “gênero”, desenvolvidos nas obras de Ana Cristina Oliveira (2018) e Judith Butler (2018a e 2018b); e de “representação”, no sentido de representatividade, analisado por Roger Chartier (1988, 2002 e 2021) e Sandra Pesavento (1995, 2003, 2006a e 2006b).

Identidade cultural é um conceito que se refere às características, valores, crenças, tradições e costumes que compõem a cultura de um segmento social ou coletividade. Essa identidade é formada ao longo do tempo através da interação social, da história, da religião, da arte e da literatura, entre outros aspectos. Para Hall (2006), o sujeito pós-moderno é conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente, de forma que a identidade se torna uma “celebração móvel”, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

Essa crise de identidade é caracterizada como parte do processo de socialização cultural. Conforme Hall (2006), um tipo de mudança estrutural, de “globalização” e seu impacto sobre a identidade cultural transformou as sociedades modernas no final do século XX, de modo a fragmentar as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, abalando a ideia de sujeitos integrados, deslocando o sujeito de seu lugar e de si. Já não se pode manter a concepção de uma identidade cultural estática, é necessário olharmos e discutirmos o sujeito enquanto possuidor de uma identidade cultural, em que percebemos inúmeras transformações ocorridas.

Portanto, a identidade cultural, como descrita por Hall (2006), não é estática, mas sim uma “celebração móvel”, moldada e transformada continuamente. Ao analisar a presentificação das mulheres nas exposições, explanamos como essas identidades foram construídas, transformadas e, às vezes, contestadas ao longo do tempo. As exposições museológicas, como espaços de narrativas e construção de significados, influenciaram diretamente a forma como as mulheres foram presentificadas e percebidas na sociedade.

A crise de identidade descrita por Hall (2006), influenciada pela globalização e suas ramificações culturais, também se manifestou nas exposições do Museu. A

fragmentação das paisagens culturais, incluindo questões de classe, gênero, raça, ficaram evidentes na presentificação das mulheres nessas exposições. Através dessa análise, entendeu-se como as transformações na percepção do papel das mulheres refletiram e são refletidas nas mudanças mais amplas na sociedade e na cultura. Portanto, ao investigar as mulheres nas exposições do Museu Julio de Castilhos, estivemos não apenas examinando a forma como as mulheres foram retratadas e interpretadas, mas também explorando as complexidades da identidade cultural em um contexto específico, onde as narrativas culturais são dinâmicas e em constante desenvolvimento.

O feminismo conceitua-se sobre uma teoria política e social que luta por igualdade de gênero, direitos e oportunidades para as mulheres, buscando questionar e desconstruir as desigualdades de gênero e as estruturas patriarcais que perpetuam a opressão às mulheres. A luta feminista é interseccional e procura incluir as questões de raça, classe, orientação sexual, identidade de gênero e outras formas de opressão.

Wichers (2018) aponta que o feminismo interseccional tem crescido em proeminência na sociedade contemporânea, sendo extremamente relevante quando se consideram os processos de musealização e as memórias. Esse feminismo é resultado dos questionamentos pioneiros de mulheres negras que passaram a refletir as demandas de um movimento feminista que antes era centrado em mulheres brancas de classe média. Nessa abordagem, é possível defender o fato de que os movimentos feministas em suas passagens de renovação não renunciaram à sua crítica direta à repressão das mulheres. No entanto, a natureza extremamente diversificada da categoria mulher e a demanda por uma abordagem interdisciplinar estão ganhando visibilidade, conforme Wichers (2018).

O conceito de interseccionalidade é uma ferramenta teórica fundamental para compreender como diferentes formas de discriminação e opressão se sobrepõem e interagem. Ivone Caetano (2017, p. 10) destaca que a intersecção de gênero e raça agrava as dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras, exemplificando que “[...] as mulheres negras são discriminadas como mulheres e como negras” (Reichmann, 1995, p. 498). Esta observação sublinha a complexidade das experiências das mulheres negras, que enfrentam múltiplas camadas de discriminação simultaneamente.

Kimberlé Crenshaw (1989), uma teórica feminista negra estadunidense, cunhou o termo “interseccionalidade” no final dos anos 1980 para articular como diferentes

formas de desigualdade e discriminação se entrelaçam. Crenshaw procurou evidenciar como “a intersecção entre gênero e raça, justiça e violência” (Moutinho, 2014, p. 206) cria experiências únicas de opressão que não podem ser plenamente compreendidas quando se examina apenas um eixo de desigualdade. Entretanto, devemos considerar que embora Crenshaw tenha popularizado o termo, as origens da interseccionalidade são anteriores à sua formulação. Carlos Eduardo Henning (2015, p. 103) observa que as raízes do conceito podem ser rastreadas antes da formalização por Crenshaw, indicando uma longa história de pensamento que reconhece a complexidade das identidades e das formas de opressão.

A interseccionalidade é essencial para abordar as desigualdades de forma abrangente. Por exemplo, no contexto do Museu Julio de Castilhos, as exposições que tratam da história das mulheres negras, como “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX”, refletem uma tentativa de aplicar uma perspectiva interseccional. Estas exposições não apenas destacam as contribuições das mulheres, mas também revelam as múltiplas camadas de opressão enfrentadas por elas, ao confrontar tanto o racismo quanto o sexismo. Isaura Dias de Bittencourt, nascida em 1878 em Porto Alegre, destacou-se como uma mulher negra de ascendência econômica e social significativa no período pós-abolição, tendo sido ativa nos círculos da comunidade negra porto-alegrense, como espaços religiosos e clubes sociais negros, onde exerceu funções de destaque e promoveu redes de sociabilidade e visibilidade para sua comunidade. Adelina Lydia Bittencourt, nascida em 1870, foi uma professora negra de destaque em Porto Alegre, formada pela Escola Normal, onde foi uma das primeiras professoras negras, foi premiada por suas habilidades, destacando-se como educadora e figura importante na sociedade porto-alegrense do início do século XX.

Ademais, Laura Moutinho (2014, p. 206) reforça a importância da interseccionalidade ao destacar que ela permite uma análise mais abrangente das desigualdades sociais, integrando “dois grandes eixos estruturadores” que são essenciais para compreender as experiências das mulheres negras. Esta perspectiva é vital para curadorias e práticas museológicas conscientes, que buscam presentificar a diversidade de experiências e resistências das mulheres ao longo da história. Nesse sentido, a interseccionalidade, ao reconhecer a sobreposição de múltiplas formas de discriminação, oferece uma lente crítica para compreender as complexas realidades das mulheres negras. Este conceito, introduzido por Crenshaw e enraizado em uma

longa tradição de pensamento feminista, continua a ser uma ferramenta indispensável para abordar as injustiças sociais de maneira compreensiva e inclusiva.

Ao analisar a presentificação das mulheres nas exposições do Museu Julio de Castilhos, mostrou-se crucial adotarmos uma abordagem interseccional, reconhecendo a diversidade de experiências e identidades das mulheres. Isso implicou em examinar como as exposições museológicas puderam refletir e, por vezes, perpetuar dinâmicas de opressão e/ou invisibilidade, considerando não apenas o gênero, mas também outros fatores interconectados. Nesse sentido, a pesquisa colaborou para uma compreensão mais abrangente e crítica da presentificação das mulheres no contexto específico do MJC, alinhada aos princípios e perspectivas do feminismo interseccional.

Dessa forma, os conceitos de identidade cultural e feminismo foram fundamentais para compreendermos como a presentificação das mulheres em exposições museológicas podem ser influenciadas por diversos fatores, como o contexto histórico, social e político em que a exposição é realizada, as escolhas institucionais e as perspectivas envolvidas no processo de desenvolvimento da exposição. Mostrou-se importante considerarmos que a presentificação das mulheres nos museus podem ser um resultado das lutas e conquistas das mulheres ao longo do tempo, bem como dos desafios e opressões que ainda enfrentam em diferentes contextos. Com esta intenção, como ferramentas de análise, os conceitos permitiram avaliar de que modo pode-se trazer à tona questões quanto ao empoderamento das mulheres, inclusive fornecendo espaço para diálogos e reflexões sobre a construção da identidade cultural e a forma como ela é moldada pela interação entre indivíduos e sociedade.

Para Oliveira (2018), o colecionismo é produto de um universo da elite intelectual, da burguesia e da classe média, assim como também é uma prática social marcada por relações de gênero. Conceitualmente, o fenômeno está presente em todas as culturas, mas com significados diversos, em que, no entendimento de Oliveira (2018), refere-se à especificidade do ato de selecionar e reunir objetos a partir de critérios específicos e de ações que alienam esses objetos do sistema lógico primordial do qual foram retirados, inserindo-os em outras lógicas próprias de cada colecionador ou segmento.

Ao analisarmos a presentificação das mulheres nas exposições realizadas pelo Museu Julio de Castilhos, foi possível considerarmos como essas práticas de

coleccionismo podem ter influenciado na construção das narrativas expográficas e na seleção dos objetos expostos, refletindo e perpetuando determinadas visões de gênero e papéis sociais atribuídos às mulheres ao longo do tempo. Diferentemente de outras produções, não trabalhamos com as coleções do MJC, mas com as exposições. Nesse sentido, tornou-se relevante destacarmos que foram examinados apenas os objetos expostos e que integram alguma coleção do Museu. Além disso, apresentou-se importante investigar como esses objetos foram adquiridos, seja por doações, aquisições, empréstimos ou outras formas, pois isso forneceu percepções acerca das abordagens da Instituição para com a presentificação das mulheres nessas exposições.

Butler (2018b) contesta a noção tradicional do conceito gênero como algo inerente e preexistente, argumentando que o gênero é uma performance construída socialmente. A autora introduz o conceito de “performatividade de gênero”, sugerindo que as normas de gênero são repetidas e reforçadas por meio de ações cotidianas. Para Butler (2018a), o gênero não é uma expressão fixa da identidade, mas sim uma série de práticas que constroem a ilusão de uma identidade estável. Também se destaca a fluidez e a variabilidade das identidades de gênero, desafiando as categorias binárias normativas de masculino/feminino. A autora define que “[...] gênero não é um substantivo [...] seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero. [...] gênero mostra ser performativo no interior do discurso herdado [...]” (Butler, 2018a, p. 44).

Como resultado, destaca-se que o gênero pode ser identificado como uma construção social complexa que influencia a forma como as pessoas são percebidas, tratadas e esperadas de se comportar em suas sociedades. Essa perspectiva influenciou a análise da presentificação das mulheres nas exposições realizadas pelo Museu Julio de Castilhos, pois sugeriu que as normas de gênero presentes nessas exposições não são fixas, mas sim construídas e reforçadas por meio de práticas sociais e discursivas.

Butler (2018a) argumenta que o gênero é performativo, ou seja, é produzido e mantido por meio de ações cotidianas que reproduzem e reafirmam as normas de gênero existentes. Isso implica que a presentificação das mulheres nas exposições do Museu não refletiram uma essência ou identidade fixa, mas sim uma construção social influenciada por normas de gênero dominantes na sociedade. Problematizar o gênero nas relações se torna um instrumento que fortalece a transformação das realidades

sociais, inclusive a construída e presentificada nos museus, analisando na formação das exposições museológicas como esses processos foram também atravessados pelas questões de gênero, abrindo espaço para discussões sobre identidades de gênero não normativas e políticas de reconhecimento e inclusão.

Sob essa ótica destacada, os conceitos de colecionismo e gênero foram primordiais para a análise da trajetória de escolhas e prioridades do Museu Julio de Castilhos quanto à presentificação, podendo estar sujeita a preconceitos e estereótipos de gênero, sobretudo no período delimitado na pesquisa, uma vez que, até o momento, as análises existentes não se detiveram ao que propusemos, configurando uma lacuna. Nossa pesquisa pode ser um exercício importante para examinar não apenas as escolhas de presentificação limitada e estereotipada das mulheres nas exposições, mas também as questões mais amplas de gênero, diversidade e inclusão nas instituições, dialogando sobre a construção social do gênero e seu impacto nas narrativas culturais.

O conceito de representação, no sentido de representatividade, foi fundamental para compreender a dinâmica e a complexidade do mundo social e das práticas culturais. Para Chartier (2002), a representação é um processo que envolve a criação de imagens mentais que são baseadas em uma variedade de fontes, incluindo a linguagem, a mídia e as instituições culturais. O autor argumentou que a representação é um fenômeno histórico e que a maneira como as pessoas percebem o mundo é influenciada por fatores culturais, sociais e políticos. Nesta linha, as representações são construídas socialmente e refletem as atitudes e crenças predominantes de uma determinada época. No entanto, Chartier (2002) destacou uma dualidade nas definições de representação: por um lado, torna a ausência visível ao distinguir entre o que representa e o que é representado; por outro lado, apresenta publicamente algo ou alguém como uma presença. Nesta pesquisa, a questão de representatividade busca fazer presente o ausente, aquele que não está mais, e é representado através de um objeto, uma imagem, e assim o presentifica.

Por outro lado, Pesavento (1995) explicou que como expressão do pensamento, o imaginário participa de um campo de representação e assume a forma de imagens e enunciados que tentam definir a realidade. Entretanto, as representações e discursos da realidade não são representações precisas da realidade, ou, em outras palavras, não são expressões literais da realidade como um espelho. Isso implica ao analisarmos a presentificação das mulheres em uma

perspectiva de ambiguidade, pautada por conexões entre presenças e ausências. Nesse sentido, “as representações são a presentificação de uma ausência, onde representante e representado guardam entre si relações de aproximação e distanciamento” (Pesavento, 2006a, p. 49).

Conseqüentemente, o conceito de representação, como representatividade, foi essencial para compreender as estratégias, histórias e experiências que foram apresentadas no Museu, inclusive interpretando as conexões das narrativas museais ora expostas com a percepção coletiva de uma sociedade, especialmente os itinerários das mulheres, o que convergiu para a criação uma narrativa mais completa, representativa, imersiva e precisa. Ao trabalharmos a representatividade, dialogamos com as concepções trazidas por Sandra Pesavento:

[...] em essência, é um “estar no lugar de”. Da mesma forma, enquanto construções imaginárias, comportam a ambiguidade sempre presente na oscilação própria das representações: ser tanto substituição da coisa ou ser ausente, remetendo a outros sentidos, metaforicamente, e ser a evocação mimética daquilo que representa (Pesavento, 2006b).

Nesta pesquisa, consideramos essa perspectiva de ambiguidade descrita, reconhecendo as conexões entre presenças e ausências das mulheres na construção dessa representatividade nas exposições estudadas.

Essa perspectiva de ambiguidade é especialmente relevante ao considerar como a representatividade das mulheres foi tratada nas exposições museológicas. A presentificação das mulheres através de objetos, imagens e narrativas não apenas traz à tona suas histórias e contribuições, mas também implica na ausência histórica e cultural que muitas vezes marcam suas trajetórias. Essa abordagem possibilita uma reflexão crítica sobre o papel dos museus na construção e perpetuação de narrativas culturais, incentivando uma análise mais inclusiva e complexa da representatividade das mulheres. Assim, a questão da representatividade torna-se um instrumento potente para explorar e reavaliar as dinâmicas de poder, as omissões e as escolhas curatoriais que moldam a percepção coletiva de uma sociedade.

A metodologia adotada nesta pesquisa baseou-se em uma abordagem qualitativa, ao utilizar técnicas de levantamento bibliográfico e análise documental, com estudo de caso, a fim de analisar as exposições realizadas pelo Museu Julio de Castilhos no período de 2011 a 2022, sob o aspecto da presentificação das mulheres. A escolha dessas técnicas deveu-se à condição de compreender o contexto histórico,

social e cultural em que as exposições foram realizadas.

O primeiro passo foi realizar o levantamento bibliográfico por meio de pesquisa em bases de dados, bibliotecas e livros especializados com o intuito de contextualizar e situar a temática proposta, buscando referências teóricas que discutam a presentificação das mulheres nos museus. O levantamento bibliográfico foi realizado para identificar as principais teorias e conceitos relacionados ao tema, bem como as referências que subsidiaram a análise dos dados. A partir da análise dessas fontes, foi possível compreender como a representatividade das mulheres foi construída ao longo do tempo e quais foram as principais influências que moldaram a presentificação.

Em seguida, foi realizada uma análise documental, mediante coleta e análise de documentos oficiais do Museu Julio de Castilhos, como atas de reunião, dossiês de eventos e cursos, dossiês e registros fotográficos, fichas catalográficas, livro tomo, materiais de eventos e divulgação, mensagens impressas de e-mail recebidas e enviadas, ofícios, páginas de redes sociais, plano museológico, processos de aquisição de acervos, projetos, registros de exposições, relatórios de exposições, relatórios de visitação, sítios eletrônicos institucionais, termos de doação, textos de apresentação e outros materiais disponibilizados pela Instituição que fossem passíveis de fornecer informações acerca das exposições e das suas coleções, quais objetos aparecem nas exposições sobre a temática, realizadas no período investigado. Após, foram selecionadas as exposições que tratam da temática das mulheres que foram realizadas no Museu no período da pesquisa, objetivando identificar as mulheres presentes nas exposições. Foram estas: a exposição de curta duração “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX” (2014) e a exposição de longa duração “Narrativas do Feminino” (2020-presente). Foram observados os critérios de seleção e escolha dos objetos expostos, bem como foram analisadas as etiquetas e textos explicativos utilizados nas exposições elencadas. A análise documental visou identificar quais mulheres são presentificadas, quais são as coleções e elementos utilizados nas exposições, quais são as histórias que são contadas e como essa representatividade se relaciona com a história e a memória da sociedade.

Os resultados obtidos ao longo da pesquisa foram organizados em cinco capítulos. Abordamos na Introdução os objetivos, a relevância do tema e a justificativa, além da delimitação da problemática central da pesquisa, revisão da literatura e

metodologia. No Capítulo 2 – **Museu Julio de Castilhos: histórico, contexto e acervo** – abordamos o contexto histórico do Museu, explorando como seu acervo e exposições se desenvolveram ao longo do tempo e qual o papel destas na narrativa cultural e social, especialmente de gênero. No Capítulo 3, intitulado **Exposições e Ações: as mulheres no Museu Julio de Castilhos**, apresentamos as exposições específicas que tratam diretamente da presentificação das mulheres, como “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX” e “Narrativas do Feminino”, elencando e analisando os objetos, imagens e textos que compuseram essas exposições e quais as abordagens sobre as mulheres a partir das narrativas expográficas construídas. No Capítulo 4 – **Presentificação das Mulheres no Museu Julio de Castilhos: evidências e discussões em exposições** – investigamos a presentificação das mulheres nas exposições do Museu, de forma a discutir as maneiras pelas quais essas exposições refletem ou desafiam as normas sociais e culturais predominantes, a partir do cotejamento com os conceitos de identidade cultural, feminismo, colecionismo, gênero e representação, no sentido de representatividade. Nas **Considerações Finais** reunimos as principais conclusões da pesquisa, refletindo sobre o impacto da presentificação das mulheres nas exposições do Museu e como essa presentificação dialoga com questões de gênero e contribui para a narrativa cultural sobre a representatividade das mulheres nos museus, destacando tanto os avanços quanto as lacunas nesse processo.

2 MUSEU JULIO DE CASTILHOS: HISTÓRICO, CONTEXTO E ACERVO

[...] essas instituições estão profundamente vinculadas à produção de saberes em diferentes campos do conhecimento. Sua história, por outro lado, permite uma aproximação com práticas e representações preponderantes em determinados contextos. O que era relevante para ser objeto de colecionamento e de conhecimento dos museus, era também importante para ser conhecido pelas sociedades daqueles contextos. O museu, assim, pode ser vislumbrado como um microcosmo social que interage com um todo maior, nele atuando e dele sofrendo interferência.

Zita Rosane Possamai

O Museu Julio de Castilhos, localizado na cidade de Porto Alegre, é uma instituição cultural de grande relevância histórica e patrimonial. Sua trajetória remonta ao início do século XX, fundado em 1903¹, sob um contexto de profundas transformações políticas, sociais e culturais no Brasil. Como as demais instituições do período, o museu tinha um caráter enciclopédico e voltava-se especialmente para a produção e disseminação de conhecimento científico, com foco nas ciências naturais (Silva, 2018).

Após a Proclamação da República em 1889, o país passou por uma reestruturação política e social que se estendeu por todo o território. Compreendemos que a visão era criar um espaço que abarcasse a história do Rio Grande do Sul e refletisse a identidade única do Estado, valorizando sua herança cultural, visto que, de acordo com Nedel (2005² *apud* Quadrado, 2022, p. 37) “a proposição de se criar um museu tinha eco em uma lacuna existente no Estado até aquele momento [...]”, e assim concluiu-se que “[...] a partir do período republicano o problema da ausência de órgãos destinados à guarda dos vestígios materiais da província foi superado [...]”.

O objetivo de trazermos o histórico, contexto e características do acervo do Museu Julio de Castilhos foi além de simplesmente fornecer informações sobre sua trajetória institucional. Buscou-se, principalmente, evidenciar que ao longo da história, o Museu esteve predominantemente focado em um acervo que não contemplava a representatividade das mulheres, assim como negligenciava a inclusão de narrativas

¹ Nedel destaca que antes do período republicano já havia a intenção de criar um museu na província do Rio Grande do Sul: “Segundo Marlene Madaglia Almeida (1983), a primeira notícia que se tem da existência de um museu no Rio Grande do Sul refere-se ao ano de 1862, e está associada ao efêmero Instituto Histórico e Geográfico da Província de São Pedro (IHGSP), fundado em 1860 e extinto em 1863. Além do projeto de um museu contíguo ao IHGSP, sabe-se do Decreto 1549, que em 17 de dezembro de 1885 previu a criação de um museu provincial, mas que, ao que tudo indica, não chegou a existir de fato” (Nedel, 2005, p. 95 *apud* Silva, 2018, p. 31).

² NEDEL, Letícia Borges. Breviário de um museu mutante. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, n. 23, p. 87-112, jan./jun. 2005.

dos povos originários e dos negros.

Esta abordagem conservadora era evidente nas décadas de 1920 e 1930, quando o Museu direcionava seus esforços para questões históricas regionais, como a Guerra Farroupilha. Durante o período da ditadura militar, essa postura era reforçada por um discurso nacionalista, o que resultava na exclusão de certas narrativas e personagens de nossa história. A partir de meados da década de 2000, contudo, observou-se uma reformulação nos discursos do Museu Julio de Castilhos.

Essa mudança de paradigma foi crucial para compreendermos o papel do Museu no contexto cultural e histórico atual. Ao apresentarmos esse contexto, buscase fornecer um panorama abrangente para a compreensão das exposições analisadas. Isso permitiu não apenas entender o desenvolvimento do Museu ao longo do tempo, mas também destacar sua importância no cenário cultural e histórico da região. Essa contextualização mostrou-se especialmente relevante ao apresentar a importância das exposições realizadas pelo Museu Julio de Castilhos, pois permitiu uma análise aprofundada da representação das mulheres nessas exposições.

Além disso, ao evidenciarmos a mudança de discurso do Museu ao longo do tempo, a pesquisa buscou contribuir para uma reflexão crítica sobre as práticas museológicas e a construção da memória histórica em nossa sociedade contemporânea. Neste capítulo, portanto, traçamos uma jornada pela história do Museu e o seu acervo, desde sua fundação até os dias atuais.

2.1 O perfil centenário

O Museu foi idealizado por Julio Prates de Castilhos³ e criado pelo decreto-lei

³ Julio Prates de Castilhos nasceu em 29 de junho de 1860 em Vila Rica, na época um distrito da cidade de Cruz Alta. Formou-se em Direito e foi um dos fundadores, em 1882, do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) e do periódico oficial desse partido, o jornal *A Federação*, o qual dirigiu desde sua criação em 1884 até 1889. Assumiu o governo do Rio Grande do Sul em 1889, com o início do regime republicano, sendo deposto em 12/11/1891, devido à reação contra o golpe de Deodoro da Fonseca, a quem apoiava. Após o *governicho*, período marcado por grande número de políticos que se revezaram no governo estadual, Castilhos voltou a ocupar a presidência do Estado “no bojo de uma insurreição patrocinada pelos republicanos, em 17 de junho de 1892, renunciando, em seguida, para disputar as eleições para a Presidência do Estado pelo voto direto, sendo eleito no pleito de 20 de novembro daquele ano, tomando posse no dia 25 de janeiro de 1893” (Espírito Santo, 2005, p. 28 *apud* Silva, 2018, p. 31). Em 1898, Castilhos encerrou seu mandato e indicou Borges de Medeiros como seu sucessor ao governo do Estado, permanecendo, porém, com o controle político do PRR. A hegemonia castilhista inicia em 1895 e se estende até 1903 com sua morte: “Com a derrota e o quase extermínio da oposição, Julio de Castilhos afirmou-se como liderança unipessoal no Rio Grande do Sul, controlando a administração pública, a política estadual e as situações municipais até sua morte prematura em 1903” (Axt, 2005, p. 123 *apud* Silva, 2018, p. 31).

nº 589, de 30 de janeiro de 1903, pelo Presidente do Estado, Antônio Augusto Borges de Medeiros, denominado “Museu do Estado”. Em 1907, passou a chamar-se “Museu Julio de Castilhos”, em homenagem ao ex-Presidente da Província do Rio Grande do Sul, falecido em 1903 (Rio Grande do Sul, s.d.)⁴. Nedel (2005) aponta que a mudança de nome está relacionada à construção de uma simbologia à luz da filosofia positivista, dominante na época. Além de celebrar a memória do estadista, o Museu foi encarregado de preservar as memórias do Estado, funcionando como um lugar de celebração e preservação da memória, bem como de promoção do progresso intelectual e tecnológico.

Ana Celina Silva (2018, p. 30-31), traz um maior detalhamento:

A denominação Museu do Estado perdura da criação do museu em 1903 até 1907, quando o nome é alterado para Museu Julio de Castilhos. A mudança do nome dá-se através do Decreto estadual nº 1.140 de 19 de julho de 1907, que conforme transcrição diz: “[...] atendendo aos invidáveis serviços prestados pelo extinto estadista rio-grandense Dr. Julio de Castilhos, em prol do Museu do Estado, instituição a que ligou o maior interesse e de que foi o iniciador, resolve, em homenagem aquele benemérito patriota e no uso da atribuição que lhe confere o artigo 20 da Constituição, dar ao Museu a denominação de ‘Julio de Castilhos’” (Possamai, 2009⁵, p. 7 *apud* Silva, 2018, p. 30-31).

O político havia residido com a família na casa onde até hoje é a sede da Instituição (Figura 1). A instituição museológica buscava reunir objetos que representassem as características do Estado do Rio Grande do Sul. Atualmente o Museu Julio de Castilhos tem por sede dois prédios localizados no Centro de Porto Alegre, próximo ao Palácio Piratini e à Praça da Matriz, na Rua Duque de Caxias, nº 1205.

⁴ Recentemente, o Decreto estadual nº 57.409, de 28 de dezembro de 2023, alterou o nome Museu Julio de Castilhos para Museu de História Julio de Castilhos (MHJC). O texto desta Dissertação apresenta a nomenclatura anterior – Museu Julio de Castilhos – em função da pesquisa e redação terem iniciados anterior a alteração do nome da instituição.

⁵ POSSAMAI, Zita Rosane. Um museu de ciências se aproxima da escola: relações entre o Museu do Estado e a educação nas primeiras décadas do século XX. In: Encontro Sul-rio-grandense de Pesquisadores em História da Educação, 2., 2009, Caxias do Sul. **Infância, cultura e escrita e história da educação**. Caxias do Sul: ASPHE/UCS, 2009.

Figura 1 – Sede principal do Museu Julio de Castilhos e antiga residência de Julio de Castilhos



Fonte: Museu Julio de Castilhos (2022).

O segundo prédio (Figura 2) foi obtido pelo Governo do Estado através do decreto nº 2413, de 10 de outubro de 1975, quando desapropriado. Em 1996, foram concluídas as obras de restauração e o prédio foi entregue ao público, como anexo ao Museu Julio de Castilhos (Rio Grande do Sul, s.d.).

Figura 2 – Prédio anexo do Museu Julio de Castilhos



Fonte: Museu Julio de Castilhos (2022).

A partir desse ângulo, foi traçado um panorama da história e do contexto em que está inserido o Museu Julio de Castilhos. Questões levantadas a partir da bibliografia pesquisada, trataram sobre a dualidade de seu propósito inicial: celebrar

a memória do estadista Julio de Castilhos, ao mesmo tempo, em que promove o progresso intelectual e tecnológico através da pesquisa e divulgação científica.

A Era Brasileira de Museus⁶, que se iniciou no século XIX, consolidou os museus como importantes centros de pesquisa científica, especialmente no campo das ciências naturais, conforme Lilia Schwarcz (2016). Exemplos notáveis incluem o Museu Nacional da Quinta da Boa Vista (1818), Museu Emilio Goeldi (1866), Museu Paranaense (1876), Museu Paulista (1895) entre outros.

O Museu Julio de Castilhos, em seus primeiros anos de fundação, conferiu ênfase à pesquisa e ao acervo focados na mineralogia (Possamai, 2014). Maria Margaret Lopes (1997), destaca que durante o século XX, os museus passaram por um processo de especialização e perderam seu prestígio como difusores do conhecimento científico, ao passo que esse fenômeno global resultou na ascensão de institutos de pesquisa e novas práticas de investigação, enquanto os museus experimentavam um declínio em sua relevância científica.

Como referência inicial, o Museu Julio de Castilhos teve origem a partir do espólio deixado por uma grande exposição agropecuária e industrial, a Exposição Agropecuária de 1901, realizada na Capital, Porto Alegre (Nedel, 2005). A exposição tinha como propósito demonstrar o Rio Grande do Sul como um estado moderno, progressista e economicamente viável. Peças representativas de diferentes cidades foram trazidas para exposição, permanecendo no museu após o evento.

Ao longo do tempo, o Museu passou por diversas transformações e mudanças administrativas. Em 1925, o Museu incorporou 2ª seção do Arquivo Público do Estado, correspondente ao Arquivo Histórico, estabelecendo uma parceria e sede para o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS). Para Nedel (2005), esta associação permitiu uma maior integração entre as áreas de história e política local e nacional. A partir de 1954, segundo Andréa Silveira (2011), o Museu Julio de Castilhos começou a se consolidar como um Museu de História.

Para Silveira (2011), nos anos 1960 despontava no Museu Julio de Castilhos a percepção da história e de seu ensino, a celebração do passado e das identidades sociais, de forma que havia um diálogo entre a questão da historicidade, da educação

⁶ Lilia Schwarcz (2016), identifica o período entre 1890 e 1930 com a expressão “Era Brasileira de Museus”. Este período é caracterizado por um movimento significativo na criação de museus científicos no Brasil, inspirado por um movimento internacional similar. Foi um período de intenso desenvolvimento e valorização dos museus de Ciências Naturais no Brasil.

e da cultura material no Museu, sob enquadramento da história nacional. No entanto, questões financeiras institucionais refletiam o momento político do governo do Estado, em que cortes de verbas afetavam prioritariamente o setor cultural e, especificamente, o Museu, que enviava solicitações de guarnição aos órgãos estaduais. O descaso do governo com o MJC repercutiu em má conservação das instalações e consequente prejuízo quanto à preservação do acervo.

A partir de 1967, posta-se ênfase a um caráter histórico e à doutrina militar, conferindo prestígio ao Museu Julio de Castilhos junto ao governo e os militares. Entretanto, apesar desse prestígio, a estrutura do Museu degradou-se ao ponto de, no início de 1968, ser fechado ao público. A Instituição passou por obras infra estruturais do piso, telhado, fachada, aberturas, sistemas hidráulico e elétrico, que foram iniciadas ao final do mesmo ano de 1968 pela Secretaria de Obras Públicas. Durante o período em que esteve fechado ao público, foram desenvolvidas pesquisas sobre a edificação e a genealogia de Julio de Castilhos.

[...] o discurso historiográfico estava marcado pela necessidade de garantir, no Museu, um saber científico e positivo. A ideia de preservar a memória do político e do segmento social de Julio de Castilhos na instituição que levava seu nome estimulava a reabilitação daquele grupo social e de suas ideias no Museu (Silveira, 2011, p. 83).

Ainda conforme Silveira (2011), em junho de 1971, o Governo do Estado instaura a Comissão de Recuperação do Patrimônio Histórico do Estado, tendo como incumbência a reorganização administrativa, recuperação das instalações, atualização dos equipamentos e designação de cargos. Dentre outras entidades, o Museu Julio de Castilhos, reaberto ao público após dois anos, receberia ampliação na atenção pelo poder público. Em 1972, a gestão do MJC encaminhou ao governo do Estado um subprojeto de Reforma Administrativa do Museu, apresentando um levantamento da situação institucional, além de um planejamento das atividades, definição de recursos humanos e composição da estrutura técnica-administrativa do Museu, ou seja, um diagnóstico organizacional.

Após a reabertura do Museu em 1972 até o início da década de 1980, a tônica da instituição residia na busca por proximidade com escolas e comunidades para além da capital, desenvolvendo-se na forma de um Centro Cultural extramuros para atividades artísticas e sociais, conforme explica Silveira (2011). Contudo, permanecia a falta de recursos para a Instituição, que foi novamente fechada para passar por

obras emergenciais, por dois meses, entre os anos de 1975 e 1976.

Já ao final de década de 1970, inicia a fase de ampliação do MJC, respaldada pela Lei estadual nº 7.231, de 18 de dezembro de 1978 que dispunha sobre a proteção do Patrimônio Cultural do Estado. No decorrer da década de 1980, conforme Maria Célia Santos (2008), há uma alteração na ordem social e um desgaste da ditadura militar. Nesse contexto político, os museus passam a renovar o seu papel social, suas relações do cotidiano e suas práticas museológicas.

Embora não seja objeto de análise deste estudo um detalhamento sobre as gestões e agentes gestores do Museu, cabe destacar que Maria Margarida de Carvalho, em 1981, foi a primeira mulher a assumir como diretora do Museu Julio de Castilhos, estando à frente da Instituição até 1983. Durante o início da década de 1980, de acordo com Vanessa Souza (2014) ocorreram significativas mudanças, visto que foram desenvolvidos catálogos referentes ao acervo e exposições do Museu, houve a retomada de projetos, a criação do Laboratório de Conservação e Restauração, deu-se o início das obras da edificação anexa à sede principal e a fundação da Associação dos Amigos do Museu Julio de Castilhos.

Com objetivos de preservação e divulgação de nosso Patrimônio Histórico, de dinamização das atividades do Museu [...], e de promoção de um maior intercâmbio entre seus frequentadores, criou-se a Associação dos Amigos do Museu em 20 de outubro de 1983 (Souza, 2014, p. 127).

No final dos anos de 1980 e início de 1990, o Museu passa novamente por um período financeiro crítico. Os problemas enfrentados caracterizavam dificuldade para execução do trabalho diário, redução do quadro de pessoal, havia questões estruturais da edificação e falta de manutenção. Souza (2014, p. 143-144) ilustra a situação:

Os vários anos de abandono que enfrenta pela falta de verbas e incentivos estatais à cultura, deixaram marcas profundas em seu interior: paredes mofadas, outras já sem reboco, forro caindo, rede elétrica e hidráulica completamente ultrapassadas, além de vários outros problemas como falta de espaço e infraestrutura para a conservação do acervo.

Em 1995, foi realizado um diagnóstico da Instituição, constatando a permanência do estado precário das instalações, ao que culminou nos três anos seguintes às reformas básicas para funcionamento do local. As obras previam melhorias no telhado, no forro, na instalação elétrica e hidráulica e a

impermeabilização das paredes, de acordo com Souza (2014). O mencionado denota falta de investimento do poder público por vários anos sob aspectos vitais para continuidade de funcionamento e preservação do acervo.

Ao que se aproximava o centenário do MJC em 2003, indica Souza (2014), que foram priorizadas atividades artísticas e educacionais, se fomentava investimento sobre questões estruturais e a implantação de processos de informatização para a catalogação do acervo. Com o aporte financeiro de entidades externas, nos anos seguintes foram possíveis as execuções de projetos e eventos. Somente em 2011 houve a retomada e a finalização das obras de restauro da fachada do Museu.

Nos próximos anos foi identificada uma expansão no desenvolvimento de ações que promoviam eventos sociais e pretendiam a modernização do Museu. Foi um período de retomada do público visitante, de inserção do Museu em um contexto de definição de política cultural, que Teixeira Coelho (1997, p. 295) descreve:

A política cultural é entendida como programa de intervenções realizadas pelo Estado, instituições civis, entidades privadas ou grupos comunitários, com o objetivo de satisfazer as necessidades culturais da população e promover o desenvolvimento de suas representações simbólicas.

A partir de 2019, conforme Gabriela Ferreira (2021), houve uma reformulação no Museu no que se refere a expansão das temáticas e dos espaços expositivos, restauro de parte do acervo e reforma das edificações. Entretanto, devido à pandemia de Covid-19, a Instituição passou boa parte de 2020 e 2021 fechada para visitantes. Ao final de 2022 o Museu passou por nova reforma, desta vez no hall de entrada, que originalmente era o acesso principal do prédio.

Em 30 de janeiro de 2023 o Museu Julio de Castilhos celebrou 120 anos. O período é marcado por investimentos públicos, sendo realizadas obras emergenciais, recuperação das pinturas decorativas originais do hall de entrada e restauro de parte do acervo. Está prevista uma ampla restauração das duas edificações do Museu, incluindo a construção de uma reserva técnica nova, disposta em um novo prédio de quatro andares que ocupará os fundos do MJC, ao lado do jardim.

Neste contexto, percebe-se no decorrer da análise da trajetória institucional, repetidas situações de descontinuidade administrativa ao longo do tempo. Silveira (2011, p. 108-109), corrobora, ao identificar que,

Aqui se atinge a importância da historização institucional, em seus vários

aspectos, inclusive nas questões das transformações urbanas, ao mesmo tempo em que [...] não havia continuidade administrativa, renunciando a repetição de problemas contínuos de ausência de política de investimentos, de amparo e da formação de corpos estáveis de trabalho no Museu.

O Museu enfrenta diversos desafios para garantir sua relevância contínua no cenário cultural e educacional do Rio Grande do Sul. Entre esses desafios, identifica-se a captação de recursos para manutenção estrutural das edificações, conservação e ampliação do acervo, a modernização tecnológica para acompanhar as novas demandas do público, e a necessidade de se adaptar às mudanças sociais e culturais atuais.

A busca por financiamento através de parcerias com instituições públicas e privadas, bem como a promoção de programas de captação de recursos, são estratégias fundamentais para enfrentar os desafios financeiros e garantir a continuidade das atividades do Museu. A atualização tecnológica também é essencial para atender às expectativas do público. Ademais, a adaptação às mudanças sociais e culturais é um processo contínuo para manter a relevância do MJC para as novas gerações. A promoção da diversidade e inclusão, bem como o estímulo à reflexão crítica sobre a história e a sociedade, são estratégias fundamentais para aproximar o Museu dos diferentes segmentos sociais e garantir sua relevância contínua na sociedade.

2.2 O perfil do acervo retratado ao longo do tempo

Um dos eventos mais significativos para a Museologia no Sul do Brasil foi a fundação do Museu Julio de Castilhos, definida como “[...] primeira instituição oficial de guarda da memória no estado do Rio Grande do Sul [...]” (Bertotto, 2013, p. 58). O perfil do acervo do Museu Julio de Castilhos passou por diversas transformações, refletindo as mudanças sociais, políticas e culturais da comunidade sul-rio-grandense.

Conforme Ana Celina Silva (2011), inicialmente o acervo era composto por 360 exemplares de minérios, expostos na primeira Exposição Agropecuária e Industrial do Rio Grande do Sul em 1901. Atualmente cerca de 11 mil peças compõem o acervo. É importante notar que o Museu, à época de sua fundação, de acordo com Ferreira (2021), tinha uma compreensão e, conseqüentemente, produzia conhecimento de maneira etnocêntrica e classificatória, propagando ideias de racismo e evolucionismo

cultural. Até 1925, o acervo era focado na formação de coleções de ciências naturais, como acervos de zoologia, botânica, mineralogia, ao que explica Zita Possamai (2010), demonstrava-se a intenção em tornar o trabalho do Museu especializado no que se refere às Ciências Naturais, em detrimento a outras funções previstas à instituição na sua fundação. Silva (2018, p. 33) descreve que:

O Museu possuía laboratórios de análises químicas e de resistência de materiais onde se investigou a existência de calcário no Rio Grande do Sul. Também foram desenvolvidos nesses laboratórios estudos sobre o grés a ser utilizado na construção do Palácio do Governo, bem como experiências com sementes de trigo para detectar as moléstias que faziam diminuir sua produção. [...] A instituição também atuou na verificação da existência de cobre em regiões do Rio Grande do Sul. Essas atividades tinham como objetivo a sua possível utilidade econômica, sendo que, através dos estudos desenvolvidos naquele espaço, buscava-se descobrir formas de diminuir o ataque de pragas em vegetais, garantido uma maior produção, bem como a descoberta de riquezas minerais que pudessem ser comercializadas.

Por outro lado, de acordo com Nedel (2005), cumpria o papel de celebrar a memória do estadista Julio de Castilhos, a partir da evocação do passado, ao guardar as memórias do Estado. Identifica-se que à época, o tratamento dado às peças históricas era o acúmulo de peças, de forma que a gestão não vislumbrava contribuição para o conhecimento histórico e cultural e para o desenvolvimento do Estado.

Embora já desempenhasse funções celebrativas vinculadas à figura de Julio de Castilhos, o museu permanecia a maior parte do tempo com as portas fechadas ao público, recebendo pesquisadores estrangeiros e fornecendo pareceres técnicos (principalmente à Secretaria de Obras), sem contemplar a função museográfica. Os processos de compra de acervo histórico eram os mais escassos, já que a maior parte das peças eram doadas pelo próprio governo. Assim a quarta seção – composta de máscaras mortuárias, sinetes, homenagens, coroas de flores em bronze, panfletos, bustos e retratos de republicanos – destinava-se basicamente ao armazenamento de presentes celebrativos recebidos ou produzidos pelo executivo estadual, sem que houvesse qualquer tratamento cronológico ou temático desses objetos em exposições (Nedel, 2005, p. 75).

Conforme apontado por Possamai (2014), o Museu se insere em um contexto de crença na ciência e na educação como pilares essenciais para alcançar uma comunidade civilizada e harmoniosa. Com efeito, Silva (2018), afirma que em 1925, a instituição passa a preocupar-se com o crescimento do acervo histórico, indicando o início da transformação do MJC em uma instituição voltada à história do Rio Grande do Sul. Nara Nunes (2005, p. 278), explica este período de transformação:

A partir de 1925, [...] com a volta dos documentos históricos do Arquivo Público e a criação do Instituto Histórico e Geográfico, 1920, o Museu recebe uma ativa e nova energia, pois se torna um centro que agrupa intelectuais da época, muitos deles, devotados aos estudos históricos. Tais fatos não são difíceis de perceber, operam sensíveis mudanças no perfil do acervo. [...]

Nessa perspectiva o MJC teve suas coleções organizadas para exposição. Salientamos sua reabertura no ano de 1939, após 16 anos fechado ao público visitante. Ao detalharmos, o Museu Julio de Castilhos possuía 12 coleções, a saber:

Ornitologia (190 peças), Entomologia (3.000 peças), Coleópteros (150 peças), Ofídios (13 peças), Geologia-Minérios (700 peças), Paleontologia (Fósseis 20 peças), Numismática (moedas 1000 peças), Filatelia (selos 981 peças), Etnografia (artefatos indígenas 300 peças), Pinacoteca Histórica (quadros 90 peças), Indumentária (fardamentos 16 peças) e Peças avulsas (objetos históricos 500 peças) (Rio Grande do Sul, 1939⁷, p. 329 *apud* Silva, 2018, p. 67).

Nesse viés de organização para a reabertura, a documentação indica que a única seção organizada era a do Arquivo Histórico, ao passo que as demais estavam desorganizadas, com suas coleções sem classificação, mal acondicionadas e conservadas. Ao descrever a situação, de acordo com a gestão da época,

[...] as seções de História Natural e do Museu Histórico estavam completamente paralisadas, havendo, apenas, atividades na seção do Arquivo Histórico.

As seções de História Natural estavam em pleno abandono, algumas completamente em confusão, estando a de mineralogia amontoada no porão e com a sua antiga classificação, feita pelo extinto diretor do Museu dr. Rodolfo Simch, mineralogista de renome, perdida.

À coleção de numismática sucedia o mesmo. Por sua vez desorganizada em caixas e estas empilhadas também no porão.

As coleções que estavam em armários, encontravam-se em desordem, sua classificação regular e, por isso, faltando-lhes as devidas etiquetas com as legendas indispensáveis ao esclarecimento dos objetos expostos. Deu-se início, logo, digamos à reorganização das seções de exposição, começando pela sua limpeza, cuidadosa desinfecção dos objetos visando a sua conservação, e à classificação justa, quanto possível, procurando a nomenclatura científica fazendo-se a arrumação nos mostradores.

Do cofre onde se achavam encerrados vários objetos históricos de valor intrínseco, foram eles tirados e colocados de forma a serem vistos (Rio

⁷ RIO GRANDE DO SUL. Ofício nº 68 expedido em 04 de abril de 1939. Correspondências expedidas 1939, fl. 329. Arquivo Permanente do MJC – AP. 1.014.

Grande do Sul, 1939⁸, p. 5 *apud* Silva, 2018, p. 68).

Nos anos 1950, de acordo com Mara Rodrigues (2002), volta seu enfoque para o discurso histórico em suas publicações, abandonando de maneira definitiva a natureza eclética original. Os acervos contendo documentação histórica e obras de arte foram o ponto de partida para a criação de novas entidades públicas, nomeadamente o Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRGS) e o Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS). Simultaneamente, as coleções relacionadas às Ciências Naturais foram transferidas para o já existente Museu de Ciências Naturais, da extinta Fundação Zoobotânica⁹. A coleção de história, por sua vez, permaneceu no Museu Julio de Castilhos. Essa mudança representou a distância definitiva da proposta inicial de um museu enciclopédico, com foco especial em coleções de ciências naturais. Isso moldou a tipologia atual do Museu, que é caracterizado como um museu de história, define Silva (2018).

Essas transformações foram influenciadas pelo crescente destaque do regionalismo gaúcho em áreas que se consideravam científicas, como história e folclore. Corroborando, Iandora Quadrado (2022) indica que neste período o Museu Julio de Castilhos experimentou uma mudança significativa em sua orientação, completando assim o movimento de “virada para a História”. Nunes (2005, p. 279), define que “enfim, após 1954 com o desmembramento do acervo, o Julio de Castilhos adquire a guarda do material histórico e antropológico com o qual, hoje, trabalha [...]”. Vale ressaltar que essa transição representou uma abordagem completamente diferente em relação às práticas pedagógicas anteriores, agora focando predominantemente em pesquisas históricas, particularmente no campo do folclore.

Desse ponto de vista, a prática consolidada nos anos 1960 se estabeleceu por “[...] selecionar cultura material de acordo com eventos históricos ou catalisar objetos afirmadores de identidades é dar-lhe envergadura de importância” (Ramos, 2005, p. 270). Essa consolidação como museu histórico delimita um marco para a constituição do acervo da Instituição, assim, caracteriza-se de modo que,

⁸ RIO GRANDE DO SUL. Ofício nº 301 expedido em 19 de dezembro de 1939. Correspondências expedidas 1939, fl. 5. Arquivo Permanente do MJC – AP. 1.014.

⁹ A Fundação Zoobotânica foi formalmente extinta em dezembro de 2016 pela Assembleia Legislativa. No entanto, a extinção efetiva ocorreu somente em maio de 2020, apesar da intensa resistência por parte de pesquisadores e acadêmicos, tanto do Brasil quanto do exterior. Atualmente, o Museu de Ciências Naturais opera como um setor dentro da estrutura organizacional da Secretaria do Meio Ambiente.

Nos seus 50 anos iniciais, como “Museu do Estado”, o MJC foi motivado pelo desenvolvimento urbano e o poder público governamental, que definiu para o Museu a necessidade de construir e salvaguardar vestígios de naturezas científicas e históricas. Para tanto, o Governo Estadual fomentou apoio, incentivo, doações e coletas. Já nos anos 1960-1970, a Instituição buscou firmar-se como museu histórico. Procurou, por meio de seus dirigentes, resgatar seu papel como agente cultural do Rio Grande do Sul. Entende-se como particularizada a relação estabelecida entre o Estado e o Museu. Observando-se as caracterizações de recolhimento do acervo, de administração e de relação com a sociedade, percebe-se essa particularidade (Silveira, 2011, p. 24).

Ainda segundo Silveira (2011), o Museu Julio de Castilhos, por meio de seu acervo e exposições formadas entre as décadas de 1960 a 1980, contribuiu para a idealização, no imaginário coletivo, de um arquétipo social específico do Rio Grande do Sul, o gaúcho. E mais, a representação do “gaúcho” concebida no Museu Julio de Castilhos assemelha-se a um estereótipo mítico, uma construção imaginativa. O gaúcho retratado pelo Museu, particularmente em seu espaço dedicado à consagração ao mito do gaúcho, estabeleceu-se como um local de memória, conforme percebidos pela elite política e administrativa, bem como pelos intelectuais ligados à produção cultural e à historiografia do Estado. No entendimento de Gilmar Rocha (2016, p. 184-185),

[...] o imaginário social é um conjunto de símbolos, representações e imagens por meio das quais a sociedade se pensa, se reproduz, se classifica, portanto, institui uma ordem social, confere sentido às experiências humanas, promove relativa coerência entre as palavras e as coisas, distribuindo os papéis e as identidades dos indivíduos e/ou grupos sociais, legitimando as crenças e os saberes populares, ao mesmo tempo em que expressa suas necessidades, seus conflitos, suas utopias e mitos. [...] Produto social e histórico de uma coletividade o imaginário é um sistema complexo de símbolos, valores, imagens, representações e pensamentos fundamentais à existência da sociedade e à significação da realidade. Via de regra, se objetifica no fluxo do discurso social ora por meio da escrita, da oralidade, da gestualidade, ora através da iconografia, da performance entre outras formas correntes de expressão. Em especial, as obras de arte (músicas, pinturas, filmes, literaturas, etc) e os objetos patrimoniais (monumentos, estátuas, coleções, artesanato, moedas, indumentária etc), constituem documentos (“narrativas”) privilegiados para se apreender as ideias, as imagens, os temas, os valores, as crenças, os saberes, os significados que compõem o imaginário artístico e cultural de uma época ou sociedade. O imaginário é, portanto, o outro nome da realidade simbólica e, como tal, constitui um complexo e significativo sistema cultural.

No MJC, ainda nesse período descrito, a realidade simbólica retratada negligencia inúmeros temas, atores e argumentos, ao que se sobrepõe, residindo no

método de incorporação das coleções, o sentido bélico dos artefatos, de glorificação, conforme expõe Silveira (2011). A fabricação de uma narrativa nacional é a tônica do período, inclusive sobre o acervo do Museu, destacando “[...] a memória do poder, da hegemonia de um grupo, que via a história sob as lentes da linearidade, na qual os vencedores sempre são celebrizados pelos seus atos [...]” (Silveira, 2011, p. 39).

Adentrando especificamente para o tema do estudo, observa-se, ao longo dos anos, uma predominância androcêntrica. A respeito desta questão:

Interessa refletir que as narrativas produzidas [...] são do papel da mulher como “dona de casa”, à sombra do elemento masculino detentor do poder. Não constam [...] peças que demonstrem condições de trabalho, independência financeira, política e cultural das mulheres como sujeitos que atuam socialmente. A esse respeito, é claro que as tendências intelectuais e circunstanciais interferiram no modo de pensar o papel da Instituição e o processo museológico. A representação exposta no Museu Julio de Castilhos é de que a mulher esteve à sombra do processo histórico e social, reproduzindo uma sociedade masculina, numa persistência do tradicional e do modelo patriarcal (Silveira, 2011, p. 40).

Neste contexto, é possível destacar que até os anos de 1980, as conexões entre a coleta, exposição, pesquisa e preservação foram marcadas pela monumentalidade e pela excentricidade, tendo suas bases estabelecidas nesse período. Essas práticas envolviam a separação e a exclusão, refletindo uma herança positivista e nacionalista, ao elaborarem a reestruturação dos acervos em prol de uma narrativa patriótica, baseada na memória e nas manifestações das práticas de representação do poder social, segundo Silveira (2011). Nesse período, o MJC desenvolve “[...] uma lógica histórica, advinda das camadas dominantes da sociedade que definiram a identidade cultural, ‘desenhando fronteiras internas e externas, principalmente na exclusão e marginalização’”, indica Andreas Huyssen (1994¹⁰, p. 35 *apud* Silveira, 2011, p. 42).

Já entre os anos de 1990 e 2010 destaca-se um perfil educador para o MJC, pela regularidade de visitas escolares, entretanto, no início deste período “os objetos estavam expostos com a mesma aparência de anos, precisando de um trabalho de conservação e mediação” (Silveira, 2020, p. 18). A autora segue descrevendo que, entre 1999 e 2002 iniciou-se atividades no sentido de valorizar o patrimônio museológico do Museu para a comunidade escolar, por meio de projetos específicos

¹⁰ HUYSSSEN, Andreas. Escapando da Amnésia: o museu como cultura de massa. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 23, p. 34-55, 1994.

com exposições temporárias. Destaca-se que entre 1999 e 2000, a Instituição realizou o empréstimo de peças do acervo para exposição de grande repercussão, em comemoração aos 500 anos do Descobrimento do Brasil, realizada em Paris, França. A contribuição do MJC deu-se por meio de três esculturas Missioneiras, sendo elas São Francisco Xavier, Senhor dos Passos e Nossa Senhora da Conceição, segundo Souza (2014).

Nos anos subsequentes, até 2006, os programas de educação patrimonial enfatizaram uma análise histórica. O Museu começou a desenvolver atividades, reflexões em que foram abordados temas como identidade e questões relacionadas aos povos originários e à afrodescendência no acervo do Museu Julio de Castilhos. Verifica-se que “as ações eram constituídas em palestras de historiadores [...]” com o intuito de apresentar o Museu como um “espaço público onde a pluralidade de significados que constituem a sociedade está registrada” Rio Grande do Sul (s.d.¹¹ *apud* Silveira, 2020, p. 71).

Entretanto, sobre esta “pluralidade”, Andréa Silveira é enfática quanto às lacunas do acervo da Instituição ao exprimir que “é notável a diferença nas abordagens em relação à profundidade dos temas, mas nenhuma delas tratou da ausência das mulheres nas representações [...] do acervo ou nos temas das exposições” (Silveira, 2020, p. 71). Mudanças significativas ocorreram a partir de 2007 perante as narrativas históricas para com o acervo, ao que é demonstrado pelo trecho do Relatório de Gestão da época:

Criação da Reserva Técnica 2 para acondicionamento e guarda de acervos de materialidade orgânica (tecidos, fotos, couros, plumas, etc.); Tratamento informacional das coleções com reclassificação de identificação e referência dos objetos; Arrolamento e inventário atualizado no Sistema Donato; Realocação dos objetos; Fechamento do museu para novas aquisições; Pesquisa de acervo; Catalogação da biblioteca [...] No que se refere às exposições, foi dada prevalência às temporárias, cujos teores procuraram redimensionar os aspectos cognitivos, interativos e interpretativos voltados para a reflexão no processo de ensino-aprendizado. A ênfase foi para abordagem em que as coleções servissem à transformação social, motivando os visitantes a refletir [*sic*] permanências e mudanças sociais. A ideia era estabelecer relações entre as formulações históricas e os processos evidenciados na sociedade presente (Rio Grande do Sul, 2007-2010).

Todavia, registrou-se que novas abordagens e reformulações técnicas não

¹¹ Rio Grande do Sul. **Projeto de educação patrimonial**. Pasta 2/Ações educativas e educação patrimonial. Arquivo de ação da reserva técnica 1.

foram capazes de preencher lacunas de apagamento sobre narrativas que deveriam pertencer ao Museu, como museu de história. As estratégias educativas e exposições temporárias sobre mulheres, negros, povos originários, pessoas de baixa renda e imigrantes foram rasas. Embora tenha havido iniciativas que buscaram evidenciar a participação das mulheres na história do Rio Grande do Sul, estas se revelaram deficitárias em termos de conteúdo e reflexão, considerando a complexidade dos problemas abordados, assegura Silveira (2020).

Entretanto, consideramos que houve um movimento ascendente, um crescente, até certo ponto, embora ainda não por completo. Por exemplo, avançamos até o ponto em que atualmente existe um espaço no Museu dedicado a uma exposição de longa duração voltada para as mulheres. Esta exposição, iniciada em 2020 ainda está em processo de desenvolvimento e possui várias fases dedicadas às mulheres, algo que antes não existia.

Cabe observar que o Museu, principalmente a partir de 2010, busca renovar suas abordagens, incluindo em suas narrativas expográficas segmentos subvalorizados, com discussões emergentes sobre a representatividade dos povos originários e negros. Relativo à presença dos negros, Raul Lody (2005, p. 17) destaca que “[...] as comunidades afrodescendentes querem retomar testemunhos materiais de suas histórias, sociedades, para retornar assim os objetos às suas funções, desempenhando seus papéis, assumindo os verdadeiros significados”. Jane Mattos (2012¹² *apud* Gomes, 2014) descreve um cenário em que houve reações e negociações para garantir representatividade do negro no Museu Julio de Castilhos, durante um período que compreende os anos de 2011 a 2014.

Essas ações incluíram um diagnóstico das coleções existentes e a realização das denominadas “Reuniões Abertas - Museus e Africanidades”. O objetivo desse processo foi envolver o público na avaliação e implementação de um projeto que buscava uma presentificação mais inclusiva no Museu. As reuniões, realizadas em 2011, contaram com a participação de diversos segmentos, como movimentos sociais, acadêmicos, pesquisadores, comunidade negra, antropólogos, arquitetos, historiadores e museólogos. Durante essas reuniões, foram levantados questionamentos sobre os conflitos relacionados à hierarquização das memórias em

¹² MATTOS, Jane Rocha de. **Da África ao Sul do Brasil Meridional: o processo de construção de curadoria no Museu Julio de Castilhos/RS**. Porto Alegre. Comunicação. I Salão Artístico-Cultural e Científico do Museu Antropológico do Rio Grande do Sul e Santander Cultural. 2012.

espaços públicos.

De forma geral, não apenas no Museu Julio de Castilhos, começou-se a considerar a questão da africanidade nos museus no início da década de 2010. Isso é evidenciado na publicação do MJC, organizada por Jane Rocha de Mattos, intitulada “Museus e Africanidades”, que apresentou diversas perspectivas da história do negro no Rio Grande do Sul, de acordo com Josue Santos (2013). Houve uma reavaliação do modo como o negro era abordado no Museu, deixando de ser apenas associado à escravidão. A partir desse momento de discussão com os coletivos e os movimentos sociais negros, a exposição “Período Escravista”, com abertura em 2003 e perdurando por 11 anos, foi desmontada.

Logo, começaram a surgir novas abordagens, como a exposição temporária “Aurélio Viríssimo de Bittencourt – A Trajetória de um Afrogaúcho (1849-1919)”, com curadoria de Jane Rocha de Mattos e Roberta Fraga Machado Gomes (Rio Grande do Sul, 2013). Roberta Gomes (2014) descreveu que essa exposição destacou o papel central e as contribuições de Aurélio em favor da educação de seus pares. Aurélio, um homem negro, ocupava uma posição de destaque na sociedade, mas até então sua importância não havia sido visibilizada no espaço do Museu. Vislumbramos que essa mudança marcou uma nova abordagem, para além dos aspectos relacionados aos instrumentos de suplício da escravidão, demonstrando que o negro passa a ter um outro olhar no Museu.

Para Gomes (2014), o resultado concreto dessas ações começou com uma pesquisa nos sistemas de informação do Museu, [...] quando foram visibilizados os acervos que personificavam os negros [...]” (2014, p. 35), indivíduos que desempenharam um papel significativo na construção de uma memória coletiva, como no caso de Isaura Bittencourt, esposa de Aurélio. Isaura, juntamente com Adelina Lydia de Bittencourt, filha de Aurélio, foram as personagens da exposição temporária “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX”, realizada em 2014 pelo Museu Julio de Castilhos, a qual nos debruçamos no capítulo subsequente. De acordo com a nossa pesquisa, temos uma exposição dedicada às mulheres negras no Museu Julio de Castilhos. Compreendemos que neste momento começam a aparecer outras mulheres.

Nesse viés, considerando a representatividade das mulheres no Museu Julio de Castilhos, foi importante questionar quais mulheres eram presentificadas e como eram retratadas. Um exemplo significativo foi a Sala Farroupilha, uma das áreas mais

proeminentes e presentes ao longo da história do Museu. Embora a Sala Farroupilha não exista mais fisicamente, os objetos relacionados a ela ainda estão presentes no Museu. Nesta Sala havia quadro da personagem Anita Garibaldi, mas ao lado do quadro de Giuseppe Garibaldi. Ela era a única mulher presentificada na Sala, mas em função relacionada ao marido. Lucas Morates (2012) corrobora ao descrever que “em muitas representações, Anita aparece ligada à figura de Garibaldi” (Morates, 2012, p. 65). Inclusive, sobre o quadro de Giuseppe, havia informação de autor e datação, enquanto sobre a pintura de Anita (Figura 3), “[...] não temos informações sobre o autor nem ano de execução da obra” (Morates, 2012, p. 66).

Figura 3 – Retrato de Anita Garibaldi



Fonte: Museu Julio de Castilhos (2024).

Também se mostrou relevante observarmos a fotografia da família de Julio de Castilhos (Figura 4)¹³, ainda exposta no Museu, na qual Honorina de Castilhos¹⁴, sua

¹³ Conforme legenda expográfica do objeto no espaço “Gabinete Julio de Castilhos”, descreve-se: “Família de Julio de Castilhos. Período: Final do Século XIX. Julio Prates de Castilhos, sua esposa Honorina Martins da Costa Castilhos e seus filhos Júlia, Eugênia, Honório, Otília, Ambrosina, Fernando e Edmundo Prates de Castilhos” (Rio Grande do Sul, s.d.).

¹⁴ Honorina Martins França da Costa, mulher nascida na cidade de Pelotas, no ano de 1862, filha de um político do Partido Republicano, que se casara, em 17 de maio de 1883, aos 21 anos, com Julio de Castilhos, tornando-se Honorina Castilhos – esposa do jovem e promissor político gaúcho que viria a ser o presidente do Rio Grande do Sul. [...] foi uma abolicionista que organizava, com outras mulheres, eventos para arrecadar fundos com vistas a comprar alforrias e coordenou a missão abolicionista do 3º

esposa, é retratada. No entanto, sua presença na imagem é subordinada à figura de Julio de Castilhos. Historicamente, foram estas as mulheres presentificadas no Museu Julio de Castilhos.

Figura 4 – Fotografia da família de Julio de Castilhos



Fonte: Da autora (2024).

Frente ao que observamos, como um movimento crescente sobre novas narrativas, uma reformulação substancial ocorreu a partir de 2019 – ainda vigorando até o tempo presente –, se referindo à conservação e ao restauro de objetos do acervo e especificamente aqui, na forma de expansão sobre as abordagens de temas retratados. Dessa forma, a conservação e a preservação do acervo do Museu Julio de Castilhos são de extrema importância para garantir que os objetos mantenham sua autenticidade e integridade ao longo dos anos. Ademais, emerge a questão de responsabilidade social do Museu, havendo valorização de suas atividades educativas

Distrito de Porto Alegre (situado entre as ruas Ramiro Barcellos e Mariante, Mostardeiro e Caminho do Meio, atuais avenidas Protásio Alves e Osvaldo Aranha), percorrendo as chácaras com Miguelina Werna, Margarida Salgado, Francisca de Menezes Lara, Julieta de Oliveira, Cândida de Oliveira Vale e Inês Cordeiro para convencer os proprietários de escravos a libertá-los. Como resultado, a Comissão teria encontrado 159 escravos, dos quais 134 foram libertos. Nessa região, formou-se a Colônia Africana, um dos territórios negros da cidade (Couto, 2023).

e interativas. Programas de engajamento comunitário envolvem estudantes, pesquisadores e visitantes em debates e reflexões sobre a história e a cultura do Rio Grande do Sul, promovendo uma maior conexão entre o Museu e a sociedade, a despeito do elitismo, do patriarcado, do militarismo, de nichos que por mais de um século permearam como o perfil museológico validado como a história do Rio Grande do Sul. Sob este prisma, fica nítida a tônica sobre o perfil retratado presentemente, em especial no que se refere às mulheres, aos negros, aos povos originários:

No que tange às mudanças de maior complexidade, o Museu, de acordo com o seu perfil museológico, tem se tornado consciente sobre seu déficit de abordagem a respeito de assuntos polêmicos pelo ponto de vista da historiografia oficial. Ao perceber que personagens como mulheres, povos negros e povos indígenas ficaram à margem das narrativas expositivas, tem sido exercido um esforço de pesquisa e aproximação com a comunidade visando a organização de novos espaços para a inclusão dessas falas. Presentemente são realizadas as seguintes atividades: exposição sobre mulheres gaúchas que foram destaque em suas áreas de atuação; performance educativa fazendo refletir sobre o lugar dos negros no Museu; e, também, uma campanha para arrecadação de acervo afro-gaúcho (Ferreira, 2021, p. 68-69).

Fundamentalmente, o Museu Julio de Castilhos está sendo um espaço aberto ao diálogo com a comunidade. Atualmente, ao desenvolver projetos que visam participação ativa, a Instituição convida os visitantes a compartilhar suas histórias, memórias e experiências, enriquecendo a compreensão do acervo e sua relação com a sociedade. O envolvimento ativo da comunidade reforça a importância do Museu como um lugar de memória coletiva e um espaço de pertencimento.

De acordo com o relato de Lewinski *et al.* (2023), a partir de 2019, o Museu se comprometeu ativamente à promoção de uma abordagem colaborativa na Museologia, especialmente no que se refere à exposição das coleções etnográficas e de temática indígena. Dentro desse contexto, a expografia passou por uma revisão significativa, incorporando modificações relevantes. É notável destacar que, anteriormente, os povos originários eram apresentados de maneira estereotipada no MJC, conforme apontado por Roberta Melo e Zita Possamai (2021), sendo frequentemente identificados como “selvagens” ou “primitivos”. No entanto, ações educativas, como a exposição “Memória e Resistência¹⁵” no Museu Julio de Castilhos, contribuíram para essas mudanças, ao estabelecer parcerias que enriqueceram as

¹⁵ Atualmente encontra-se no Museu o 7º ciclo “Tecnologia e Escritas Indígenas”, da exposição “Memória e Resistência”, que completa cinco anos em 2024.

pesquisas do acervo, sobretudo com instituições universitárias, e ao convidar representantes das etnias para participarem de forma colaborativa no processo, indicam Lewinski *et al.* (2023). Ao identificarmos, iniciativas como a exposição “Memória e Resistência” demonstra-se uma nova postura do Museu. Essas ações evidenciam um esforço consciente para superar visões antiquadas e promover uma nova representação das culturas dos povos originários, contribuindo para uma narrativa que busca retratar a diversidade histórica e cultural do Rio Grande do Sul.

Após seu último longo período de portas fechadas, devido à pandemia de Covid-19, foi inaugurada em 2020 a exposição de longa duração “Narrativas do Feminino”, que aprofundamos análise em capítulo subsequente. Dóris Couto, diretora do Museu Julio de Castilhos, afirmou a relevância desta mostra ao identificar que “nossas exposições permanentes sempre apresentaram o mundo dos homens, inviabilizando o papel de mulheres que contribuíram para o desenvolvimento do Estado” (Couto, 2020). Destacamos que a Instituição possibilitou a inclusão da comunidade ao realizar atividades que fomentassem a doação de objetos, no sentido de contribuir com o enriquecimento da exposição “Narrativas do Feminino”, do acervo das mulheres e às narrativas de mulheres negras no Museu Julio de Castilhos. Pontuamos que atualmente o MJC possui acervo cujos objetos estão divididos em vinte e nove coleções:

Armaria, arquitetura, arreamento, arte náutica, bandeiras, bibliografia, condecorações, documentos, escravatura, etnologia, filatelia, heráldica, iconografia, indumentária, instrumentos de trabalho, instrumentos musicais, máquinas, medalhas, missões, mobiliário, numismática, objetos de uso pessoal, objetos decorativos, regionalismo, sigilografia, tesserologia, utensílios domésticos, vários e viaturas (Rio Grande do Sul, 2023).

Nesse escopo de engajamento com a sociedade, ainda no ano de 2020, o MJC iniciou a “Campanha Acervo Afro-gaúcho”, cujo objetivo é reunir um acervo que registre a contribuição dos povos negros na história do Estado. Em 2022 o Museu recebeu uma peça de vestuário da Mestra Griô Sirley Amaro, importante liderança do Movimento Negro do Estado. Essa peça foi incorporada ao acervo e utilizada na exposição “Narrativas do Feminino”, a partir de 2023. Em notícia veiculada pela Secretaria da Cultura do Estado, ressaltou-se o esforço do Museu em ampliar a representatividade negra em seu acervo, observando que ainda havia uma carência de acervo relacionado ao povo negro.

[...] faltam elementos sobre o povo negro. O MJC conta com o tambor de sopapo, as atas e a bandeira do Clube União, bem como os leques de Isaura Bittencourt (mulher negra que pertenceu à sociedade sul-riograndense [sic] no início do século 20), e algumas poucas fotos. Com a expectativa de ampliar ainda mais o acervo, o Museu continua a receber doações e há interesse por peças e artefatos de religião de matriz africana, bem como vestuários, fotografias antigas, documentos e objetos pessoais. Há, ainda, a intenção, por parte do MJC, de receber o acervo de Giba Giba (1940-2014) e do ator Sirmar Antunes (1955-2022) que em diversas ocasiões representou a figura do Lanceiro Negro no cinema e no teatro (Rio Grande do Sul, 2022).

Dóris Couto (2023) indicou que “[...] serão musealizadas peças que dialoguem com a proposta da campanha e que auxiliem a ‘preencher uma lacuna histórica’” (Couto, 2023). Desse modo, percebemos o compromisso e a iniciativa do Museu Julio de Castilhos em promover uma representatividade mais inclusiva e abrangente da história e da cultura afro-gaúcha no Estado do Rio Grande do Sul.

Em relação às mulheres, nessa discussão das suas representações, para além das figuras que até então foram historicamente presentes, como Honorina e Anita, podemos interpretar que o Museu, posteriormente começou a ter outras narrativas sobre as mulheres. Tornou-se pertinente questionar as narrativas subsequentes que emergiram no Museu. Questionamos que presentificação é esta, como as mulheres estão sendo demonstradas nesse processo. Destacamos, nesse sentido, a exposição temporária “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX”, realizada em 2014, e a exposição de longa duração “Narrativas do Feminino”, inaugurada em 2020, às quais foram objeto de análise no próximo capítulo.

3 EXPOSIÇÕES E AÇÕES: AS MULHERES NO MUSEU JULIO DE CASTILHOS

Somos herdeiras de práticas colonialistas, de coleções que são espólios, de museus que tendem a manter nossas memórias exiladas ou subalternizadas. Mas também herdamos as conquistas das profissionais que nos precederam, as quais ao ser articuladas às premissas e lutas feministas podem construir novos futuros.

Camila Azevedo de Moraes Wichers

Ao avançarmos neste capítulo, percorremos os trajetos realizados nesta pesquisa no Museu Julio de Castilhos, descrevendo a apresentação, a sistematização e a identificação de dados coletados no estudo. Dessa forma, aprofundamos nossa compreensão sobre a exposição temporária “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX”, realizada em 2014, e sobre a exposição de longa duração “Narrativas do Feminino”, inaugurada em 2020.

Estas análises nos permitiram examinar de forma mais detalhada o papel das mulheres, sobretudo das mulheres negras, na história do Rio Grande do Sul, assim como as estratégias e iniciativas adotadas pelo Museu Julio de Castilhos para promover uma abordagem mais inclusiva e diversificada em suas exposições. Ao adentrarmos nessas análises, poderemos compreender melhor as transformações ocorridas no Museu ao longo do tempo e refletir sobre os desafios e oportunidades enfrentados quanto à presentificação das mulheres.

3.1 Caminhos da pesquisa

Tratando-se de uma pesquisa qualitativa, foram utilizadas técnicas de levantamento bibliográfico e análise documental, com estudo de caso, a fim de analisar as exposições realizadas pelo Museu Julio de Castilhos no período de 2011 a 2022, sob o aspecto da representatividade das mulheres. A escolha dessas técnicas se deu para a compreensão do contexto histórico, social e cultural em que as exposições foram realizadas, bem como as ações e perspectivas envolvidas na criação e no desenvolvimento dessas exposições, como também para se obter informações complementares sobre este processo.

O primeiro passo sobre a análise de dados referente ao Museu Julio de Castilhos iniciou-se pelo levantamento bibliográfico, por meio de pesquisa em bases de dados, bibliotecas e livros especializados com o intuito de contextualizar e situar a

temática pesquisada, onde buscou-se referências teóricas que discutem a história do Museu, o contexto de formação e desenvolvimento, o perfil do acervo e, conseqüentemente, a presentificação das mulheres na Instituição. A partir da análise dessas fontes, foi possível compreendermos como a representatividade das mulheres foi construída ao longo do tempo e quais foram as principais influências que moldaram esse processo.

Em seguida, foi realizada uma análise documental, mediante coleta e análise de documentos oficiais do Museu Julio de Castilhos, como atas de reunião, dossiês de eventos e cursos, dossiês e registros fotográficos, fichas catalográficas, livro tomo, materiais de eventos e divulgação, mensagens impressas de e-mail recebidas e enviadas, ofícios, páginas de redes sociais, plano museológico, processos de aquisição de acervos, projetos, registros de exposições, relatórios de exposições, relatórios de visitação, sítios eletrônicos institucionais, termos de doação e textos de apresentação disponibilizados pela Instituição, fornecendo informações acerca do acervo e das exposições realizadas no período investigado.

Após, foram selecionadas as exposições que trataram da temática relacionada às mulheres que foram realizadas no Museu no período pesquisado, sendo estas: a exposição de curta duração “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX” (2014) e a exposição de longa duração “Narrativas do Feminino” (2020-presente). Foram observados os critérios de seleção e escolha dos objetos expostos, bem com analisadas as etiquetas e textos explicativos utilizados nas exposições elencadas. A análise documental visou identificar quais mulheres foram presentificadas, quais são os objetos e os elementos utilizados nas exposições, quais as histórias contadas e como essa representatividade se relaciona com a história e a memória da sociedade. A pesquisa convergiu no âmbito de como as mulheres foram abordadas, de forma a compreendermos as escolhas, motivações e perspectivas sobre a presentificação das mulheres nas exposições.

O estudo de caso, portanto, foi realizado a partir da análise das duas exposições elencadas acima. Foi realizada uma análise comparativa e complementar entre as duas exposições, levando em consideração aspectos como a presença e a atuação das mulheres referenciadas, dos itens expostos, a abordagem adotada pelo Museu nas exposições. A escolha destas exposições deu-se pelo fato de que uma tratou exclusivamente de mulheres negras, já a outra exposição por estar ativa por maior tempo e, finalmente, por terem sido realizadas em períodos distintos, permitindo

uma análise ao longo do espaço-tempo delimitado. Diante do exposto no capítulo anterior, é perceptível que o Museu Julio de Castilhos foi escolhido como objeto de estudo por ser um dos principais museus de história e cultura do Rio Grande do Sul. Além disso, o Museu tem uma longa trajetória de exposições e atividades educativas, o que o torna um local privilegiado para a análise da presentificação das mulheres nas exposições.

Seguindo, esmiuçamos o percurso quanto ao processo de coleta e análise de dados. O processo de coleta de dados foi realizado em etapas, com o levantamento bibliográfico e a análise documental, em que foi mapeado o perfil do acervo, identificados os elementos que compõem as exposições e o segmento social a que se relacionam as mulheres apresentadas. Os dados coletados nessas etapas foram registrados e organizados em categorias, os quais submetemos à análise a fim de permitir a identificação de temas, significados e padrões na representatividade das mulheres nas exposições do Museu Julio de Castilhos, ou seja, consistindo na identificação de categorias temáticas a partir das abordagens presentes nas fontes analisadas, e relacionando-as com as teorias e conceitos presentes na literatura consultada, possibilitando uma interpretação aprofundada acerca do que foi proposto neste estudo. Registra-se que a análise foi realizada a partir da comparação e complementação entre os dados coletados na análise documental e no levantamento bibliográfico, por meio de análise de conteúdo, ao que se buscou identificar as principais narrativas presentes nas exposições selecionadas, bem como as diferentes estratégias utilizadas para presentificar as mulheres.

Ao adentrarmos sobre a análise documental, foi realizado um mapeamento a partir do que foi disponibilizado pelo Museu, sendo concedido acesso à documentação custodiada que consiste em pastas e dossiês relacionados à gestão administrativa e de acervos do Museu Julio de Castilhos. Embora tenhamos delimitado o período pesquisado, foram disponibilizados documentos em período distinto da pesquisa, ao passo que, figuraram em mapeamento, com a finalidade de qualificar o embasamento desta pesquisa sobre a história do MJC. A consulta permitiu compreender a dinâmica adotada pela Instituição, fornecendo informações acerca do acervo institucional e das exposições realizadas no período investigado, identificando assim as ações quanto à presentificação das mulheres.

Dentre a documentação mencionada, identificamos e relacionamos as exposições realizadas no Museu Julio de Castilhos no período pesquisado, conforme

segue (Quadro 1). Ademais, explicitamos que, apesar de identificarmos nas fontes consultadas, menções sobre a realização de exposições diversas às que listamos para o estudo, não as computamos, ao observarmos lacunas de informações e dados imprecisos sobre as exposições, o que inviabilizou a análise destas.

Quadro 1 – Exposições realizadas no Museu Julio de Castilhos – 2011 a 2022

Item	Período	Exposição	Temática	Duração
1	2011-2012	Guarani, Kaingáng, Xokleng: memórias e atualidades ao Sul da Mata Atlântica	Memórias dos povos originários	Curta
2	2011	Tecendo memórias do feminino	Protagonismo das mulheres	Curta
3	2013	Símbolos Cívicos do RS – Uma Herança Farroupilha	Guerra Farroupilha	Curta
4	2013	Herança Açoriana: Uma Festa Cultural	260 anos da vinda dos açorianos para o Estado	Curta
5	2013	Aurélio Viríssimo de Bittencourt – A Trajetória de um Afrogaúcho (1849-1919)	Protagonismo negro	Curta
6	2014	Lugares por onde jamais passaremos – Homenagem ao aniversário de Porto Alegre	Cidade de Porto Alegre	Curta
7	2014	Textos censurados do Teatro de Arena	Período da ditadura no Estado	Curta
8	2014	Vagner Dotto – Natureza Íntima	Mostra panorâmica de pinturas, desenhos, gravuras e esculturas	Curta

Item	Período	Exposição	Temática	Duração
9	2014	Trans-tempo	Tempo e marcas	Curta
10	2014	Somos Sensíveis	homossexualidade no meio militar	Curta
11	2014	Adriana Xaplin – Liga da Canela Preta	Liga de Futebol Porto-alegrense no início da década de 1910	Curta
12	2014	O Sorriso do Velhinho Que Fez A Gente Trabalhar	Em memória aos 60 anos da morte de Getúlio Vargas	Curta
13	2014	Maçambique de Osório	manifestação cultural afro-gaúcha	Curta
14	2014	A volta ao mundo de lambreta	Comemorativa aos 46 anos da viagem de José Ferreira da Silva	Curta
15	2014	Vale um pila, a história por trás do dinheiro	História do dinheiro mundial	Curta
16	2014	Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX	Mulheres negras	Curta
17	2014-2015	Formas do Tempo	Conservação e restauração em madeira	Curta
18	2015	E a cobra fumou: a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial	Militar	Curta
19	2015	Diversidades em foco: culturas e identidades indígenas	Memórias dos povos originários	Curta

Item	Período	Exposição	Temática	Duração
20	2016	Virginia Woolf: costurando ideias	Homenagem ao dia da mulher e aos 75 anos do falecimento da escritora inglesa	Curta
21	2016	Helenismo Sul- Americano Missioneiro	Dia do Patrimônio Histórico e a Arte Sacra Jesuítico- Guarani	Curta
22	2017	Casa de Correção – Dizer o indizível	História da instituição “Casa de Correção”	Curta
23	2017	Novas perspectivas do acervo permanente	Itens identitários e arquitetura do MJC	Curta
24	2018	Sutilezas do protagonismo	Dia das mulheres	Curta
25	2018	Exposição de Itinerância do Conselho Estadual de Cultura – Josué Guimarães	Vida e obra do jornalista e escritor Josué Guimarães	Curta
26	2018	Queijo, vinho e salame	Colônias rurais da serra gaúcha	Curta
27	2018	130 Anos da Lei Áurea	Textos do jornal <i>A Federação</i> sobre a abolição da escravidão no Brasil	Curta
28	2018	O Saci	Cultura de resistência e patrimônio imaterial	Curta
29	2018	Gastronomia e Museus: Vinho, Massa e Polenta	Gastronomia e a serra gaúcha	Curta

Item	Período	Exposição	Temática	Duração
30	2018	Exposição de Itinerância do Conselho Estadual de Cultura – Rony Leal	Vida e obra do bailarino e professor Rony Leal	Curta
31	2018	Pense negativo	Técnicas analógicas de fotografia e revelação	Curta
32	2018	Tambor e Identidade: Exposição de Cássio Tambor	Instrumentos musicais sustentáveis, produzidos conforme tradições milenares	Curta
33	2018	Contribuição para a construção do inventário cultural da história do povo negro	Patrimônio cultural afro-brasileiro	Curta
34	2018-2019	Medalhas do Acervo	Condecorações honrosas	Curta
35	2019	Guerras Gaúchas	Guerra do Paraguai, em especial	Curta
36	2019-presente	Memória e resistência	Memórias dos povos originários	Longa
37	2019	O Rio Grande do Sul e as Bombas de Chimarrão: Expressões de Identidades Culturais	Importância cultural das bombas de chimarrão	Curta
38	2019	Asó do Batuque e do Candomblé	As tradições e as mudanças nos padrões da estética sagrada afrorreligiosa	Curta

Item	Período	Exposição	Temática	Duração
39	2020	Acervos Inéditos	Acervos inéditos particulares da família de Julio de Castilhos e Comemoração dos 117 anos do MJC	Curta
40	2020-presente	Narrativas do Feminino	Histórias das mulheres	Longa
41	2021	As Incríveis Tecnologias do século XIX e XX	Máquinas e equipamentos que mudaram a forma de viver e trabalhar	Curta
42	2021-2022	Giba Giba: o guardião do Sopapo	Homenagem ao cantor, compositor, percussionista e ativista cultural Giba Giba	Curta
43	2022	Passeio	Caminhos e paisagens de Porto Alegre	Curta
44	2022	Memória e Reconhecimento	Homenagem a personalidades negras	Curta

Fonte: Da autora (2024).

Ao examinarmos o quadro apresentado e nos aprofundarmos nas discussões sobre as exposições realizadas pelo Museu, observamos que, dentre um total de quarenta e quatro exposições, apenas cinco delas (itens 2, 16, 20, 24 e 40) abordavam de alguma forma o tema da nossa pesquisa. Isso equivale ao percentual de aproximadamente 11,36% do total. Essa análise foi representada a seguir (Gráfico 1):

Gráfico 1 – Percentual de exposições com foco na temática sobre as mulheres realizadas entre 2011 e 2022 no MJC



Fonte: Da autora (2024).

Percebemos que, a partir do Quadro 1, mulheres podem ter aparecido em outras exposições para além daquelas que tomamos como objeto de pesquisa. Porém, nossa análise voltou-se para aquelas que tiveram um foco específico na temática da mulher. No âmbito desse nicho temático, optou-se por selecionar duas exposições para análise (itens 16 e 40). Justificou-se a seleção da exposição de curta duração “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX” (item 16) por ser a única exposição a trazer a temática direcionada exclusivamente às mulheres negras e a seleção da exposição de longa duração “Narrativas do Feminino” (item 40) por ser a única exposição voltada à temática das mulheres a perdurar por maior tempo (até o presente). Com esse enfoque, apresentaram-se as exposições delimitadas para o estudo.

3.2 Exposição “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX”

“Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX”, configurou-se por exposição de curta duração realizada pelo Museu Julio de Castilhos na sala de exposição temporária, localizada no prédio anexo do Museu, no ano de 2014, com abertura em novembro daquele ano¹⁶ (Figura 5). A exposição tratava da trajetória de

¹⁶ Não há registro na Instituição de quanto tempo durou a exposição.

duas mulheres negras, buscando fomentar “[...] uma nova forma de visualizar e identificar àquelas esquecidas e silenciadas ao longo do tempo, que, na realidade construíram diversas práticas socioculturais importantes” (Rio Grande do Sul, 2014, p. 1).

Figura 5 – Abertura da exposição “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX”



Fonte: Página do Museu Julio de Castilhos no Facebook¹⁷.

Roberto Schmitt-Prym (gestão 2012-2014) dirigia o Museu na época desta exposição, em que a curadoria foi realizada pela pesquisadora e então servidora do MJC, Jane Rocha de Mattos, e pela acadêmica de Museologia Camila Ribeiro da Silva. Observamos que ao pesquisarmos no Relatório de registro de visitação de exposições intitulado “Registro Exposições 2013-2017”, não há menção à exposição aqui estudada. Entretanto, através do Relatório da Exposição (Anexo A), identificamos informações sobre a expografia (Quadro 2) e o acervo utilizado (Quadro 3).

Quadro 2 – Expografia da exposição “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX”

Material e descrição
Painel com árvore genealógica de Adelina de Bittencourt e Isaura Bittencourt
Painel com mapa - lugar de sociabilidades e de atuação profissional

¹⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/MuseuJulioDeCastilhos/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

Painel com texto com as biografias de Adelina e Isaura
Vidro ¹⁸ com texto de abertura e ficha técnica

Fonte: Rio Grande do Sul (2014, p. 2).

Quadro 3 – Acervo utilizado na exposição “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX”

Iconografia
Representação negra feminina. Primeira década do século XX. Fotografia desconhecido. Acervo do Museu Julio de Castilhos. Inventário: Ic 0263
Representação negra feminina. Último quartel do século XIX. Fotografia L. Terragno. Acervo do Museu Julio de Castilhos. Inventário: Ic 0300
Representação negra feminina. Último quartel do século XIX. Fotografia Atelier Barbeitos. Acervo do Museu Julio de Castilhos. Inventário: Ic 0297
Indumentária
Leque verde - número de tombo: 702. Número de inventário: 17
Leque preto - número de tombo: 1048. Número de inventário: 5

Fonte: Rio Grande do Sul (2014, p. 2).

A fim de embasar a análise realizada nesta pesquisa, a partir de informações coletadas no Museu, optamos por desenvolver quadro (Apêndice A) contendo informações detalhadas atinentes aos objetos utilizados na exposição. Cabe mencionar que foram incluídos objetos catalogados, tombados e não tombados¹⁹. Nessa exposição, observamos que não houve o uso de objetos pertencentes ao acervo de outra instituição museológica ou de acervo privado.

Quanto ao acervo utilizado, pertencente à Coleção Iconografia (Ic), a exposição apresenta três representações negras femininas (Figura 6). A legenda expositiva que observamos na figura abaixo (ao centro), descreveu o seguinte, conforme transcrevemos: “Representação negra feminina. Primeira década do século XX. Fotografia desconhecido. Acervo do Museu Julio de Castilhos” (Rio Grande do Sul, 2014).

¹⁸ No relatório da exposição não é descrito o que significa “vidro”, provavelmente trata-se de painel de vidro, já que contém o texto de abertura e a ficha técnica da exposição.

¹⁹ Refere-se a objetos que foram inventariados, mas não constam em Livro Tombo.

Figura 6 – Expogografia com representações negras femininas (ao centro) e abertura da exposição “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX”



Fonte: Página do Museu Julio de Castilhos no Facebook²⁰.

As três fotografias expostas (Figuras 7, 8 e 9) foram inventariadas, porém não constam em Livro Tombo. Não há ficha catalográfica, inscrição no verso das fotografias ou qualquer informação sobre quem são as mulheres negras retratadas nas fotografias. Assim, não há como traçarmos uma ligação entre as mulheres retratadas e as mulheres personagens da exposição.

²⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/MuseuJulioDeCastilhos/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

Figura 7 – Representação negra feminina



Fonte: Da autora (2024).

Figura 8 – Representação negra feminina



Fonte: Da autora (2024).

Figura 9 – Representação negra feminina



Fonte: Da autora (2024).

Sobre a Coleção Indumentária (Id), trazemos informações²¹ sobre as peças utilizadas. Denominado “leque verde com espelho” (Figura 10), foi adquirido em 1948 por doação do General Jonathas Borges Fortes. O leque pertenceu, conforme consta nos registros documentais do MJC, à Dona Matilde Levis de Oliveira e data de meados do século XIX. Observamos que embora seja um objeto que pertenceu a uma mulher, este não pertenceu às personagens que nominam a exposição – Isaura e Adelina. Como não há registro da legenda expositiva, não há como analisarmos se na exposição havia indicação do nome da mulher a quem pertenceu o leque.

²¹ Informações extraídas do Livro Tombo, das fichas catalográficas e do Repositório digital do Museu Julio de Castilhos. Disponível em: acervos.museujulio.rs.gov.br/. Acesso em: 08 jan. 2024.

Figura 10 – Leque verde com espelho



Fonte: Museu Julio de Castilhos (2024).

Já o outro leque – “leque preto” (Figura 11), pertenceu à Isaura Dias de Bittencourt, personagem da exposição, sendo adquirido por doação em 1946, quando o engenheiro Ildefonso da Silva Dias, doou uma coleção de leques que pertenceram a sua irmã Isaura para o MJC, conforme registro no Livro Tombo da instituição. Como não há registro da legenda expositiva, não há como analisarmos se o Museu indicou na exposição o nome da mulher a quem pertenceu o leque. Destacamos que não foi identificado nenhum objeto nesta exposição que tenha pertencido à personagem Adelina.

Figura 11 – Leque preto



Fonte: Museu Julio de Castilhos (2024).

Destacamos a importância das histórias individuais de Isaura e Adelina como exemplos emblemáticos de resistência em meio a um contexto histórico complexo. O Relatório da exposição cita que,

Isaura e Adelina tem em suas vidas o rompimento de uma lógica imposta para uma maioria, que sofria os desdobramentos do sistema escravista e patriarcal da sociedade brasileira. Netas de africanas que ascenderam economicamente e simbolicamente – surgiram por meio de pesquisas dos objetos da cultura material, que cruzados com várias outras fontes documentais, revelaram em suas importantes trajetórias uma enorme contribuição para o estudo da temática dos africanos e de seus descendentes no Rio Grande do Sul (Rio Grande do Sul, 2014, p. 1).

Diante de tais informações, pairam questionamentos sobre quem foram estas mulheres, quais as motivações para estarem presentificadas no Museu Julio de Castilhos e qual o significado de suas trajetórias para a compreensão mais ampla da história e da identidade cultural na região em questão. Em página do Museu em rede social, havia o seguinte texto:

[...] duas mulheres negras que viveram em Porto Alegre no século XIX [...] Adelina Lydia Bittencourt, professora formada pela Escola Normal no ano de 1889, e Isaura Dias Bittencourt, que frequentava os círculos da comunidade negra porto-alegrense, ligada às principais lideranças do jornal *O Exemplo* (Página do Museu Julio de Castilhos no Facebook, 2014).

Essas indagações e informações introdutórias incitam uma reflexão sobre o papel dessas mulheres na construção da narrativa histórica local, assim como sobre as escolhas que levaram à sua presença na exposição do Museu. Dessa forma, buscou-se contribuir para uma análise mais abrangente e crítica das narrativas históricas no contexto museológico ao apresentarmos as histórias de Isaura e Adelina.

Isaura Dias de Bittencourt nasceu em 1878 em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, filha de Thomaz da Silva Dias e Josepha da Conceição Dias, sendo um dos sete filhos do casal. Mattos (2015) afirma que Isaura participava do meio associativo negro de Porto Alegre e provavelmente foi nele que conheceu o futuro marido. Aos 17 anos, Isaura se casou com Aurélio Viríssimo de Bittencourt, citado no capítulo anterior, que tinha 46 anos na época e já havia sido casado anteriormente, de acordo com Lilian Fontanari (2015). “O casamento ocorreu em cartório, conforme os preceitos da época, sendo o casamento religioso pertencente apenas à esfera da crença” (Fontanari, 2015, p. 119).

Cabe citar que Aurélio era um homem negro e obteve uma “[...] trajetória ascendente junto ao funcionalismo público e à política partidária” (Perussatto, 2018, p. 112). Além de jornalista, foi secretário do governo de Julio de Castilhos e Borges de Medeiros, e um dos fundadores do Partenon Literário em 1868, uma sociedade dedicada à literatura e às artes, composta por homens e mulheres interessados nessas áreas. O Museu Julio de Castilhos possui em seu acervo o retrato de Aurélio, que inclusive encontra-se exposto no espaço “Gabinete Julio de Castilhos” (Figura 12). Segundo Paulo Moreira (2012²² *apud* Medeiros; Witt, 2013, p. 125) o quadro foi adquirido²³ pelo MJC em 1945.

Aurélio Bitencourt [...] acompanhou a idealização e a constituição do Museu Julio de Castilhos, para o qual um retrato seu provavelmente já pintado nesse período seria destinado, imortalizando-o. O quadro enquanto acervo do museu, vestígio da cultura material, representa a História do Estado por meio da pintura, integrando a coleção Iconografia – tendo sido registrado no Livro Tombo de 1983 (Medeiros; Witt, 2013, p. 122-123).

Figura 12 – Retrato de Aurélio Viríssimo de Bittencourt exposto no MJC



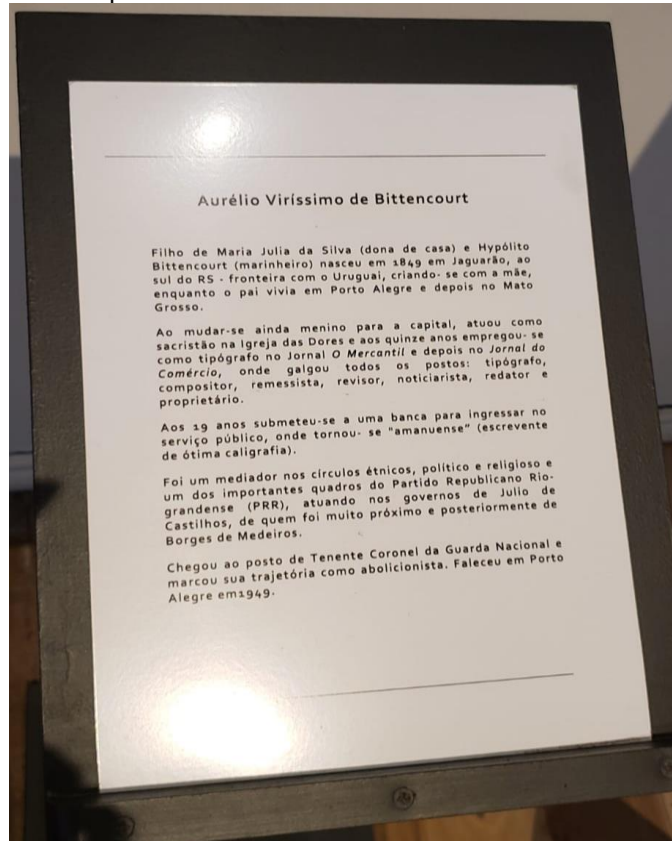
Fonte: Da autora (2022).

²² MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. **Notas sobre Aurélio Viríssimo de Bittencourt**. Entrevista concedida à Maria Ricken de Medeiros e Nara Beatriz Witt. Museu Julio de Castilhos, 01 jun. 2012.

²³ Há divergência quanto à forma de aquisição. No Livro Tombo não consta a forma de aquisição. Na ficha catalográfica, conforme Medeiros e Witt (2013), consta tanto a compra quanto a doação através de João Faria Viana, inclusive identificado como ex-proprietário. No Repositório digital do Museu Julio de Castilhos consta que o retrato foi adquirido de João Faria Viana por meio de compra. Disponível em: <https://acervos.museujulio.rs.gov.br/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

No texto expositivo do espaço “Gabinete Julio de Castilhos” (Figura 13), ao lado do quadro de Aurélio, foi apresentada uma breve biografia, destacando suas origens e realizações, contexto histórico e outras informações sobre sua vida. No entanto mostrou-se importante notarmos que, apesar dessa descrição, não foi feita nenhuma menção a Isaura.

Figura 13 – Texto expositivo ao lado do retrato de Aurélio Viríssimo de Bittencourt



Fonte: Da autora (2022).

Retomando o período em que Isaura viveu, demonstrou-se uma época dominada pela doutrina positivista, na qual homens e mulheres eram incentivados a respeitar os “bons costumes”. Esta doutrina instruía a população a se afastar de tudo o que era considerado profano e divulgava diretrizes para evitar o celibato, conforme segue descrevendo Fontanari (2015). Joana Pedro (2000) deixa claro que em um contexto urbano como o de Porto Alegre, que estava passando por um processo de industrialização na transição do século XIX para o século XX, essas diretrizes tinham como objetivo transformar os indivíduos meramente em “pais e mães responsáveis”. Segundo Fontanari (2015), Isaura não teve filhos. Identificamos que Isaura era frequentemente mencionada em reportagens da época, conforme registros do jornal

A *Federação*, entre os anos de 1901 e 1925. As notas referiam-se às festividades religiosas, registros sociais de aniversário, registro de falecimento do marido, registros judiciais, registros de enfermidade e registro de viagem.

Aurélio faleceu em 1919. Após sete anos, Isaura faleceu, recebendo homenagens do jornal que seu marido foi um dos mantenedores²⁴ para a sua fundação, *O Exemplo*²⁵, ligado a grupos da elite negra do Sul do Brasil entre o final do século XIX e o início do século XX.

[...] Viuva Coronel Aurelio de Bittencourt

Enferma há alguns mezes, tendo seu estado se agravado – como varias vezes noticiamos nas ultimas semanas, veio a fallecer, ás primeiras horas da madrugada do dia de Natal, em sua residência, á rua Bento Martins nº 53, a exma sra. dona Isaura Dias de Bittencourt, viuva de nosso saudoso amigo coronel Aurélio Veríssimo de Bittencourt. [...] Senhora possuidora de excellentes dotes de caracter e de coração, gosava, em nossa sociedade, de muita estima, tanto que, mal foi divulgada, pela manhã de 25, a nova de seu trespasse, encheu-se, de prompto, a casa mortuaria, assim se conservando até a hora do sahimento do feretro, ás 16,30 horas, após ser effectuada a cerimonia de encomendação pelo ritual espirita, officiado ai o coronel Frederico Augusto Gomes da Silva. [...] Grande numero de pessoas, de todos as classes sociais, assistiram a ambas as ceremonias mortuarias [sic] (*O Exemplo*, 02, jan. 1926, p. 4 *apud* Fontanari, 2015, p. 120).

Ao notarmos as citações destinadas a Isaura e ao marido, percebe-se que faziam parte de uma elite porto-alegrense, figurando em eventos sociais e sendo inclusive, homenageados postumamente. A partir desse ângulo, indicando que, da

²⁴ Perussatto (2018, p. 56) descreve que Aurélio Viríssimo de Bittencourt: “Na conjuntura de fundação do periódico ocupava o mais alto cargo da burocracia estadual, qual seja, a Secretaria de Estado da Presidência do Estado. [...] é fundamental sublinhar que além de atuar indiretamente junto ao projeto do jornal, considerando o investimento na formação dos filhos e a abertura das portas do funcionalismo público estadual a outros homens *de cor*, foi diretamente responsável pela viabilidade de *O Exemplo* ao tirar do próprio bolso os recursos necessários para sua impressão. [...] Podemos considerar Aurélio de Bittencourt e Calisto Araújo como um primeiro núcleo mantenedor do jornal, pois se o primeiro viabilizou a impressão do material, o segundo assegurou um espaço físico em um local bastante estratégico, a rua dos Andradas, principal via da capital, como sede do empreendimento jornalístico daqueles promissores jovens”.

²⁵ Gomes (2021, p. 119-120) informa que: “O jornal negro *O Exemplo*, como aponta Maria Angélica Zubarán (2020), apareceu em Porto Alegre em 11 de dezembro de 1892, como propriedade da Irmandade da Nossa Senhora do Rosário. ‘O grupo de afrodescendentes que deu início ao jornal estava composto por Arthur de Andrade, Marcílio Freitas, Aurélio Bittencourt Júnior, Sérgio Bittencourt, Alfredo de Souza e Esperidião Calisto’ (Zubarán, 2020, p. 123). Após alguns anos de existência, no final do século XIX, entre 1892 e 1895, o periódico fechou. *O Exemplo* voltou a circular no início do século XX, em 5 de outubro de 1902. Em janeiro de 1903, foi suspensa a publicação do jornal, que reapareceu em 1904 e manteve-se em atividade até 1905, quando novamente fechou. Suas atividades só reiniciaram em 1916 e, em 1930, sua publicação foi, definitivamente, encerrada (Müller, 1999). *O Exemplo* foi o primeiro impresso da história da comunidade negra porto-alegrense; nas palavras de Zubarán (2020), o jornal ‘[...] trata-se de um testemunho de inestimável valor histórico e cultural para a interpretação da memória das populações’.”

prática social, emergia o reconhecimento e prestígio, demonstrando sua integração e relevância na sociedade da época.

Adelina Lydia de Bittencourt nasceu em 1870, sendo um dos cinco filhos de Aurélio Viríssimo de Bittencourt com sua primeira esposa, Joana Joaquina do Nascimento. Adelina casou-se com Júlio José Machado, um comerciante que mais tarde trabalhou como funcionário municipal. Teve dois filhos, Aquiles José Machado e Celina de Bittencourt Machado. Segundo Melina Perussatto (2018), além de ser mãe e esposa, ela também estava focada em sua carreira no serviço público, seguindo o padrão de ascensão social estabelecido por sua família e de acordo com as oportunidades disponíveis para as mulheres naquela época. Adelina entrou para a Escola Normal em 1886 e se formou em 1888, começando a lecionar no magistério público estadual em 1894. Aos 20 anos de idade, ela foi nomeada professora da 6ª aula do sexo feminino, permanecendo nesse cargo até 1915, quando se juntou ao grupo de examinadores das aulas públicas de Porto Alegre.

Identificamos que Adelina possuiu uma trajetória marcada pelo comprometimento com a educação e pelo reconhecimento de sua capacidade profissional e dedicação ao ensino. Prestes a encerrar sua carreira docente, durante seu discurso como paraninfa de turma que, segundo Perussatto (2018), embora o conteúdo exato do discurso seja desconhecido – há fortes indícios de que a abordagem em relação à educação das crianças negras diferia completamente daquela defendida por segmentos que temiam a alfabetização negra –, Adelina veio a falecer, conforme relatado:

Prof.^a Adelina Lídia de Bittencourt Machado

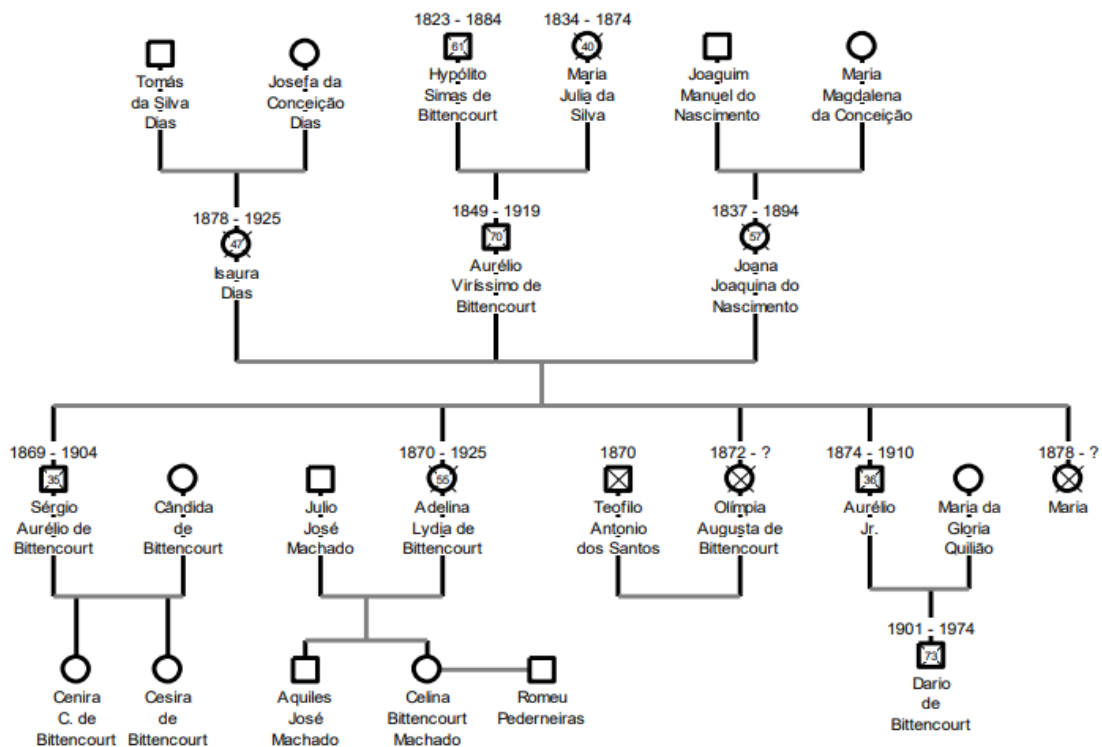
Sucumbiu, na manhã de ontem, em consequência de um colapso cardíaco, a exma. Sra. d. Adelina Lídia de Bittencourt Machado, virtuosa esposa do nosso amigo e companheiro Júlio José Machado, funcionário municipal. A extinta que falece aos 55 anos de idade, era aluna-mestra pela antiga Escola Normal, exercendo sua proveitosa atividade no magistério há 33 anos, sendo que há sete no Colégio Elementar “13 de Maio”, no arrabalde do Menino Deus. Era ela professora de 3ª entrância. Era filha do nosso saudoso amigo coronel Aurélio Viríssimo de Bittencourt, extinto secretário da Presidência do Estado e, a prantear-lhe a morte, deixa dois filhos: o sr. Aquiles José Machado e exma. Sra. d. Celina de Bittencourt Machado Pederneiras, esposa do sr. Romeu Pederneiras, funcionário de um dos cartórios de notas desta capital; “dona Chinoca” – como era mais conhecida na intimidade – era irmã da exma. sra. d. Olímpia de Bittencourt Campos, esposa do nosso amigo major Teófilo Antônio de Campos, escrivão dos feitos das Fazendas do Estado e do município e, ainda, tia do nosso companheiro de trabalho dr. Dario de Bittencourt, advogado desse foro. [...] Às 15 horas, após a comparência das autoridades ao local do trespasse, foi o corpo transferido para a residência da

extinta à rua Lima e Silva, n. 207 (*A Federação*, 21, dez. 1925²⁶, p. 2 *apud* Perussatto, 2018, p. 153).

Conforme Mattos (2015), a influência de Adelina como educadora foi continuada por sua filha Celina e sua neta Nelly. Nelly Cunha foi citada em diversos artigos na área da educação como uma figura proeminente no magistério gaúcho durante as décadas de 1960 e 1970. Ela deixou, assim como seu tio-avô Dario de Bittencourt, diversos registros de sua carreira profissional e vida pessoal, os quais foram preservados pela família. Esse legado demonstra a importância da educação na família de Adelina e o impacto duradouro de sua dedicação ao ensino ao longo das gerações.

Importante ressaltar que o relatório da exposição menciona o uso de um painel com a árvore genealógica de Isaura e Adelina. No entanto, a única evidência disponível é a imagem previamente mostrada (Figura 5), na qual apenas uma parte desse painel aparece ao fundo, limitando nosso acesso ao conteúdo completo deste material expográfico. Dessa forma, para elucidar a linhagem da família Bittencourt, à qual Isaura e Adelina pertenciam, incluímos um mapa genealógico (Figura 14).

Figura 14 – Mapa genealógico da família Bittencourt



Fonte: *A Federação*; *O Exemplo* *apud* Perussatto (2018).

²⁶ "Necrológico: Adelina Lídia de Bittencourt Machado", *A Federação*, 21, dez. 1925, p. 2.

A família das personagens desempenhou um papel ativo na criação e fortalecimento de um conjunto de ações voltadas para a defesa de direitos e na busca por oportunidades educacionais, profissionais, sociais e políticas na capital do Rio Grande do Sul, conforme destacado por Perussatto (2018). Ainda segundo a autora, isso se evidencia especialmente ao considerarmos os desafios, as perspectivas e as expectativas educacionais, familiares e profissionais, que foram influenciados pela interseção entre as categorias de gênero, raça e classe.

Para a realização de um projeto familiar e geracional calcado na conquista de respeitabilidade e mobilidade social houve, portanto, um grosso investimento na instrução, na inserção em espaços de trabalho e profissões de prestígio, em redes associativas e em redações jornalísticas. [...] as experiências educacionais [...] ajudaram a deslindar possibilidades de acesso à instrução [...] por pessoas negras desde a segunda metade do século XIX, transpassando os marcos da Abolição e da República (Perussatto, 2018, p. 152).

Logo, ao verificarmos as origens das personagens da exposição em análise, consideramos os desafios enfrentados por essas mulheres e as oportunidades disponíveis para elas. Nessa perspectiva, observamos que, como não há registros das informações dos textos expositivos, não podemos identificar se Aurélio Viríssimo de Bittencourt foi referenciado na exposição como esposo de Isaura e pai de Adalina. No texto inserido em rede social do MJC sobre a exposição, não há qualquer menção a Aurélio.

A ausência de referência a Aurélio Viríssimo de Bittencourt na exposição “Isaura e Adalina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX” pode ser uma escolha curatorial consciente. Isso levanta à questão de como a narrativa foi construída para destacar as vidas e contribuições de Isaura e Adalina, independentemente de sua conexão com Aurélio. A curadoria pode ter optado por não mencionar Aurélio para centrar a exposição exclusivamente nas experiências e desafios enfrentados por Isaura e Adalina como mulheres negras, evitando que suas histórias fossem ofuscadas pela figura de Aurélio.

Nos textos expositivos e na comunicação em redes sociais do MJC, a ausência de menção a Aurélio pode ser uma tentativa de evitar a perpetuação de narrativas que colocam a história de mulheres em segundo plano, em relação a homens associados a elas. Isso se alinha com uma abordagem mais moderna e sensível de representatividade, onde o foco é dado às experiências e identidades das próprias

mulheres.

No entanto, essa omissão também pode ser vista como uma oportunidade perdida para discutir a complexidade das identidades e relações sociais da época, especialmente considerando o destaque que Aurélio recebeu em outros trabalhos acadêmicos. A referência a Aurélio nos estudos de Moreira (2014) e Gomes (2021) sugere uma figura cuja identidade racial e ascensão social eram notáveis e que influenciou significativamente as vidas de Isaura e Adelina. A decisão de não incluir Aurélio na narrativa expositiva pode ser entendida como uma escolha para realçar a autonomia e importância de Isaura e Adelina, mas também pode ser interpretada como uma omissão de um contexto social mais amplo que ajudou a moldar suas experiências.

Essa abordagem curatorial, ao omitir ou minimizar a presença de figuras masculinas associadas às mulheres retratadas, pode ser uma tentativa de ressaltar a importância das mulheres em suas próprias histórias. No entanto, é importante considerar como essas escolhas impactam a percepção do público sobre a complexidade das relações sociais e raciais da época.

Entretanto, nos trabalhos citados nessa pesquisa que tratam das duas personagens, Aurélio mostrou-se referenciado. Denota-se que “[...] a cor de Aurélio ou a relação de sua epiderme com a sua positiva ascensão social e profissional parece ter fascinado os seus contemporâneos” (Moreira, 2014, p. 91), o que Arilson Gomes (2021) corrobora, ao descrever que “a partir dessas assertivas, constata-se que a identidade negra passa a ser uma afirmação constante nas práticas desses sujeitos” (Gomes, 2021, p. 120).

Retomando o Relatório da exposição, foi possível identificarmos como se deu a abertura (Figura 15), com o intuito de buscar um entrelaçamento com o cotidiano das mulheres negras do período em que a exposição estava vigorando no Museu Julio de Castilhos:

Na abertura da exposição contamos com a intervenção artística das meninas do Coletivo Negração, com a apresentação “Nzingas Guerreiras”, que consistia na compilação de alguns trechos de músicas e declamação de poemas relacionados ao cotidiano da mulher negra. Também tivemos a intervenção artística Instituto Cadê Zumbi?. Ao fim das apresentações, ocorreu uma roda de conversa com a professora Cristina Camaratta Luis Bahia e Dinamara da Silva Prates, bacharela em Administração pelo IPA e membra do Coletivo Negração (Rio Grande do Sul, 2014, p. 1).

Figura 15 – Intervenção artística e roda de conversa na abertura da exposição “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX”



Fonte: Página do Museu Julio de Castilhos no Facebook²⁷.

Em página de rede social do MJC, havia texto detalhando as participações das professoras Cristina Bahia e Dinamara Prates e do Instituto Cadê Zumbi?, indicando que a exposição incluiu expressões artísticas e educacionais, conforme transcrevemos:

Cristina Camaratta Lins Bahia e Dinamara da Silva Prates participaram da abertura da exposição proferindo a palestra “Uma participação feminina e negra na redação do jornal *O Exemplo*”. O evento contou com apresentação musical do Instituto Cadê Zumbi?, um coletivo de agentes, multiplicadores e ativistas culturais no fomento e preservação das culturas como ferramentas pedagógicas de educação, sob a coordenação de Mateus Ceni de Oliveira (Página do Museu Julio de Castilhos no Facebook, 2014).

Esse formato interativo e participativo contribuiu com a finalidade de enriquecer a compreensão do público, estimulando o engajamento e a conexão com as histórias apresentadas. Dessa forma, a exposição se destacou ao promover uma compreensão mais profunda das lutas, conquistas e contribuições das mulheres negras no contexto

²⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/MuseuJulioDeCastilhos/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

histórico brasileiro, ao mesmo tempo em que instigou reflexões críticas sobre as narrativas hegemônicas e a importância de abordar e valorizar vozes marginalizadas. Ao proporcionar esse espaço de diálogo e aprendizado, a exposição não só educou sobre o passado, mas também incentivou uma postura mais questionadora e empática frente às questões sociais na contemporaneidade.

3.3 Exposição “Narrativas do Feminino”

“Narrativas do Feminino” caracteriza-se por exposição de longa duração realizada pelo Museu Julio de Castilhos, com abertura no ano de 2020 e vigorando até os dias atuais²⁸, concebendo destaque à presentificação da vida social e do cotidiano das mulheres, a partir de objetos de coleções do MJC. Cabe destacar que além de estar presente no espaço físico do Museu, esta foi a sua primeira exposição virtual²⁹.

Com alterações a cada seis meses, a exposição “Narrativas do Feminino” busca, conforme texto expositivo, fazer “[...] itinerar o olhar de quem a visita, [...] de modo a promover reflexões, debates, trocas e visibilidades sobre o feminino e a trajetória de luta das mulheres de todos os tempos [...]” (Rio Grande do Sul, 2021). A exposição em espaço físico foi inaugurada em novembro de 2020 (Figura 16) e a exposição em espaço virtual foi apresentada ao público em março de 2021 (Figura 17).

²⁸ Atualmente encontra-se aberta à visitação no Museu Julio de Castilhos a quinta fase da exposição “Narrativas do Feminino”.

²⁹ Endereço da página da exposição virtual: <https://museujulio.wixsite.com/narrativasdofeminino>.

Figura 16 – Espaço físico da exposição “Narrativas do Feminino”



Fonte: Museu Julio de Castilhos (2024).

Figura 17 – Espaço virtual da exposição “Narrativas do Feminino”



Fonte: Museu Julio de Castilhos (2024).

Analisamos nesta pesquisa os três primeiros ciclos da exposição, nos formatos físico e virtual, tendo em vista que os textos expositivos são os mesmos nessas duas

modalidades. Atualmente a exposição está no seu quinto ciclo, inaugurado recentemente em março de 2024, dedicada às mulheres negras, com a apresentação do acervo recolhido pelo MJC na campanha de aquisição Acervo Afro-Gaúcho, iniciada em 2020.

A curadoria da primeira fase foi realizada pela servidora Angelita Silva (Mestra em Teoria da Literatura), pela diretora Dóris Couto (Mestra em Museologia e Patrimônio e Museóloga que dirige o MJC desde 2019) e pelas estagiárias Jade Mendes (Agente Cultural e à época graduanda em Museologia), Juli Anne De Bem (graduanda em Museologia), Maria José Alves (Historiadora, Mestra em Educação, e então graduanda em Museologia), Maria Albugueri (bacharelanda em História), Morgana Bart (Técnica em Design de Interior e então graduanda em Museologia) e Victoria Paz (graduanda em Jornalismo). A curadoria da segunda e da terceira fase foi realizada pelas servidoras Angelita Silva e Monica Wiggers (Mestre em Geografia), pela diretora Dóris Couto e pelas estagiárias Jade Mendes e Karoline Carvalho (graduanda em História). O espaço virtual foi criado pela estagiária Victoria Hornos (graduanda em Museologia), com indicações da servidora Angelita Silva e da diretora Dóris Couto.

Observou-se que no decorrer do período de realização dessa exposição, o MJC aprovou o seu Plano Museológico (2021-2026) (Anexo B). Conforme Ferreira (2021), o plano museológico foi instituído em âmbito federal, pela Lei nº 11.904/2009, tratando-se de ferramenta básica de planejamento estratégico, delineando o direcionamento das ações e atividades museológicas. Até então, o Museu não possuía Plano, conforme Andréa Silveira (2019). Este documento foi analisado, ao passo que entendemos importante pontuarmos as ações do Museu no escopo do que propusemos nesta pesquisa. Nesse sentido, indicamos o trecho que se refere às mulheres, ao descrever o perfil museológico do MJC:

Inscreve-se no Sistema Brasileiro de Museus como museu histórico e trata das temáticas trazidas à luz pela historiografia oficial e, em raros momentos, pautou temas polêmicos ou inclusivos de personagens que ficaram à margem da história oficial, em especial mulheres, negros e povos indígenas (Rio Grande do Sul, 2021, p. 4).

A aprovação do Plano Museológico (2021-2026) pelo Museu Julio de Castilhos marcou um ponto de inflexão na trajetória da instituição, que, até a criação deste documento, conforme apontado por Silveira (2019), carecia de uma direção

estratégica formalizada para suas atividades museológicas. Este plano, enquadrado pela legislação vigente, estabelece-se como um instrumento de planejamento essencial, orientando a instituição não apenas na conservação e exposição de seu acervo, mas também na definição de suas políticas culturais e educativas.

A menção específica às mulheres, negros e povos originários no perfil museológico delineado pelo plano, conforme citado no documento, revelou um avanço significativo na sensibilização e no reconhecimento das contribuições desses segmentos pelo Museu. Ao destacar esses personagens historicamente marginalizados pela historiografia oficial, o Museu não só reconhece a existência de lacunas em sua narrativa histórica, mas também expressa um compromisso em pautar temas inclusivos, que foram frequentemente ignorados ou minimizados no discurso histórico.

Este trecho do plano indicou uma abertura e uma vontade institucional de engajar-se com uma história mais plural e representativa, refletindo as tendências contemporâneas na Museologia de valorizar vozes e perspectivas diversas. A inclusão de mulheres, negros e povos originários como foco de interesse museológico sugere uma mudança paradigmática em direção a uma abordagem mais inclusiva e crítica da história, que procura reparar omissões e promover um entendimento mais complexo e multifacetado do passado.

Com efeito, a implementação efetiva dessas diretrizes do Plano Museológico (2021-2026) e seu impacto nas exposições e atividades do MJC permaneceram como áreas de interesse para futuras pesquisas. Sugere-se crucial acompanhar como o Museu integra essas perspectivas marginalizadas em sua programação e em que medida consegue provocar um diálogo renovado sobre a história oficial, desafiando narrativas estabelecidas e promovendo uma consciência histórica mais inclusiva.

Ao nos debruçarmos sobre a exposição, inicialmente, trazemos texto que relata o processo curatorial, a fim de compreendermos o projeto, o processo criativo que culminou na sua realização. Transcrevemos o trecho extraído do espaço virtual da mostra:

Processos coletivos não são fáceis e envolvem um conjunto de questões que muitas vezes escapam ao desejo e ao planejamento, isto porque lidamos com diversas opiniões, com áreas de conhecimento diferentes e, especialmente, com vivências em que se assentam identidades, expectativas, modos de ver o trabalho proposto e da produção compartilhada.

Se a dificuldade cerca esse tipo de curadoria pelos motivos expostos acima, imagine fazê-lo a maior parte do tempo à distância e em meio a uma pandemia, como a que atravessa o Brasil desde o ano passado?

Gerou confusão, sobrecarga de trabalho, revisão de posturas, muita pesquisa, muitas conversas e discussões, algumas das quais bem ásperas, demandou aprendermos a lidar com as ferramentas de criação do site, no melhor estilo “faça você mesma”, mas também nos fez acreditar que era possível, pois cada uma com seus aportes dá a luz, em conjunto, neste 08 de março de 2021, à primeira exposição virtual do Museu Julio de Castilhos, instituição da Secretaria da Cultura do RS, com 118 anos de narrativas predominantemente masculinas.

Todo percurso gera algum aprendizado, e este aqui se propõe a promover “viradas” de conteúdo, onde a participação do público virtual é desejada: sugerindo, criticando, propondo, porque mulheres não fogem à luta e à construção cotidiana de novas possibilidades para si e para a humanidade (Rio Grande do Sul, 2021).

A partir do texto, podemos observar uma reflexão sobre os desafios enfrentados no processo curatorial, particularmente quando realizado de forma coletiva. São destacadas as dificuldades inerentes a lidar com diferentes opiniões, áreas de conhecimento e vivências, que influenciam nas identidades, expectativas e visões de trabalho. O destaque para a data de lançamento da primeira exposição virtual do Museu Julio de Castilhos, em 08 de março de 2021, Dia Internacional da Mulher, ressalta a importância da iniciativa em promover uma narrativa mais inclusiva, sobretudo em uma instituição com uma história predominantemente patriarcal. Mostrou-se enfática a importância da participação do público, convidando-o a contribuir com sugestões, críticas e propostas. Essa abertura para o diálogo e colaboração proposta pelas curadoras reflete a ideia de que as mulheres não apenas enfrentam desafios, mas também têm um papel ativo na construção de novas possibilidades para si mesmas e para a sociedade.

A fim de embasar a análise realizada nesta pesquisa, a partir de informações coletadas no Museu, optamos por desenvolver quadro (Apêndice B) contendo informações detalhadas atinentes aos objetos pertencentes ao acervo do MJC utilizados na exposição. Cabe mencionar que foram incluídos objetos catalogados, tombados, em processo de doação e em processo de tombamento. Observamos que identificamos o uso de objetos pertencentes ao acervo de outras instituições e à coleção privada. Ao contrário da exposição anteriormente analisada, esta não possui Relatório.

Durante o período pesquisado, a exposição passou por três diferentes fases, que foram descritas a seguir. A primeira fase vigorou entre os anos de 2020 e 2021,

tratando inicialmente sobre a condição das mulheres no final do século XIX e primeira metade do século XX, destacando os desafios enfrentados em uma sociedade marcada pela invisibilidade e desvalorização de seu lugar na sociedade.

3.3.1 “Narrativas do Feminino” – Fase 1

Como um prelúdio, a exposição inicia tratando das mulheres da família Castilhos, Honorina de Castilhos e suas filhas Julia, Eugênia, Otília e Ambrosina, mencionando que com seus vestidos longos e modos refinados, retratavam um ideal de feminilidade associado à época, mas também ressaltavam a limitação de seus papéis sociais, circunscritos à da esfera privada e doméstica. Descreve-se em trecho de texto expositivo que,

Muito pouco se sabe sobre Honorina para além do seu gosto pela leitura, em pintar telas e tocar piano, revelação encontrada nas cartas em que Julio de Castilhos, quando ainda era seu noivo, recomendava-lhe os clássicos da filosofia, música e os mestres da pintura, para que “adquirisse a cultura necessária ao papel de esposa de um político influente”. Eram tempos em que as mulheres eram invisibilizadas. Seu espaço era o privado, onde administravam o lar e os bastidores das carreiras profissionais e políticas de seus homens. Cabia-lhes serem filhas amorosas e obedientes, ótimas mães e devotadas esposas. Eram preparadas para viverem esses papéis desde a escola, onde cursavam técnicas domésticas como parte obrigatória do currículo. Consideravam-nas inaptas para o aprendizado das ciências exatas, destinado somente aos meninos (Rio Grande do Sul, 2021).

Revelou-se principalmente impactante perceber como as mulheres eram preparadas desde cedo para assumir determinados papéis sociais de filhas, esposas, mães e donas de casa. A menção à educação, que enfatizava técnicas domésticas em detrimento das ciências exatas, revela como as oportunidades educacionais eram diferenciadas com base no gênero, contribuindo para perpetuar desigualdades estruturais. Entretanto em que pese essa realidade das mulheres no final do século XIX e boa parte do XX, terem sido, de maneira geral, relegadas aos cuidados da família, apartadas do mundo do trabalho, a exposição mostrou que algumas mulheres eram trabalhadoras, inserindo além do gênero um corte de classe social na narrativa.

Assim, a exposição denota o contraste entre a vida das mulheres da elite e aquelas de classe baixa, ressaltando não apenas as disparidades econômicas, mas as diferenças nas experiências cotidianas e nas oportunidades disponíveis. Foi possível observar, inclusive pelo acervo utilizado na exposição que, enquanto as

mulheres da elite desfrutavam de luxo e conforto, as mulheres de classe baixa realizavam trabalhos de modo a literalmente servir para sustentar a vida das famílias abastadas. Ainda no texto expositivo inicial, demonstrou-se essa observação, ao elucidar sobre o cotidiano das mulheres retratadas:

Entre a roupa lavada na pedra por negras forras, o luxo das festas da elite gaúcha e a coragem de enfermeiras da Segunda Guerra Mundial, propomos uma reflexão sobre os caminhos de desigualdades de gênero que perpassaram o Império e avançaram pela República, referendadas pela legislação da época. Não foram dias fáceis para as mulheres e menos ainda para aquelas de classe baixa, cujo trabalho era desvalorizado apesar de fundamental para o bom desempenho social das mulheres da elite: lavadeiras (negras, em sua maioria) lavavam inclusive os “panos de menstruação” das senhoras da sociedade, produziam os quitutes de suas festas, costuravam, passavam e engomavam suas roupas, lustravam os pisos de suas casas em troca de alguns “réis” (moeda da época) ou ainda por um lugar para dormir e sobras de comida (Rio Grande do Sul, 2021).

Ao adentrarmos nesta primeira fase, a exposição traçou no espaço “Linha do Tempo” (Figura 18), por meio de painéis com textos expositivos ao longo do corredor de acesso à sala da exposição, algumas informações históricas que envolveram as mulheres e breves biografias destas personagens no Rio Grande do Sul de 1861 a 1950. Nesse sentido, o texto expositivo descreveu que a escassez de informações adicionais sobre certas mulheres tratou-se de resultado da invisibilidade atribuída a elas ao longo dos anos, entretanto, a ausência de registros não deve impedir que elas sejam presentificadas (Rio Grande do Sul, 2021).

Figura 18 – Espaço “Linha do Tempo” na exposição “Narrativas do Feminino” – Fase 1



Fonte: Da autora (2022).

A exposição “Narrativas do Feminino” em sua primeira fase apresenta algumas trajetórias, enfatizando as atividades desempenhadas por essas mulheres, de modo a convergir ao cotidiano, havendo, na mesma sala de exposição, após passarmos pelo corredor “Linha do Tempo”, espaços dedicados às lavadeiras, às mulheres da elite, às mulheres intelectuais e à Odila Gay da Fonseca. Cada espaço expositivo e seus objetos são descritos a seguir.

O nicho expositivo “As Lavadeiras” retratou mulheres que desempenharam um papel significativo na sociedade, especialmente nas áreas urbanas. Historicamente, as lavadeiras eram predominantemente mulheres negras e de classes sociais menos privilegiadas. Realizavam suas tarefas em locais como rios, riachos ou mesmo em áreas designadas dentro das cidades, onde poderiam lavar e secar as roupas. Texto expositivo descreveu que,

Em Porto Alegre, as lavadeiras buscavam as trouxas de roupas nas casas de famílias ricas para lavar, principalmente, nas águas do Guaíba, do Arroio Dilúvio. Era um processo totalmente braçal, em que a roupa era molhada, ensaboada, batida na pedra e colocada para quarar (branqueamento pela ação do sol), depois de seca, era dobrada e levada para ser engomada, passada e, finalmente, acomodada na trouxa de modo a não amassar ao ser entregue. Os encontros periódicos entre as lavadeiras criavam e solidificavam

laços de amizade e solidariedade, ajudando na construção de um universo social relativamente autônomo da mulher negra, que a fortalecia para o enfrentamento das adversidades e do forte preconceito a que eram submetidas. Muitas respondiam sozinhas pelo sustento dos filhos, realidade que atravessou séculos e que ainda se mantém (Rio Grande do Sul, 2021).

Prosseguindo, analisamos o espaço expositivo (Figura 19) e os objetos utilizados, que fazem parte da Coleção Utensílios Domésticos (UD) do MJC. A imagem mostra em primeiro plano uma fronha branca (1128/113 UD) de cambraia e renda, com bordado. Não há informação a quem pertenceu ou forma de aquisição. À esquerda do observador, há um ferro de passar roupa – ferro a cunha (3139/17 UD), sendo adquirido por meio de compra dos Irmãos Barbedo, no entanto, não há informação a quem pertenceu. À direita, há um ferro de passar roupa – ferro de engomar (1553/29 UD), com fornalha para queimar carvão, tendo pertencido ao Colégio Anchieta e doado pela mesma instituição no ano de 1966. Atrás dos dois ferros de passar, há um terceiro objeto, um ferro a carvão (10198/223 UD), tendo pertencido e doado por Lais Cecy Geremia em 1998.

Ao fundo, fixada na parede, há uma fotografia, conforme legenda expográfica, intitulada “Lavadeira de Abaeté”, pertencente ao acervo do Jornal *Correio* – Arquivo *Correio*, na Bahia. Identificamos que dos objetos utilizados, somente um há registro que pertenceu a uma mulher, o ferro de passar, embora esta mulher não seja personagem da exposição. Mostrou-se importante ressaltar que a mulher negra retratada na fotografia presentifica o trabalho das mulheres negras lavadeiras, porém, não foi identificada, personificada, não há informação na exposição sobre quem foi a “Lavadeira de Abaeté”.

Figura 19 – Espaço “As Lavadeiras” na exposição “Narrativas do Feminino”



Fonte: Museu Julio de Castilhos (2024).

Compreendemos que o cenário sugeriu a conexão entre os objetos e a presentificação da mulher negra na fotografia ao estar relacionada ao papel tradicional das mulheres na época retratada, ao vermos uma mulher negra ao fundo trabalhando como lavadeira, uma atividade convencionalmente exercida por mulheres, muitas vezes negras, no Brasil, sobretudo em contextos históricos de pós-abolição. Ela está ajoelhada, lavando roupas em uma bacia, o que pode indicar um trabalho manual intenso e diário associado à época da escravidão e mesmo após ela, como forma de subsistência. À frente, há três ferros de passar, que reforçaram a conexão com o trabalho doméstico costumeiramente realizado por mulheres. A composição refletiu as narrativas históricas e sociais associadas ao trabalho das mulheres e às suas condições muitas vezes precárias. O nicho expositivo em nossa análise representou as habilidades e os trabalhos domésticos que não foram valorizados em diferentes períodos e culturas, mas de forma identitária faziam parte do papel das mulheres negras na sociedade.

Ao passarmos para o próximo nicho expositivo intitulado “Mulheres da Elite”, a exposição retratou, especialmente durante o final do século XIX e os primeiros anos

do século XX, estas mulheres que ocupavam uma posição privilegiada na sociedade, mas também estavam sujeitas a expectativas sociais rígidas e limitações de gênero. Embora tivessem acesso a recursos financeiros, educação formal e influência social, as mulheres da elite frequentemente estavam relegadas ao espaço doméstico de cuidadoras da família e do lar. Eram incentivadas a cultivar interesses culturais e intelectuais, mas dentro dos limites estabelecidos pela sociedade patriarcal da época. Segundo o texto expositivo,

Ainda na época do império, as mulheres da elite eram anfitriãs impecáveis nos banquetes e saraus que as famílias promoviam, mas seus papéis iam bem além: tinham influência nas decisões políticas de seus maridos, articulavam-se entre si e participavam ativamente da vida em sociedade, inclusive nos movimentos a favor da abolição da escravatura, apesar da vertente tradicional da história, escrita por homens, os primeiros que tiveram acesso aos bancos escolares, apresentarem-nas como “pacatas, recatadas e do lar”. [...] precisavam tão somente aprender as operações básicas que lhes permitissem executar a contento as “prendas” domésticas, atribuindo-lhes, quando mães, o importante papel civilizatório na criação das novas gerações (Rio Grande do Sul, 2021).

Analisando o espaço expositivo (Figura 20), identifica-se que os objetos utilizados fazem parte das Coleções Indumentária e Objetos de Uso Pessoal (OP) do MJC. A imagem mostra, da esquerda para a direita do observador, inicialmente, um par de luvas pretas de renda (s/n), não havendo maiores informações sobre o objeto. Ao lado, uma caderneta de baile com lápis (10427/66 OP), que pertenceu à Maria Isabel Brasil Zazzeron e adquirido por doação de Enice Zazzeron Nunes em 1999. Ao centro, chapéu feminino (10810/1035 Id) de veludo preto, bordado com pedrarias e pérolas, que pertenceu e foi doado por Lya Dalva Aranda de Souza. À direita, um leque preto de plumas de avestruz (460/16 Id), adquirido em 1952 por doação, tendo pertencido à Maria Isabel de Castro Souza Pinto. Ao fundo, à esquerda há um leque artesanal de plumas nas cores branco e rosa (8927/684 Id), doado por Neusa Cecilia Todeschini em 1988, no entanto, não há informação a quem pertenceu. Ao lado direito, há um binóculo para teatro (4309/14 OP), que pertenceu e foi doado por Carmen Wiltgen da Silva em 1978. Em último plano, um par de luvas de cor bege (s/n), não havendo maiores informações sobre o objeto.

Figura 20 – Espaço “Mulheres da Elite” na exposição “Narrativas do Feminino”



Fonte: Museu Julio de Castilhos (2024).

Além deste espaço, havia ao centro da sala de exposição (Figura 21), outros objetos do mesmo nicho expográfico, como um vestido de festa na cor preta com bordados (1162/193 Id), adquirido por doação e pertencido à Ana Rieth Pinto.

Figura 21 – Espaço “Mulheres da Elite” na exposição “Narrativas do Feminino”



Fonte: Museu Julio de Castilhos (2024).

Junto ao manequim com o vestido, uma bolsa feminina pequena de metal (7990/668 Id) (Figura 22), não havendo maiores informações sobre o objeto. Ao lado, uma camisola (10467/817 Id) que pertenceu à Leda Estima e doado por Lais Cecy Geremia. Também foram utilizados um chambre (s/n), não havendo maiores informações sobre o objeto, e um chapéu feminino (10693/949 Id) que pertenceu à Áurea Cavalcante e foi adquirido em 2002 por doação de Cecilia Ribeiro. Identificamos

que, dos objetos utilizados, de acordo com os registros, a maior parte pertenceu a mulheres e foram doados por mulheres. Embora estas mulheres não sejam personagens da exposição, ressaltamos que em diversas legendas expográficas as tais “mulheres da elite” foram identificadas, personificadas, havendo detalhes de uso e fabricação dos objetos, como podemos observar na legenda que acompanha o objeto chapéu feminino (10810/1035 Id), conforme transcrevemos: “Chapéu produzido por Mary Steigleder e usado por Lya Dalva de Souza Poli em um casamento. Década de 1940” (Rio Grande do Sul, 2021).

Figura 22 – Espaço “Mulheres da Elite” na exposição “Narrativas do Feminino”



Fonte: Museu Julio de Castilhos (2024).

Percebemos que a exposição utilizou de objetos que evocam a moda e os acessórios usados por mulheres de status social elevado, especialmente em eventos formais ou em ambientes de teatro. Eles refletem as normas de etiqueta e as práticas sociais da época, indicando a importância da aparência e de um comportamento dito adequado para as mulheres da alta sociedade. Apresentou-se perceptível a riqueza de informações sobre os objetos e a ligação entre suas proprietárias, reduzindo lacunas sobre as histórias retratadas.

Caminhando para o próximo nicho expositivo intitulado “Mulheres Intelectuais”, a exposição tratou sobre o rompimento de um limite estabelecido por uma sociedade

patriarcal, ao que se demonstra por um enfrentamento de vanguarda das mulheres intelectuais, também presentificadas na exposição pesquisada. Comumente, as mulheres intelectuais precisaram enfrentar estereótipos de gênero e preconceitos que questionam sua capacidade e legitimidade como pensadoras e profissionais em seus respectivos campos. No entanto, apesar desses obstáculos, as mulheres intelectuais desafiavam as ideias convencionais da época.

A exposição menciona Luciana de Abreu, conforme trecho de texto expositivo, “[...] ao ser a primeira mulher brasileira a subir, em 1873, em uma tribuna e discursar sobre liberdade de instrução e de trabalho para as mulheres, na Sociedade do Partenon Literário” (Rio Grande do Sul, 2021). Seguimos com o texto expositivo explanando sobre esse enfrentamento dessas mulheres, à medida que:

[...] publicaram livro de poemas; criaram periódicos dirigidos e escritos por e para mulheres; escreveram em periódicos em prol da participação política da mulher; fundaram escolas mistas, asilos e orfanatos para crianças carentes; organizaram atividades pela abolição da escravatura; graduaram-se em cursos como Medicina, Direito e Odontologia; organizaram-se para ter aulas à noite, pois trabalhavam durante o dia; presidiram instituições voltadas à proteção da mulher trabalhadora; assumiram liderança para auxiliar em catástrofes; obtiveram brevê de piloto; lutaram e morreram ao defender seus direitos políticos e sociais; e tantas outras atividades que ainda se encontram invisibilizadas pela falta de pesquisa, de registro e de documentação (Rio Grande do Sul, 2021).

Os objetos utilizados no espaço expositivo fazem parte das Coleções Objetos de Uso Pessoal (OP), Utensílios Domésticos, Máquinas (Mq) e Vários (Vr) do MJC. A imagem (Figura 23) mostra, da esquerda para a direita do observador, em primeiro plano, um berço para mata borrão (329/37 UD) que pertenceu ao Coronel Emilio Massot e doado em 1958 pela Brigada Militar. Ao lado, cálice para licor (3141/20 UD), adquirido por doação de Joaquim Carlos de Moraes. Caneta tinteiro (891/48 OP) que pertenceu a Paulo de Souza Ribeiro e doado em 1987 por Diva Tomasi Ribeiro. À direita, tinteiro (3140/18 UD) em formato de estatueta semeadora, sendo objeto que acompanha o berço para mata borrão já mencionado. Ao centro, um livro manuscrito (s/n). Após, um marcador de páginas (5651/115 Vr), tendo pertencido ao Doutor Mário Totta e adquirido por doação de Judith Totta Cramer em 1974. Ao lado, um abridor de cartas (6429/174 Vr) que pertenceu a Manoel Marques de Souza, o Conde de Porto Alegre e doado por seu bisneto José Parreira Ferreira da Silva no ano de 1980. Ao fundo, uma cigarreira (10023/56 OP) que pertenceu a José Loureiro da Silva, ex-prefeito de Porto Alegre na década de 1960, e adquirido por doação de Leandro Silva

Telles em 1997. Em último plano uma máquina de escrever (117/2 Mq) doada por Ilda Lopes Terra em 1944.

Identificamos que o livro utilizado, conforme legenda expográfica “Livro ‘O Perdão’, de Andradina América de Andrade e Oliveira. Ano de 1910 [...]” (Rio Grande do Sul, 2021), pertence ao acervo da Biblioteca Pública do Rio Grande do Sul. De acordo com os registros, identificamos que os objetos utilizados pertenceram à mulheres e homens, o que demonstra motivação por não mencionar a quem pertenceram os objetos ou presentificar algum personagem em legendas e textos expositivos.

Figura 23 – Espaço “Mulheres Intelectuais” na exposição “Narrativas do Feminino” – Fase 1



Fonte: Museu Julio de Castilhos (2024).

Compreendemos que o nicho expositivo se concentrou em apresentar objetos associados a mulheres intelectuais, mesmo quando tais objetos originalmente pertenceram a homens. Isso demonstrou, além de lacunas sobre objetos pertencentes às mulheres no acervo do Museu, para além de indumentária feminina, mas também levantou questões sobre a verdadeira propriedade dos objetos catalogados como pertencentes a homens.

O espaço indicou a escrita como uma forma de expressão intelectual, havendo textos manuscritos, sugerindo publicações ou trabalhos acadêmicos. Outros objetos complementaram a ideia de estudo ou trabalho intelectual. A disposição desses objetos nesse cenário representou de alguma forma uma homenagem às contribuições das mulheres ao pensamento, à literatura, à arte e à academia.

Já o nicho expositivo “Odila Gay da Fonseca”, último espaço analisado dessa primeira fase, traz um painel com uma breve biografia daquela mulher que foi enfermeira, engajada em atividades relacionadas à educação e à assistência social.

No painel da exposição, a personagem foi descrita como “[...] uma mulher à frente de seu tempo” (Rio Grande do Sul, 2021). Destacamos que foi uma das fundadoras da Cruz Vermelha Brasileira do Rio Grande do Sul, tendo exercido atividades em inúmeras instituições de caridade. A personagem Odila, segundo o texto expositivo:

Teve importante papel no auxílio às vítimas da grande enchente que assolou Porto Alegre, em 1941, junto à Dona Neuza Brizola, esposa do então governador, fazendo parte das Voluntárias Judith Meneghetti, recebendo uma homenagem em cartão de prata. Em 1942, Odila promoveu uma exposição de arte junto com outras senhoras ilustres da sociedade e de instituições da capital, durante a festa do Bicentenário de Porto Alegre, a fim de reverter os lucros das vendas em prol de obras assistenciais.

Fundou, ao lado de Laura Leitão de Carvalho, esposa do comandante da terceira região, a Cruz Vermelha Brasileira do RS, permanecendo à frente de sua administração por mais de 25 anos, abrindo filiais em quase todo o Estado. A Instituição teve atuação marcante durante a Segunda Guerra Mundial, não somente formando enfermeiras, auxiliares de enfermagem, socorristas, como também auxiliando no contato de famílias estrangeiras envolvidas no conflito (Rio Grande do Sul, 2021).

Prosseguindo, analisamos o espaço expositivo (Figura 24) e os objetos utilizados, estes que fazem parte das Coleções Vários (Vr), Indumentária, Medalhas (Md), Documentos (Dc) e Iconografia do MJC. A imagem mostra, em primeiro plano, da esquerda para a direita, a medalha da Cruz de Guerra (3243/41 Md), um laço de Condecoração da Cruz Vermelha Alemã (3245/69 Md), uma Cruz de Distinção da Cruz Vermelha Brasileira (3246/70 Md), uma Cruz do Mérito da Cruz Vermelha Brasileira (3247/71 Md), e uma Cruz de Mérito da Cruz Vermelha Alemã – Insígnia (3256/74). Ao centro, um braçal (3237/260 Id). À direita, um gorro (3238/261 Id). Ao fundo, um diploma – Cruz de Distinção – Cruz Vermelha Brasileira (3190/150 Dc). Em segundo plano, fixada na parede, há uma pintura a óleo de Odila Gay da Fonseca (3284/383 Ic). Ao lado dessa pintura, à direita, há uma placa – cartão de prata (3228/36 Vr). À esquerda dos objetos, o texto expositivo foi fixado. Todos os objetos expostos pertenceram à Odila Gay da Fonseca e foram adquiridos em 1975 por meio de doação de Fernando Gay da Fonseca, filho de Odila.

Figura 24 – Espaço “Odila Gay da Fonseca” na exposição “Narrativas do Feminino”



Fonte: Museu Julio de Castilhos (2024).

Identificamos que, dos objetos utilizados, de acordo com os registros, todos os objetos deste espaço pertenceram a uma mulher e que ela foi presentificada, sendo personagem absoluto do nicho expositivo, que leva o seu nome. Seus objetos de trabalho, suas condecorações, sua figura, suas histórias são retratadas na exposição. Ainda, podemos verificar que os objetos estavam de posse da família de Odila e doados em lote por seu filho. Demonstra-se na exposição um esforço para personificar a memória de Odila, sugerindo que a escolha dos objetos reforçam a importância de Odila como figura histórica, bem como a estreita ligação da exposição com a sua vida pessoal e profissional.

3.3.2 “Narrativas do Feminino” – Fases 2 e 3

Ao ingressarmos na segunda e na terceira fase da exposição, que ocorreram no ano de 2022, vislumbramos o painel de abertura (Figura 25). Importante observarmos a localização estratégica do painel na exposição e a composição da

imagem, criando um diálogo visual entre as narrativas das mulheres e as narrativas históricas de guerra, comumente associadas a Museu ao Julio de Castilhos. Este contraste pode sugerir uma nova direção para o Museu, buscando equilibrar a representatividade de gênero e destacar histórias de mulheres que, por muito tempo, permaneceram à sombra de narrativas dominadas por homens e eventos bélicos.

Figura 25 – Painel de abertura da exposição “Narrativas do Feminino”



Fonte: Da autora (2022).

O painel da exposição “Narrativas do Feminino” exibiu um texto que discorreu sobre a vida de mulheres no século XIX, especificamente mencionando Honorina Castilhos e suas filhas. O texto tratou de como a sociedade da época limitava as mulheres ao espaço privado e às funções de cuidar da casa e serem submissas aos homens. Discutiu-se também o papel das mulheres na educação, com ênfase nas habilidades domésticas, e a ausência de reconhecimento de suas contribuições sociais, econômicas e culturais. O texto convidou para uma reflexão sobre as omissões históricas e o papel das mulheres na sociedade, abordando questões de gênero e poder. Assim, transcrevemos o texto expositivo de abertura:

No Século XIX, quando Honorina Castilhos e suas filhas Ambrosina, Julia,

Eugênia e Otilia habitaram a casa que hoje é a sede do Museu Julio de Castilhos, às mulheres cabia o espaço privado, onde administravam o lar e os bastidores das carreiras profissionais e políticas de seus homens. Deviam ser filhas amorosas e obedientes, ótimas mães e devotadas esposas.

Eram preparadas para viverem esses papéis desde a escola, onde cursavam técnicas domésticas como parte obrigatória do currículo. Consideravam-nas inaptas para o aprendizado das ciências exatas, destinadas somente aos meninos. Quando muito deviam saber, segundo debates travados na Câmara dos Deputados sobre o currículo escolar, operações básicas que lhes permitissem executar adequadamente receitas culinárias e tomar medidas para a produção de vestuário.

Um dos exemplos que encontramos do “não lugar” da mulher, neste período, são os documentos da coleção fotográfica do Museu, onde as mulheres retratadas são identificadas como “esposa ou filha do fulano de tal”.

A situação se agrava ainda mais ao nos referirmos às mulheres negras, indígenas e mulheres do povo, cujo acervo não é capaz de dar conta de suas representações e memórias, pois a história oficial tratou de colocá-las ainda mais apartadas do lugar de pertencimento e contribuição social, econômica, cultural e profissional no desenvolvimento do Rio Grande do Sul e do Brasil.

Desta forma, Narrativas do Feminino é um convite à reflexão sobre essas lacunas, os silenciamentos e, ao mesmo tempo, sobre os exemplos não ortodoxos de mulheres que estiveram à frente de seu tempo, comprando a própria liberdade, discutindo a emancipação da mulher, ocupando tribunas, pautando o divórcio, fazendo a história num cotidiano cujas vozes ainda ecoam e não permitem mais calar (Rio Grande do Sul, 2022).

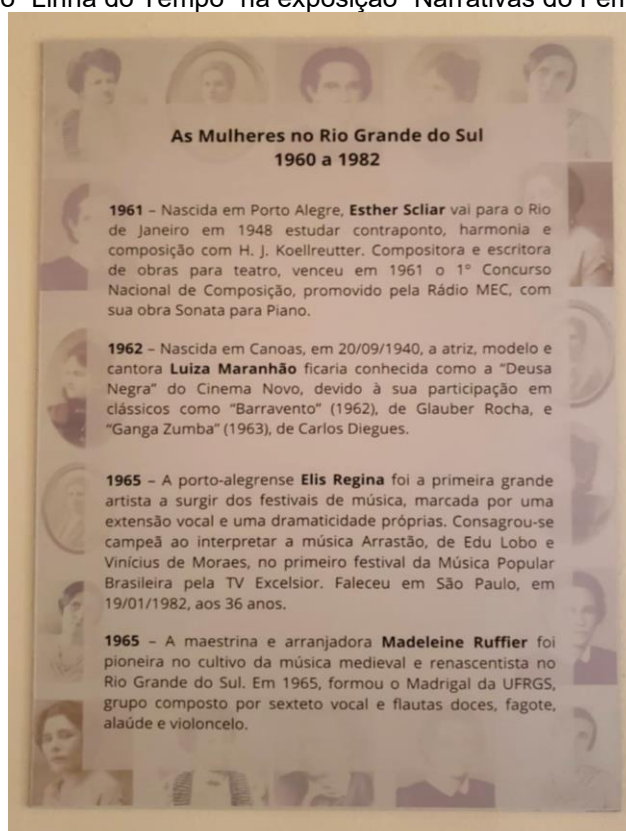
O texto expositivo enfatizou a limitação imposta às mulheres no acesso ao conhecimento, restringindo-as a funções específicas dentro do âmbito doméstico. A menção às discussões na Câmara dos Deputados sobre o currículo escolar indica que essas ideias eram oficialmente debatidas e refletiam uma perspectiva socialmente aceita na época. A expectativa era que as mulheres aprendessem apenas o básico necessário para cumprir suas “funções tradicionais”, como descrito.

Ao atentarmos no detalhe ao fundo do texto expositivo, a figura de uma mulher, vestida de forma tradicional e segurando o símbolo feminino, sugere ser um ícone visual que ressalta a mensagem do texto expositivo. O texto expositivo, ao discutir o papel restrito das mulheres no século XIX, e a figura, podem juntas sugerir um contraste entre a realidade vivida pelas mulheres da época e uma representatividade idealizada de empoderamento. A figura parece reivindicar um lugar de destaque para as mulheres, em consonância com o objetivo do texto de reexaminar e valorizar o papel histórico das mulheres. Neste sentido, a exposição apresentou reconhecimento às contribuições das mulheres, para além dos papéis convencionais a elas designados. Essa foi a tônica destas duas fases analisadas.

Ao percorrermos a exposição percebemos que o MJC apresentou uma

continuação do espaço “Linha do Tempo”, traçado na fase inicial, que, nesse momento, focou nas mulheres no Rio Grande do Sul entre 1960 e 1982 (Figura 26). Fixados no corredor de acesso, uma série de painéis apresentaram o contexto histórico e perfis biográficos de mulheres. As informações, embora sucintas, evidenciaram a tendência histórica de negligenciar as contribuições das mulheres. Destacamos que o espaço expositivo traz o perfil de Luiza Maranhão. Sua inclusão na linha do tempo ressalta a importância de visibilizar as contribuições das mulheres negras na história cultural e cinematográfica do Brasil.

Figura 26 – Espaço “Linha do Tempo” na exposição “Narrativas do Feminino” – Fases 2 e 3



Fonte: Da autora (2022).

Adiante, na sala expositiva, “Narrativas do Feminino” trouxe à tona nessas fases – além do espaço “Mulheres Intelectuais” da primeira fase, que permaneceu em exposição, com alterações –, novas reflexões por meio dos espaços intitulados “Vestidas para casar”, “Costurando histórias de vida”, “Onde estão as mulheres negras?” e “Os almanaques e o comportamento feminino”. Cada espaço expositivo e seus objetos são descritos a seguir.

Iniciamos visitando novamente o espaço expositivo “Mulheres Intelectuais”,

analisando o espaço expositivo (Figura 27) e os objetos utilizados. Destacamos a contínua exibição dos objetos preexistentes e a inclusão de um novo item da Coleção Indumentária, enriquecendo o contexto da exposição. Ao fundo, um chapéu feminino (10780/1020 Id), em tecido cetim de cor rosa/vermelho. O objeto pertenceu à família Comte Pilla e foi adquirido por meio de doação de Maria Inês Pilla Villela, no ano de 2003.

Embora não tenhamos informação na exposição sobre quais mulheres utilizaram o chapéu, esse novo objeto possui proveniência familiar e sugere ter oferecido uma dimensão tangível à narrativa sobre a vida das mulheres intelectuais e a forma como se apresentavam na sociedade.

Figura 27 – Espaço “Mulheres Intelectuais” na exposição “Narrativas do Feminino” – Fases 2 e 3



Fonte: Museu Julio de Castilhos (2024).

Caminhando para outro espaço, o nicho expositivo “Vestidas para casar” retratou a história do vestido de noiva, sendo uma peça icônica pertencente aos rituais do matrimônio. A narrativa do vestido de noiva na exposição também pode ser compreendida como uma maneira de demonstrar as posses e o status social da família à sociedade, funcionando como um símbolo de poder, conforme texto expositivo (Rio Grande do Sul, 2022). Essa afirmação de poder, e inclusive simbolizando transgressões vistas à época retratada são descritas em trecho do texto expositivo abaixo transcrito:

Nos acessórios, além da aliança, a presença de anéis representava a possibilidade de uma dama viver sem precisar trabalhar nos deveres domésticos e demonstrava que o marido seria um bom provedor.

No final do século XIV, registra-se a presença de noivas vestidas de preto, costume ao qual se atribui pelo menos três significados: luto (por deixar a família de nascença), protesto (por motivos diversos, inclusive contra os governos locais) e praticidade (poderia ser utilizado posteriormente) (Rio Grande do Sul, 2022).

Ao analisarmos o espaço expositivo (Figura 28) e os objetos utilizados, verifica-se a presença de três manequins com vestidos de noiva e seus respectivos buquês e uma fotografia. Da esquerda para a direita do observador, visualiza-se vestido de noiva em cetim italiano branco que pertenceu à Marlene Cauduro, da estilista Selma Medeiros. No centro da sala expositiva, um vestido de noiva preto, da estilista Solaine Piccoli. Ao lado, vestido de noiva que pertenceu à Eva Alda Cavasotto, desenhado pelo estilista Roberto Raifone. Abaixo deste terceiro vestido, par de luvas brancas, véu e fotografia retratando a noiva e seu vestido acompanham o cenário. Entre os vestidos de noiva, havia um conjunto de jarro e bacia de lavabo em porcelana de cor rosa que pertenceram à Lina Antonieta Zanini. Os objetos deste nicho estavam em fase de doação, por isso não há registro de número tombo ou ficha catalográfica.

Figura 28 – Espaço “Vestidas para casar” na exposição “Narrativas do Feminino”



Fonte: Museu Julio de Castilhos (2024).

Identificamos que todos os objetos utilizados deste espaço pertenceram a

mulheres ou foram desenhados por mulheres, com exceção de um vestido de noiva, e que elas foram presentificadas por meio das legendas expográficas identificando-as. Percebemos que “Vestidas para casar” destacou as mudanças da moda nupcial e seu significado cultural. À esquerda, um vestido mais tradicional, sugeriu simbolizar a antiga prática de exibir a riqueza familiar. Em posição central, um vestido que denotou costumes e significados de uma época ao utilizar um tecido preto para a vestimenta. À direita, um vestido moderno refletiu a simplicidade e a elegância contemporâneas.

Posteriormente, após os devidos registros, a documentação do MJC e outros objetos expostos podem contar a história pessoal das noivas ou discutir as mudanças sociais que moldaram o casamento ao longo do tempo. Importante destacar que atrás, uma silhueta de mulher usando um vestido longo, brincos de argola e com os cabelos enfeitados por uma espécie de turbante, adorna a parede, embora não haja menção sobre a figura na exposição.

Outro nicho da exposição, apresenta o ofício de produzir roupas e costurar sob o título: “Costurando histórias de vida”. As mulheres costureiras desempenham um papel fundamental na história da moda e da sociedade, de modo que o ofício retratado tem sido uma parte essencial da vida cotidiana de muitas mulheres, tanto como uma forma de sustento quanto como uma expressão de criatividade e habilidade artesanal. Historicamente, as mulheres costureiras foram responsáveis pela criação e manutenção das roupas não apenas para si mesmas e para suas famílias, mas também para as comunidades a que pertenciam. De acordo com um trecho de texto expositivo transcrito,

Esta habilidade, aprendida desde criança, tornou-se fonte de renda e independência para mulheres que perdiam o sustento de pais ou maridos, pois a costura poderia ser executada num cômodo da casa e era aceita para as mulheres em épocas de costumes mais rígidos e anteriores à emancipação feminina (Rio Grande do Sul, 2022).

Sobre o espaço expositivo (Figura 29) e os objetos utilizados, a imagem mostra Lina Antonieta Zanini posando ao lado de seu vestido de noiva, confeccionado por sua irmã, e três fotografias suas em diferentes períodos de sua vida, quando criança, na adolescência e no dia de seu casamento, vestida de noiva, conforme descrição da legenda expográfica (Rio Grande do Sul, 2022). Os objetos deste nicho estavam em fase de tombamento, por isso não há registro de número tomo ou ficha catalográfica.

Figura 29 – Espaço “Costurando histórias de vida” e Lina Antonieta Zanini na exposição “Narrativas do Feminino”



Fonte: Museu Julio de Castilhos (2024).

Conforme Dóris Couto (2021), diretora do Museu,

Sete décadas depois, já viúva, Lina decidiu doar o vestido. Procurou a igreja São João, na zona norte de Porto Alegre, e entregou a peça, junto a outras vestes da época: a camisola de núpcias, os agasalhos que pertenciam ao casal de filhos e brinquedos do mesmo período. Ao identificar a relevância histórica das doações, a paróquia as encaminhou para o Museu Julio de Castilhos [...] (Couto, 2021).

No entanto, conforme informações do Museu, os objetos foram doados sem qualquer informação da mulher a quem pertenceram. Após reiteradas tentativas, a noiva foi localizada, em 2021. Posteriormente, ela doou diversos objetos ao Museu, conforme registrado, que “D. Lina doou importantes peças ao Museu, agora recheadas de histórias de vida. É isso que faz um museu acontecer em sua plenitude: a junção de um objeto com detalhes do seu contexto de uso” (Rio Grande do Sul, 2021).

Nesse sentido, identificamos que, dos objetos utilizados, embora ainda sem registros do Museu, todos os objetos deste espaço pertenceram a mulheres e foram produzidos por mulheres. Importante mencionar a busca da Instituição por informações a quem pertenceu o vestido de noiva, ao que compreendemos ter se tornado personagem central desse espaço a história não somente do vestido, do

objeto, mas da mulher Lina, do encontro a quem pertenceu o objeto e sua história.

“Onde estão as mulheres negras?”. Esse foi o questionamento que intitidou o nicho expositivo dedicado às mulheres negras nas fases 2 e 3 da exposição “Narrativas do Feminino”. Nos pareceu um chamado à reflexão sobre a inclusão e o reconhecimento da diversidade de experiências e vozes na narrativa histórica das mulheres. Foi destacada a presença e a contribuição das mulheres negras em uma variedade de contextos na comunidade gaúcha.

Conforme o texto expositivo (Rio Grande do Sul, 2022), suas atividades e realizações foram fundamentais para o funcionamento e o desenvolvimento de diversas áreas, mas muitas vezes foram omitidas ou invisibilizadas nos registros históricos. De acordo com o descrito em trecho do texto expográfico, transcrevemos que,

[...] as mulheres negras estiveram presentes, escreveram capítulos da história, embora oficialmente não hajam [sic] tais registros e reconhecimento. Antes, pelo contrário, há um apagamento, uma propositada invisibilização. [...] Apesar do protagonismo dessas mulheres, os lugares de memória, como é o caso deste Museu, não possuem testemunhos desta trajetória para além de escassos registros fotográficos, como é o caso de Tia Forosa, negra forra que supõe-se ter vivido do comércio nas ruas de Porto Alegre (Rio Grande do Sul, 2022).

Nesse sentido, analisamos o único objeto utilizado (Figura 30), a imagem da personagem Tia Forosa, pertencente à Coleção Iconografia do MJC. A fotografia (1373/333 Ic), é denominada nos registros do Museu, como “Foto ambulante de P. Alegre - ‘Tia Forosa’ (sem dados)” e “Tia Forosa - Fotografia - Antiga ambulante de Porto Alegre”. Não há informação de quem fotografou, datação, forma de aquisição ou procedência. Há somente informações preenchidas no campo “histórico” da ficha catalográfica, conforme segue:

Segundo relato oral da sra. Senhorinha Menezes da Silva, Tia Forosa era uma ex-escrava que vivia na cidade. Era conhecida por seus poderes “sobre naturais”: dava “passes”, fazia benzeduras e receitava ervas para curar diversos males [sic] (Rio Grande do Sul, s.d.).

Figura 30 – Fotografia de Tia Forosa no espaço “Onde estão as mulheres negras?” na exposição “Narrativas do Feminino”



Fonte: Museu Julio de Castilhos (2024).

A imagem de Tia Forosa, apontou para uma personagem histórica cuja existência, embora pouco documentada, foi marcada pela narrativa oral. Corroborando a falta de informações da personagem, a legenda expográfica somente a identifica por “Tia Forosa”. Segundo os registros do MJC, identificada como uma mulher negra liberta e conhecida na cidade por seus conhecimentos e práticas de cura, Tia Forosa foi uma figura que representou a sabedoria popular e as tradições de cuidados e rituais de saúde afro-brasileiros.

A falta de informação detalhada sobre sua vida refletiu as dificuldades em rastrear a história de mulheres negras e a importância da memória oral na preservação dessas histórias, comumente relegadas a um segundo plano na sociedade da época. Todavia, identificamos que a mulher foi presentificada, identificada na exposição e, simbolicamente sua presença sugeriu a ausência, o apagamento das mulheres negras, ao apresentarem um único objeto.

Nesse sentido, percebemos que a transição do Brasil da escravidão para a liberdade não significou uma mudança radical nas condições de vida para a população

negra, particularmente para as mulheres. Como explicam Giane Escobar e Ana Luiza Moraes (2013), a abolição formal da escravidão libertou os negros dos grilhões físicos, mas não os emancipou das disparidades sociais, econômicas e políticas arraigadas:

E, na pós-escravidão brasileira, o negro estava liberto, mas não se pode dizer que foi posto em novas condições e sim em diferentes condições de vida. Na realidade, ele apenas conquistou o trabalho livre, porém a segregação continuou, isto é, o negro ainda estava em desvantagem política, econômica e sociocultural em relação ao branco, pois sua condição de liberto guardava elementos residuais da sociedade escravocrata. No caso das mulheres negras, elas passaram de mucamas das casas grandes das fazendas no interior brasileiro a empregadas domésticas nos centros urbanos (Escobar; Moraes, 2013, p. 175).

Importante ressaltar que o texto expográfico identificou a presença das mulheres negras em reuniões da Sociedade Beneficente e Cultural Floresta Aurora (SFA). A entidade foi o primeiro clube social negro do Brasil, criado em 1872³⁰, em Porto Alegre, então Província de São Pedro, 16 anos antes da oficialização da Abolição da Escravatura (1888), a partir da união de um grupo de alforriados, “[...] em quase sua totalidade Irmãos do Rosário, ou deles descendentes [...]” (Muller, 2009, p. 268).

Escobar (2010) definiu que os clubes sociais negros são “meios de memórias” e “lugares de memória”, por carregarem uma importância material e imaterial. São espaços que ajudam a trazer à tona certos valores, práticas, rituais e dinâmicas. A materialidade e imaterialidade dos clubes estão presentes nas edificações, nos livros de atas, nas fotografias, nas fichas de associados, nas placas, dentre outros objetos. Diante de tal definição, percebe-se que a Sociedade Beneficente e Cultural Floresta Aurora possui um potencial referente tanto às questões imateriais, que são as lutas, as histórias e as expressões culturais que a instituição carrega, mas também na questão material, considerando a qualidade e a importância dos acervos que preserva, estando eles na própria instituição ou em posse de seus antigos membros.

Seguindo para o último espaço expositivo analisado, denominado “Os almanaques e o comportamento feminino”, onde são descritos almanaques e revistas voltados às mulheres. Essas publicações eram utilizadas como ferramentas para

³⁰ Existem lacunas sobre o processo de criação da Sociedade Beneficente e Cultural Floresta Aurora referentes à data e a seus primeiros fundadores. Moreira (2019, p. 15) afirmou que: “No último dia do ano de 1872, 31 de dezembro, foi fundada a Sociedade Beneficente Floresta Aurora, apesar de seu primeiro livro de registro ter a data de 15/12/1872”.

reforçar e disseminar os padrões de comportamento considerados socialmente aceitáveis e desejáveis para as mulheres. De acordo com o texto expositivo (Rio Grande do Sul, 2022), por meio de artigos, anúncios, conselhos, modelos de conduta e padronização de formas de vestir apresentados nas páginas dessas revistas e almanaques, as leitoras eram orientadas a conformarem-se aos papéis e expectativas normativamente atribuídos a elas na sociedade. Transcrevemos trecho de texto expositivo reforçando o objetivo dessas publicações:

Atuando como dispositivo pedagógico da nossa *Belle Époque*, seus conteúdos reforçavam certos saberes e minavam outros, adequavam comportamentos, ditavam regras de higiene, saúde e bem-estar, buscando formar sujeitos para os tempos modernos. Neste processo, incitavam o uso de medicamentos e reproduziam os papéis do masculino e do feminino, inclusive reforçando a responsabilidade da mulher nos cuidados com o lar e no seio do casamento (Rio Grande do Sul, 2022).

Ao analisarmos o espaço expositivo (Figura 31) e os objetos utilizados, a imagem mostra uma caixa com acessórios de costura, um Diploma do Curso de Bordado e Pedraria do Serviço Social da Indústria (SESI) e peças produzidas, de 1967. Os objetos deste nicho pertenceram e foram doados por Lina Antonieta Zanini e estavam em fase de doação, por isso não há registro de número tombo ou ficha catalográfica.

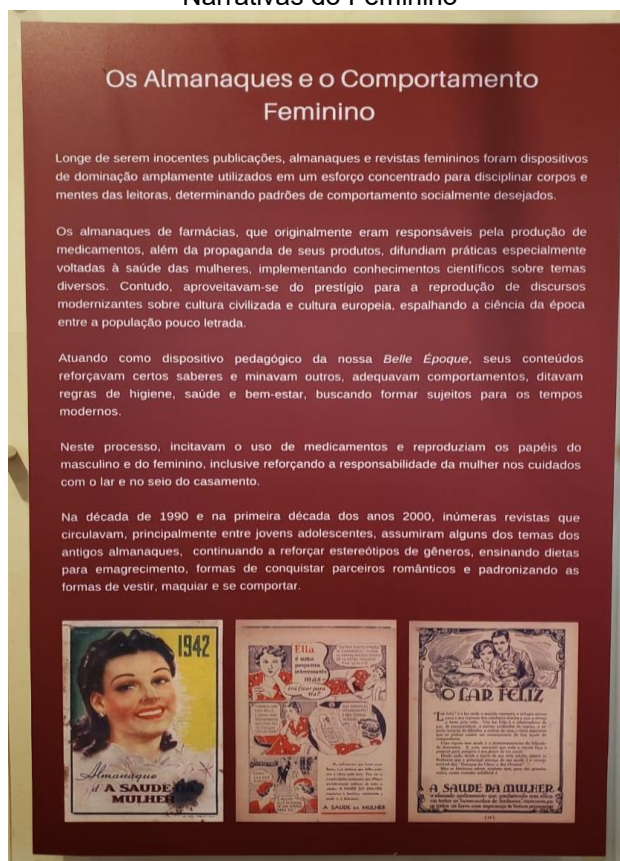
Figura 31 – Espaço “Os almanaques e o comportamento feminino” na exposição “Narrativas do Feminino”



Fonte: Da autora (2022).

Os dois almanaques, *Encyclopédie de La Femme* Revista *O Globo*, do ano de 1963 e *La Brocanteuse* são acervos de Vanessa Johnson. No painel com texto expositivo (Figura 32), abaixo, foram reproduzidas a capa e duas páginas do *Almanaque d'a saúde da mulher*, de 1942.

Figura 32 – Painel do espaço “Os almanaques e o comportamento feminino” na exposição “Narrativas do Feminino”



Fonte: Da autora (2022).

Identificamos que os objetos utilizados, embora ainda sem registros do Museu, todos pertenceram a mulheres ou ainda pertencem, como o caso dos almanaques, no entanto, não há informações nas legendas expográficas identificando-as, com exceção do Diploma, que há informação no próprio objeto, apresentando o nome da mulher que concluiu o curso. Interessante ressaltar que os objetos apresentados foram doados por Lina, a mulher a quem pertenceu o vestido de noiva utilizado em espaço expositivo anteriormente analisado. Estes objetos foram doados ao Museu após sua identificação, e não à Paróquia, como ocorreu com o vestido.

Entendemos que o espaço “Os almanaques e o comportamento feminino”, ao utilizar uma caixa aberta com tecidos e ferramentas de costura, sugeriu simbolizar

habilidades convencionalmente associadas às mulheres. Ao lado, há um bordado de flores e um diploma de curso de bordado e pedraria, de forma a reconhecer as habilidades das mulheres na costura ou artes manuais. As páginas de um almanaque abertas mostram imagens e textos, de um lado, retratando somente mulheres em atividades domésticas, como lavando roupas, passando roupas, lavando louças, passando aspirador de pó e preparando uma comida. Na outra página, exibiu-se descrita “A Cozinha Prática e a Arte Culinária – conselhos – receitas – economia”. A publicação indicou uma conexão com o ensino e a difusão de práticas culturais e comportamentais que eram esperadas das mulheres. Nesse sentido, o espaço expositivo “Os almanaques e o comportamento feminino” explorou a influência dessas publicações nas expectativas e na vida das mulheres.

A escolha do título “Narrativas do Feminino” para a exposição no Museu Julio de Castilhos carrega consigo uma profundidade e intencionalidade que merece análise, especialmente no que diz respeito à utilização de expressão em contexto masculino. A utilização da expressão “do feminino”, no masculino, reflete características específicas da língua portuguesa, onde o substantivo “narrativa” é feminino, mas é seguido pela preposição “do”, uma forma contraída de “de” (preposição) e “o” (artigo masculino), indicando posse ou especificação. Neste contexto, “do” refere-se a “de o feminino”, destacando que as histórias contadas são especificamente aquelas do âmbito das mulheres ou relacionadas à feminilidade.

A exposição busca dar ouvidos e visibilidade a histórias de mulheres, muitas das quais foram omitidas ou marginalizadas na historiografia e na cultura popular. Utilizar “do feminino” enfatiza que o foco está nas dimensões das mulheres da história e da experiência humana. O uso de “feminino” em vez de “feminina” pode ser uma escolha estilística para abranger um espectro mais amplo de significados, que inclui não apenas o gênero, mas também qualidades e papéis culturalmente atribuídos ao “ser mulher” em diversas sociedades. Isso permite uma exploração mais profunda dos vários aspectos da feminilidade.

O título “Narrativas do Feminino” ressalta, portanto, a importância de reconhecer e valorizar as múltiplas dimensões da experiência das mulheres. Compreendemos que ele serve como um convite para os visitantes explorarem essas histórias através de uma lente que valoriza as contribuições das mulheres em todas as suas formas, destacando a interseccionalidade de gênero, raça, classe e outros fatores sociais que configuram as experiências.

Ao fechar este capítulo, foi crucial reconhecer que cada história compartilhada surgiu como apenas um fragmento de um vasto e diversificado panorama das experiências das mulheres ao longo do tempo. Estas histórias presentificadas pelas duas exposições realizadas no Museu Julio de Castilhos, embora únicas em sua expressão, são entrelaçadas por um fio comum de luta, resiliência e busca por reconhecimento e equidade. Sendo assim, refletir sobre as vidas e realizações das mulheres apresentadas nesta exposição, faz-nos lembrar do poder transformador da narrativa. Cada história, cada objeto museal expôs-se como uma parte da renda que trama a história das mulheres, uma parte que contribui para a compreensão mais profunda das experiências das mulheres e das estruturas sociais que moldaram suas vidas.

Levamos não apenas as histórias aqui compartilhadas, mas o questionamento e o reconhecimento que elas evocam. Nesta direção, a partir do material analisado, descreveremos no próximo capítulo as percepções a respeito das mulheres presentificadas, as abordagens e ações desenvolvidas no Museu Julio de Castilhos a partir das exposições pesquisadas.

4 PRESENTIFICAÇÃO DAS MULHERES NO MUSEU JULIO DE CASTILHOS: EVIDÊNCIAS E DISCUSSÕES EM EXPOSIÇÕES

[...] as mudanças são possíveis e por menores que possam parecer, elas se tornam importantes à medida que mudam a forma de pensar das pessoas de um determinado local, de uma determinada comunidade, ou até mesmo de um pequeno grupo. Acredito que o mais importante é o que essas pequenas mudanças, que podem vir das diferentes possibilidades de representações [...], significam no interior de um determinado lugar com o qual se está trabalhando e se os resultados servem para elevar a autoestima e autoimagem de grupos historicamente discriminados e invisibilizados, como por exemplo, negros e negras.

Giane Vargas Escobar

Neste capítulo apresentamos uma análise da representatividade construída sobre as mulheres pelo MJC, destacando as mulheres visibilizadas e as discussões trazidas a partir das exposições estudadas. Ainda, dialogamos sobre as rupturas nos discursos convencionais e os desafios enfrentados pelas mulheres ao longo do tempo. Para aprofundar essa reflexão evocativa, que se entrelaça com a representatividade, Pesavento (2006a) destaca como a história e a memória recuperam e recriam imagens do passado, fazendo presentes aquilo que está ausente:

[...] como a história é a narrativa que presentifica uma ausência no tempo, a memória também recupera, pela evocação, imagens do vivido. É a propriedade evocativa da memória que permite a recriação mental de um objeto, pessoa ou acontecimento ausente. E, neste ponto, é preciso considerar que todos nós temos um museu imaginário de imagens, transmissoras de uma herança do passado, veiculadas pela memória individual, forjada de acordo com a memória social (Pesavento, 2006a, p. 51).

Nessa análise, conceitos fundamentais para a pesquisa são abordados, como identidade cultural, feminismo, colecionismo, gênero e representação, no sentido de representatividade, os quais desempenharam papéis essenciais na compreensão das experiências das mulheres em diferentes contextos históricos e culturais. “Todas essas considerações representam, isso sim, um exercício de reflexão para entender as relações possíveis entre a [...] narrativa e o seu referente [...]” (Pesavento, 2003, p. 70). Essa reflexão visa aprofundar a compreensão das diversas formas de opressão e resistência, bem como a importância de uma abordagem interseccional para revelar as complexidades das trajetórias das mulheres no Museu Julio de Castilhos.

4.1 Representatividade, resistência e dinâmicas de poder

As exposições “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX” e “Narrativas do Feminino” refletiram uma tentativa de preencher lacunas históricas e desafiar narrativas convencionais de opressão e marginalização das mulheres, particularmente das mulheres negras. Destaca-se o papel significativo de figuras como Isaura de Bittencourt, Adelina de Bittencourt e Odila Gay da Fonseca, que afrontaram normas sociais e contribuíram para mudanças em suas comunidades, seja através do trabalho humanitário, envolvimento político, engajamento com a educação ou participação no meio associativo negro porto-alegrense. Entendemos que as exposições configuraram um ponto de partida para a contestação, visto que, segundo Wichers *et al.* (2021, p. 224),

[...] nas visões construídas acerca do passado – onde normas de gênero são projetadas nas sociedades que nos precederam –, na arte das galerias e da rua, nos museus e nas histórias que teriam como finalidade ensinar ou entreter, uma imagem persiste, inúmeras e inúmeras vezes: os corpos feminizados são destinados ao cuidado, aos afazeres menos valorizados e ao espaço privado. Quando também racializados, esses corpos são ainda mais marginalizados. Pelo prisma da interseccionalidade sabe-se que outros eixos – como classe, sexualidade e o fato de uma mulher ser trans e não cis, para citar apenas alguns – podem atravessar esses corpos, tornando-os ainda mais inferiorizados.

Observamos nitidamente rupturas nos discursos do Museu por meio das exposições analisadas, ao afrontarem um patriarcado enraizado na Instituição, ao serem expostas narrativas exclusivamente das mulheres. Nessa perspectiva, é possível defender o fato de que os movimentos feministas em suas passagens de renovação não renunciaram à sua crítica direta à repressão das mulheres. No entanto, a natureza extremamente diversificada da categoria mulher e a demanda por uma abordagem interdisciplinar estão ganhando visibilidade, conforme Wichers (2018).

Podemos conceituar identidade cultural ao que se refere às características, valores, crenças, tradições e costumes que compõem a cultura de um segmento social ou coletividade. Essa identidade é formada ao longo do tempo através da interação social, da história, da religião, da arte e da literatura, entre outros aspectos. Para Miguel Freitas Junior e Tatiane Perucelli (2019), o conceito de identidade cultural emergiu de uma variedade de definições, com a maioria delas relacionadas a povos, nações, e segmentos que agora buscam mais representatividade, melhores condições

para serem reconhecidos e presentificados, bem como direitos e proteções da igualdade. Já não se pode manter a concepção de uma identidade cultural estática, é necessário olharmos e discutirmos o sujeito enquanto possuidor de uma identidade cultural, em que percebemos inúmeras transformações ocorridas.

Identificamos que por meio das exposições, as mulheres foram observadas através de diversas lentes, incluindo suas contribuições para a economia informal, sua participação em movimentos sociais e seu papel na preservação da memória e da cultura. As exposições também lançaram luz sobre as experiências das mulheres em diferentes estratos sociais, desde as mulheres lavadeiras até as mulheres da alta sociedade, destacando as complexidades das realidades vividas por mulheres de diferentes origens e circunstâncias, revelando nuances muitas vezes negligenciadas. Nesse sentido, Stuart Hall (2006) afirma que,

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (Hall, 2006, p. 6).

As exposições analisadas demonstraram a complexidade das experiências vividas por mulheres, destacando como suas posições sociais e econômicas influenciavam diretamente suas vidas e oportunidades. Ao explorar as diferenças entre as situações enfrentadas por mulheres de diferentes estratos sociais, as exposições ilustraram as barreiras e desafios específicos enfrentados por mulheres em posições de menor poder econômico, bem como as mulheres em posições mais privilegiadas, que usavam seus recursos e influência para, por vezes, subverter as normas sociais restritivas. Esse panorama auxiliou a compreender a interseção entre gênero, classe e poder, e como esses fatores moldam de maneira diversa as trajetórias pessoais e coletivas das mulheres na sociedade.

Ao apresentarem e valorizarem as histórias das personagens, as exposições desafiaram a narrativa predominantemente patriarcal, que muitas vezes marginaliza, silencia e apaga as experiências das mulheres. Evidenciou-se como isso implicou – no processo curatorial – em uma reavaliação crítica das narrativas históricas, que tendem a marginalizar ou silenciar as vozes das mulheres, sobretudo das mulheres negras.

Posto isso, identificamos que as exposições ofereceram um panorama sobre as lutas feministas no Brasil³¹, portanto, houve ressonância com o feminismo, que busca reconhecer, valorizar e amplificar as vozes e experiências das mulheres em todos os aspectos da vida social, política, econômica e cultural. O feminismo emergiu como um tema de suma importância, conforme as exposições destacaram as lutas, as conquistas e as contribuições das mulheres por reconhecimento, equidade e autonomia em uma sociedade predominantemente patriarcal. Céli Regina Pinto (2010, p.17) elucidou que:

Com a redemocratização dos anos 1980, o feminismo no Brasil entra em uma fase de grande efervescência na luta pelos direitos das mulheres: há inúmeros grupos e coletivos em todas as regiões tratando de uma gama muito ampla de temas – violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo, opções sexuais. Estes grupos organizavam-se, algumas vezes, muito próximos dos movimentos populares de mulheres, que estavam nos bairros pobres e favelas, lutando por educação, saneamento, habitação e saúde, fortemente influenciados pelas Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica. Este encontro foi muito importante para os dois lados: o movimento feminista brasileiro, apesar de ter origens na classe média intelectualizada, teve uma interface com as classes populares, o que provocou novas percepções, discursos e ações em ambos os lados.

Para além, Hall (2006) enfatizou a forma como somos formados e produzidos como sujeitos generificados. Isto é, politizando a subjetividade, a identidade e o processo de identificação. O que começou como um movimento dirigido à contestação da posição social das mulheres, expandiu-se para incluir a formação das identidades

³¹ Ana Alice Costa (2013, p. 13-14) informa que: “O movimento feminista brasileiro, enquanto ‘novo’ movimento social, extrapolou os limites do seu status e do próprio conceito. Foi mais além da demanda e da pressão política na defesa de seus interesses específicos. Entrou no Estado, interagiu com ele e ao mesmo tempo conseguiu permanecer como movimento autônomo. Através dos espaços aí conquistados [...] elaborou e executou políticas. No espaço do movimento, reivindica, propõe, pressiona, monitora a atuação do Estado, não só com vistas a garantir o atendimento de suas demandas, mas acompanhar a forma como estão sendo atendidas. [...] Até chegar aí foi um longo e, muitas vezes, tortuoso caminho de mudanças, dilemas, enfrentamentos, ajustes, derrotas e também vitórias. O feminismo enfrentou o autoritarismo da ditadura militar construindo novos espaços públicos democráticos, ao mesmo tempo em que se rebelava contra o autoritarismo patriarcal presente na família, na escola, nos espaços de trabalho, e também no Estado. Descobriu que não era impossível manter a autonomia ideológica e organizativa e interagir com os partidos políticos, com os sindicatos, com outros movimentos sociais, com o Estado e até mesmo com organismos supranacionais. Rompeu fronteiras, criando, em especial, novos espaços de interlocução e atuação, possibilitando o florescer de novas práticas, novas iniciativas e identidades feministas. [...] Mas esse não é o ponto final do movimento, a cada vitória surgem novas demandas e novos enfrentamentos. O feminismo está longe de ser um consenso na sociedade brasileira, a implantação de políticas especiais para mulheres enfrenta ainda hoje resistências culturais e políticas. [...] Analisar, entender e, em especial, dar respostas a estas resistências é um desafio que o movimento feminista brasileiro continuará ainda enfrentando”.

sexuais e de gênero. O entendimento de que as mulheres e os homens eram parte da mesma identidade, a “Humanidade”, foi questionada pelo feminismo. Nesse sentido, como explica Ana Maria Veloso (2013):

O projeto feminista, ao repudiar as metanarrativas, reafirmou a diferença e a alteridade das mulheres, ao mesmo tempo em que rechaçou as políticas de representação e as formas institucionalizadas de poder. O incentivo à expressão da fala pública e a contraposição a qualquer forma de opressão que subjugasse e invisibilizasse o conhecimento feminino representou um dos pilares dessa forma de ativismo [...] (Veloso, 2013, p. 55).

Trata-se de uma visão do poder que se afasta das concepções associadas ao dinheiro, influência ou autoridade como domínio. Em vez disso, sugere uma forma de poder que se manifesta na liberdade e na autenticidade, onde os indivíduos e segmentos sociais participam ativamente das escolhas e decisões coletivas. Esse poder é caracterizado pela equidade, baseada na justiça, e pela valorização da pluralidade e diversidade. É uma autoridade que nasce do diálogo e do respeito, onde a solidariedade não é meramente tolerância, mas um compromisso genuíno com as necessidades de todos. Esse conceito propõe um modelo de poder mais inclusivo e colaborativo, que busca a coesão social através da participação e do reconhecimento mútuo, conforme explicita Petronilha Silva (1997).

Dessa forma, identificamos que a presentificação das mulheres nos espaços públicos e nos registros históricos foi questionada, e as exposições buscaram corrigir o apagamento histórico das contribuições das mulheres para a história e a cultura brasileiras. Isso demonstrou a necessidade de um feminismo inclusivo e interseccional, que leve em consideração as múltiplas dimensões da identidade e da experiência das mulheres. Wichers (2018) apontou que o feminismo interseccional tem crescido em proeminência na sociedade contemporânea, sendo extremamente relevante quando se consideram os processos de musealização e de memória.

Fez-se importante destacar que esse feminismo foi resultado dos questionamentos pioneiros de mulheres negras que mais tarde passaram a refletir as demandas de um movimento feminista que antes era centrado em mulheres brancas de classe média. Ou seja, ao expor e valorizar essas histórias, as exposições promoveram uma compreensão mais ampla do feminismo como um movimento que busca o reconhecimento e a valorização das experiências das mulheres. Dessa forma,

observamos que as exposições promoveram uma compreensão diversa e detalhada das lutas das mulheres.

As questões de gênero apresentam-se nas duas exposições, destacando como as normas e as expectativas sociais moldaram e continuam a moldar as experiências das mulheres ao longo do tempo. Desde as práticas domésticas até a presença nos meios de comunicação, assim também destacamos as mulheres lavadeiras que continuaram a desempenhar trabalhos pouco valorizados mesmo após a abolição da escravidão até as mulheres da alta sociedade que desafiaram o papel convencionalmente atribuído a elas. Nesse sentido, as exposições trouxeram à tona a resistência das mulheres em face das restrições impostas pela sociedade patriarcal por meio dos objetos e textos expositivos. À vista disso, refletindo sobre a formação das coleções museológicas, Ana Cristina Oliveira (2018) indicou como esses processos são também atravessados pela questão de gênero onde,

[...] tanto os objetos colaboram para instituir ou reproduzir os papéis de gênero quanto o próprio gênero institui papéis a serem desempenhados pelos objetos e coleções. Esse aspecto liga-se a problemática acerca das diferenças entre os tipos de objetos escolhidos por mulheres e homens para reunirem suas coleções entendendo que tais escolhas estão identificadas com os valores e identidades atribuídos àquilo que se projeta nos universos das culturas feminina e masculina (Oliveira, 2018, p. 20).

Assim, a construção dessa dicotomia e da posição hierárquica da diferença sexual humana pode servir de analogia para o confronto político entre distintos segmentos sociais, em determinado contexto histórico, contribuindo para a construção da própria lógica do poder. Outro elemento evidenciado pela autora é que a categoria de gênero, mais do que mero resultado da concepção decorrente da luta de classes, funciona nas relações sociais humanas, dando um sentido mais amplo à organização e à percepção do conhecimento histórico.

A análise das estratégias de resistência das mulheres nas exposições revelou a complexidade das dinâmicas de poder de gênero na sociedade brasileira. Destacou-se como as mulheres, em todas as esferas da vida, têm enfrentado e contestado as normas machistas impostas ao longo dos anos. A crítica implícita aos estereótipos de gênero e aos papéis normativos das mulheres evidenciou a necessidade de uma reflexão mais profunda sobre as influências culturais e sociais que moldam as experiências das mulheres. Judith Butler (2018a) definiu que:

O gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um *locus* de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos. Essa formulação tira a concepção do gênero do solo de um modelo substancial da identidade, deslocando-a para um outro que requer concebê-lo como uma temporalidade social constituída. Significativamente, se o gênero é instituído mediante atos internamente descontínuos, então a aparência de substância é precisamente isso, uma identidade construída, uma realização performativa em que a plateia social mundana, incluindo os próprios atores, passa a acreditar, exercendo-a sob a forma de uma crença (Butler, 2018a, p. 187).

Nesse sentido, Chartier (2021) dialoga quanto às identidades construídas e os estereótipos. Inclusive, podemos compreender a dominação masculina perante a representatividade das mulheres:

Os estereótipos são modalidades fundamentais da dominação simbólica. Tratam de fazer perceber como naturais e trans-históricas identidades construídas e impostas de fora. Operam a redução da diversidade a uma essência considerada como imóvel, eterna. E são instrumentos poderosos de dominação social porque não somente impõem uma evidência recebida como tal pelos dominantes, mas também obrigam os dominados a incorporar a representação imposta por eles mesmos. [...] O processo de “naturalização” desempenha um papel fundamental na construção dos estereótipos raciais, sociais ou nacionais. Obrigam a pensar as diferenças sócio-históricas como diferenças antropológicas (Chartier, 2021, p. 8).

Assim, demonstrou-se nas exposições como as expectativas sociais em torno do papel das mulheres foram influenciadas por noções de feminilidade e masculinidade³², assim como por questões de raça, classe e sexualidade. Ao explorar as maneiras como essas normas têm sido contestadas e redefinidas ao longo do tempo, as exposições ofereceram percepções importantes sobre as complexidades do gênero e as interações entre poder, privilégio e opressão na sociedade brasileira.

De acordo com Butler (2018a), a concepção de gênero como resultado de atuações sociais constantes sugeriu que as ideias convencionais de um sexo biológico imutável e de masculinidade ou feminilidade são igualmente construídas. Essa perspectiva destacou como tais noções servem para mascarar a natureza performativa do gênero, bem como as diversas possibilidades de expressão de gênero que existem além dos limites impostos pelo patriarcado e pela obrigatoriedade da

³² A menção de masculinidade é usada para enfatizar que a luta pela igualdade de gênero e a redefinição dos papéis das mulheres na sociedade envolvem questionar e desafiar as normas de masculinidade, que são parte integrante do sistema que perpetua desigualdades e estereótipos de gênero.

heterossexualidade. Chartier (2021) corrobora, ao tratar de estereótipos, quanto à representatividade e à identidade:

Encontramos aqui os conflitos [...] de nosso presente os quais se caracterizam pela recusa por parte das vítimas das identidades impostas pelas imagens impressas, pelos monumentos localizados no espaço público, pelos anúncios da publicidade. As aspirações que os conservadores denunciam como “cancel culture” são, de fato, expressões do rechaço aos estereótipos herdados da colonização, dos preconceitos raciais ou da dominação masculina. Em algumas situações foi e é a apropriação do estereótipo que pode se tornar como reivindicação de uma identidade. O léxico da estigmatização se inverte. Aconteceu com “négritude” ou “queer”, por exemplo (Chartier, 2021, p. 8-9).

Além disso, as exposições destacaram a importância de uma abordagem interseccional para entender as experiências das mulheres, reconhecendo como diferentes formas de opressão se intersectam e se reforçam mutuamente. Isto é, percebemos que as exposições ressaltaram a importância de reconhecer a diversidade de experiências das mulheres e as interseccionalidades de gênero, raça, classe e outras formas de opressão. Desse modo, evidenciamos não apenas a resiliência das mulheres, mas a necessidade contínua de contrapor e mudar as normas de gênero que perpetuam a desigualdade. Nessa perspectiva, Silveira (2020) argumentou sobre os fenômenos históricos passados que se tonificam nas subjetividades da sociedade presente, ao afirmar que,

[...] os conflitos entre as próprias mulheres desestruturam avanços de justiça frente às desigualdades de gênero. As histórias das mulheres mostram as hierarquias, os conflitos, os privilégios que se estabelecem entre as próprias mulheres. A variedade de etnias, raças, condições econômicas, idades, pesos, e outras categorias que atingem as mulheres brancas, negras, indígenas ou orientais recebem a carga do tempo em que vivem. As narrativas sobre si e as demais se estabelecem numa visão temporal quando provocadas, em representações pelo Museu como acesso às experiências (Silveira, 2020, p. 106).

A perspectiva de bell hooks (2013) converge com a discussão sobre a importância da interseccionalidade ao evidenciar a necessidade de confrontar simultaneamente as questões de raça e gênero dentro de um contexto negro. hooks (2013) sublinha que o compromisso com as lutas feminista e pela libertação negra exige a capacidade de abordar essas questões de maneira integrada e contextualizada, reconhecendo as experiências únicas e interseccionais das mulheres negras. Ela enfatiza que, para que essas lutas sejam eficazes, é essencial fornecer

respostas significativas e desenvolver meios acessíveis e apropriados para comunicar essas respostas. Isso reforça a ideia de que a interseccionalidade não é apenas uma ferramenta teórica, mas uma prática necessária para alcançar justiça e igualdade reais para as mulheres negras. Essa abordagem crítica e inclusiva contribui para a construção de narrativas mais completas e representativas, tanto nas práticas acadêmicas quanto nas curadorias museológicas, como as que analisamos nas exposições do Museu Julio de Castilhos.

4.2 Impacto cultural das exposições

Adiante, trazemos à discussão a potência do colecionismo em uma percepção vinculada às relações de gênero. Entendemos que as exposições transcenderam a mera preservação de objetos materiais, buscando valorizar as histórias e experiências das mulheres por meio de exposições e narrativas inclusivas. María Atienza (2011), embora esteja discutindo acervos artísticos, descreveu de forma pertinente para a pesquisa que, historicamente,

O acesso das mulheres ao colecionismo artístico é produto de sua marginalidade. [...] Mas, paradoxalmente, a gestão de uma coleção de arte e, por extensão, dos museus, terminou por servir, historicamente, como uma reserva de emancipação estética e íntima, quase secreta. Permitiu que muitas mulheres se aproximassem do mundo, promovendo a sua personalidade, fazendo-se respeitar, criando um campo de decisão para aplicar a inteligência e a razão, despertando entre as pessoas sentimentos de admiração, inveja ou curiosidade; e, em suma, ter um nome e uma presença social (mais difícil de obter, especialmente nas primeiras gerações, no caso de mulheres solteiras) (Atienza, 2011, p. 41).

Podemos inferir que diante das exposições analisadas, o MJC demonstrou um esforço deliberado para ampliar a presentificação das mulheres na história e na cultura, reconhecendo sua diversidade e complexidade. O colecionismo aqui se concentrou na coleta e curadoria de histórias e narrativas das mulheres, sobretudo daquelas que foram historicamente subvalorizadas ou marginalizadas, servindo como um meio de recontar e recontextualizar as histórias das mulheres. Corroborando, Francisca Hernández (2020) afirmou que,

[...] tanto as funções do museu como o mesmo conceito de patrimônio experimentaram mudanças tão profundas que os museus se viram na necessidade de enfrentar os novos desafios que uma sociedade líquida e pós-moderna lhes colocou diante de si. Já não basta ao museu recolher,

conservar e expor as suas coleções, mas é chamado a tornar-se um espaço de comunicação e de encontro onde os objetos são considerados como elementos que evidenciam as características de uma determinada comunidade que, através das suas atividades culturais, revelou sua própria identidade coletiva e pretende transmiti-la às gerações futuras (Hernández, 2020, p. 17).

Ao reunirem objetos, documentos e testemunhos que contaram as histórias dessas mulheres, que demonstram a diversidade de experiências, sugerimos que as curadoras das exposições estavam engajadas em uma forma de ativismo cultural, e de certa forma tiveram esse intento de enfrentar a presentificação convencional e ampliar a compreensão da diversidade de experiências dentro da sociedade. Diante disso, entendemos que elas reconheceram o valor não apenas dos artefatos materiais, mas sobretudo das narrativas e testemunhos que acompanharam esses objetos. Ao reunirem uma ampla gama de materiais que contaram as histórias das mulheres, as exposições ofereceram novas interpretações e percepções sobre o passado das mulheres, em especial das mulheres negras.

Nesse ponto, losvaldyr Bittencourt Júnior (2013) destacou as representações negras que permearam ao longo do tempo, ao que podemos observar no MJC de forma diversa à narrativa exposta no período analisado:

As culturas negras (afro-brasileiras) tanto quanto as suas principais lideranças políticas, suas personalidades socioculturais, suas personagens históricas, seus militantes, suas eminentes figuras ancestrais vinculadas ao universo social e simbólico de matriz africana, seja na ordem cotidiana ou no campo do sagrado: seus respectivos signos e símbolos estão ausentes na sociedade de consumo e na indústria cultural [...] sistematicamente, explícita ou ironicamente invisibilizados. São radicalmente suprimidos ou simbolicamente marginalizados na produção do conhecimento, preservação da memória e difusão cultural, como sempre ocorreu em muitos museus tradicionais (Bittencourt Júnior, 2013, p. 13).

Para Oliveira (2018), o colecionismo mostrou-se produto de um universo da elite intelectual, da burguesia e da classe média, assim como também é uma prática social marcada por relações de gênero. Conceitualmente, o fenômeno está presente em todas as culturas, mas com significados diversos, em que, no entendimento de Oliveira (2018), refere-se a,

[...] especificidade do ato de selecionar e reunir objetos a partir de critérios específicos e de ações que alienam esses objetos do sistema lógico primordial do qual foram retirados (a lógica do uso ou da vida cotidiana) inserindo-os em outras lógicas próprias de cada colecionador ou grupo (Oliveira, 2018, p. 16).

Demonstrou-se como o colecionismo pode ser uma ferramenta não apenas para preservar o passado, para a preservação da memória coletiva, mas também para a promoção de uma justiça histórica, ao redefinir e reimaginar a história de maneiras mais representativas. Assim, mostrou-se fundamental o modo como as exposições desafiaram estereótipos e construíram narrativas mais inclusivas e precisas da história e da cultura, no que compreendemos como forma de ampliar a representatividade e reconhecer a diversidade de experiências dentro da sociedade. Nessa perspectiva, as exposições apresentaram figuras importantes e histórias significativas de mulheres, sobretudo mulheres negras, que foram historicamente subvalorizadas nos registros históricos. Ao trazerem à luz essas histórias, as exposições promoveram uma ressignificação perante a presentificação das mulheres no Museu Julio de Castilhos.

Logo, consideramos que o MJC ao longo do período analisado, por meio das exposições, promoveu um diálogo a fim de ampliar a representatividade das mulheres na história e na cultura brasileiras, contrapondo narrativas convencionais que muitas vezes as marginalizam ou apagam. Ao oferecer uma visão mais inclusiva da história e da cultura do Brasil, as exposições reconheceram e valorizaram as diversas contribuições das mulheres para a sociedade.

No sentido do diálogo que o Museu promoveu, mostrou-se imprescindível reconhecer a dialética como possibilidade de construir ambientes de socialização que promovem as interações culturais. Percebe-se que a humanidade está enfrentando um novo paradigma de configuração social, compreendido pela crise de identidade, rompendo com as identidades, os estigmas, as concepções estáticas, promovendo uma convergência de culturas entre diferentes etnias. Hall (2006) afirma que, sobre esta construção,

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (Hall, 2006, p. 12).

Nesse sentido, que Hall (2006) exprime sobre a formação e a transformação contínua às formas como somos representados, Roger Chartier (1988) depreende, no sentido da representatividade o conceito e suas implicações:

A questão com que se defronta a história [...] é a da passagem de uma validação do discurso histórico, fundado no controle das operações que estão na sua base – nada menos do que arbitrárias –, a um outro tipo de validação, permitindo encarar como possíveis, prováveis, verossímeis, as relações postuladas pelo historiador entre os vestígios documentais e os fenômenos indiciados por eles ou, noutros termos, as representações manipuláveis hoje em dia e as práticas passadas que elas designam. Formular assim o problema da história como relato verídico e colocar simultaneamente, todo um conjunto de questões que dizem respeito tanto à pertinência e à representatividade dos vestígios acessíveis, [...] como à maneira de articular a relação entre representações das práticas e práticas de representação (Chartier, 1988, p. 86).

A representatividade das mulheres em narrativas históricas e culturais é um processo dinâmico, constantemente moldado e remodelado pelas formas como são presentificadas. Stuart Hall (2006) destaca que a identidade cultural é formada e transformada continuamente, refletindo as formas pelas quais somos presentificados. Essa ideia é ampliada por Roger Chartier (1988), que discute a validade do discurso histórico e as relações entre vestígios documentais e práticas passadas. A análise de Chartier sobre a representatividade e a articulação entre representações e práticas ressalta a importância de validar e tornar verossímeis as narrativas históricas. Em termos de representatividade, mostra-se crucial entender que a presentificação das mulheres não é estática, mas uma repercussão das práticas culturais e sociais que a molda. A contínua reavaliação dessa presentificação auxilia a construir uma história mais inclusiva e precisa, onde as experiências das mulheres são reconhecidas e valorizadas.

4.2.1 Impacto da narrativa da exposição “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX”

Observamos que a exposição “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX” destacou o papel significativo de duas mulheres, Isaura e Adelina, cujas vidas apresentam um rompimento com a lógica imposta pela sociedade da época, sugerindo uma abordagem que transcende as narrativas normativas de opressão e marginalização. Em vez disso, propôs uma análise que valorizou suas contribuições por meio de pesquisas sobre a cultura material e outras fontes documentais. A partir dessa exposição, emergem trajetórias que não apenas desafiaram estereótipos, mas também forneceram questões valiosas para o estudo da experiência africana e de seus descendentes no contexto específico do Rio Grande

do Sul.

Através da exposição que retratou os seus trajetos de vida, denota-se que elas desafiaram as normas da época ao não se conformarem com os padrões estabelecidos para mulheres, especialmente no que diz respeito ao casamento e à maternidade. Suas vidas são descritas como representativas de um rompimento com a lógica social predominante, e suas trajetórias são analisadas em um contexto mais amplo, destacando o significado de suas histórias para a compreensão da história não somente regional, mas frente a um contexto nacional sobre pessoas negras. Ao analisarmos que o processo de desenvolvimento da exposição sugeriu descrever as personagens Isaura e Adelina como representativas de um rompimento com as normas de um período, Deborah Santos (2022) reforçou a análise ao referir-se que,

[...] diferentes curadorias ou tutelas que determinam opções historiográficas sob o legado da população de origem africana e questiona a responsabilidade das construções dessas experiências, que divide entre os que foram elaborados “para” os negros e os construídos “por” negros e negras (Santos, 2022, p. 96).

Ao lançar luz sobre questões relevantes para a compreensão da história e da identidade dessas mulheres negras, ao destacar o significado dessas histórias, entendemos que o Museu Julio de Castilhos ofereceu uma visão mais ampla das lutas e conquistas das mulheres negras, contribuindo para uma narrativa inclusiva e abrangente. Refletimos que a exposição sobre Isaura e Adelina não apenas recuperou suas trajetórias individuais, mas ampliou as perspectivas ao proporcionar diálogos e reflexões sobre os temas abordados na exposição. Nesse viés, podemos identificar pela exposição realizada que o Museu Julio de Castilhos, como Instituição representativa do Estado, conduziu a uma reflexão sobre as experiências das mulheres negras. Bittencourt Júnior (2013) constatou que,

Atualmente, temos o advento de uma variedade de museus com diversos objetivos, tratando das questões históricas e socioculturais negras; comunitários, esportivos, sobre o universos do trabalho, sobre artes, contudo, precisamos ainda refletir, de modo profundo, acerca das formas de tratamento técnicos e das representações sociais em torno da cultura negra, em museus e exposições, sobretudo aqueles históricos estatais (estaduais ou municipais), cujas análises devam ser conduzidas sobre como determinadas categorias e ideias contribuíram, ao longo do tempo, para processos de preservação, exclusão, ou maquiagem de dimensões culturais indesejáveis às elites da sociedade brasileiras – as referências culturais e/ou indicadores de processos culturais de matriz africana (Bittencourt Júnior, 2013, p. 14).

Portanto, a exposição “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX” não só trouxe à tona histórias invisibilizadas, mas também incentivou uma reavaliação crítica da representatividade histórica e cultural das mulheres negras. Este impacto é um passo significativo em direção a uma narrativa mais inclusiva e representativa, que valoriza as contribuições e resistências das mulheres negras na formação da sociedade.

4.2.2 Impacto da narrativa da exposição “Narrativas do Feminino”

A exposição “Narrativas do Feminino” tratou no espaço “As Lavadeiras”, do significado histórico e cultural do papel das mulheres negras como lavadeiras no Brasil pós-escravidão. A discussão abordou como essas mulheres, mesmo no período pós-abolição, continuaram a desempenhar trabalhos manuais e pouco valorizados na época, como lavar roupas. Ressaltamos a formação de fortes laços comunitários entre as lavadeiras, a resiliência delas e o papel crucial que desempenharam no sustento de muitas famílias por anos. A exposição também mencionou os desafios econômicos atuais e a dinâmica social que as mulheres negras enfrentam no mercado de trabalho, além de destacar homenagens artísticas e culturais a essas mulheres, reconhecendo seu legado duradouro na sociedade brasileira.

A exposição, em contraponto, ao retratar as mulheres da alta sociedade no Brasil no espaço “Mulheres da Elite”, as descreveu como influentes nos círculos sociais e políticos, participando ativamente em eventos e movimentos sociais, incluindo a luta pela abolição da escravidão. Essa narrativa defronta a visão tradicional que as relegava ao papel de serem apenas donas de casa, apontando para uma realidade mais complexa e ativa. Além disso, discutiu-se a educação das meninas, preparadas desde cedo para o papel doméstico e para aceitar a desigualdade de gênero como norma. Portanto, ao exprimirmos reflexões sobre a desigualdade mencionada na exposição, indicamos o que Oliveira (2018) definiu:

Pensar gênero permite revisar e analisar a condição das mulheres em diversos contextos revelando na maioria das vezes situações de desigualdade, demonstrando assimetrias nas relações de poder presentes nas experiências de mulheres e homens em nossa sociedade. Também nos ajuda a enxergar e criticar alguns discursos [...] que têm sido sustentados pelo sistema patriarcal dominante (Oliveira, 2018, p. 16).

Logo, entendemos que a exposição realçou o papel das mulheres na história intelectual e suas lutas por reconhecimento em uma sociedade predominantemente patriarcal e machista, no nicho expositivo “Mulheres Intelectuais”. Houve destaque às mulheres que desafiaram normas sociais, publicando obras literárias, fundando instituições educacionais e lutando por direitos políticos e sociais. A mostra incluiu exemplos de jornais brasileiros do século XIX criados por mulheres e pinturas onde a mulher é apresentada como sujeito ativo, à medida que visou a dar visibilidade às conquistas que muitas vezes permanecem invisíveis devido à falta de documentação e reconhecimento histórico. Revelou-se uma tentativa retratar as contribuições das mulheres e de valorização como protagonistas de suas próprias histórias.

Nesse viés, emergiu a questão de enfrentamento em relação às diversas identidades possíveis de serem presentificadas na sociedade, inclusive nos museus, em contraposição à ideia de uma única identidade, Hall (2006) exprime essa necessidade de enfrentar ao destacar o feminismo quando retrata a mudança de uma política de identidade (de classe) para uma “política de diferença”, conjuntamente com outros movimentos sociais. Dentre as implicações ocasionadas pelo descentramento conceitual do sujeito cartesiano e sociológico pelo feminismo citadas por Hall (2006), é destacada sua importância para esse processo visto que questiona a distinção entre o “dentro” e o “fora”, o “privado” e “público”.

Já o espaço dedicado a Odila Gay da Fonseca em “Narrativas do Feminino” destacou sua contribuição significativa para a sociedade, particularmente através de seu trabalho na Cruz Vermelha Brasileira e em várias outras instituições de caridade. Apresenta uma cronologia de seus envolvimento e esforços humanitários, mostrando o impacto de suas ações na melhoria da vida das pessoas em sua comunidade e além. Ela foi celebrada por sua liderança e reconhecida por suas várias distinções nacionais e internacionais, ao verificarmos que a exposição evidenciou seu importante papel na história do trabalho humanitário no Brasil.

Ao relacionarmos essa representatividade específica com as teorias de Chartier (2002) sobre mediação na produção e circulação de narrativas, percebemos como as instituições, como o Museu responsável pela exposição, desempenham um papel fundamental na moldagem das narrativas históricas. Através da seleção e apresentação de informações sobre figuras como Odila Gay da Fonseca, essas instituições influenciam a forma como o público percebe e compreende o papel das mulheres na sociedade. Assim, a exposição não apenas documenta a vida e as

realizações de Odila, mas também participa ativamente na construção de sua presentificação pública e legado histórico. Nesse sentido, quanto à importância de estudar e discutir as exposições, enquanto prática social, condicionadas pelas relações de gênero e, sobretudo, a essa lógica patriarcal, Ana Cristina Oliveira e Marijara Queiroz (2017) referem-se à,

[...] forma como as experiências masculinas são consideradas experiências de todos os seres humanos e tidas como norma universal, tanto para homens como para mulheres, sem que se dê o reconhecimento completo e igualitário à sabedoria e às experiências femininas. Essa lógica silencia as mulheres, nossas experiências, práticas e saberes (Oliveira; Queiroz, 2017, p. 69).

Portanto, o espaço dedicado a Odila Gay da Fonseca na exposição “Narrativas do Feminino” não apenas celebrou suas realizações individuais, mas também destacou questões mais amplas relacionadas à representatividade das mulheres na sociedade e à importância de reconhecer e valorizar suas contribuições históricas.

Adiante, percebemos que o nicho expositivo “Vestidas para casar” examinou a mudança do vestido de noiva como um objeto cultural carregado de significados sociais, simbólicos e econômicos ao longo da história. Desde as demonstrações de riqueza e poder na Idade Média até as celebrações de fertilidade e a expressão de status na ascensão da burguesia no Renascimento, o vestido de noiva tem refletido as normas e valores de cada época. A transição para o vestido branco, popularizado pela nobreza, até a adoção deste nos casamentos contemporâneos, mostrou a interseção entre tradição e modernidade. Ademais, menciona costumes como noivas vestidas de preto com múltiplos significados, ilustrando a diversidade de práticas e crenças em torno do casamento.

Esta análise revelou uma profunda reflexão sobre o papel da moda e das práticas normativas na vida das mulheres, explorando como esses elementos se entrelaçam com questões de gênero, sociedade e economia ao longo da história. Nesse sentido, percebemos uma ligação com nicho expositivo que tratamos a seguir, ao ter focado no papel tradicional das mulheres na costura, enfatizando a importância dessa habilidade para a autonomia econômica, constituindo “uma possibilidade de crítica e de ruptura com esse esquema conceitual hegemônico” (Butler, 2018a, p. 48).

Essa passagem de Judith Butler (2018a) sugeriu, de acordo com as exposições analisadas, que as mulheres frequentemente estão posicionadas como ausentes ou não presentificadas dentro de estruturas de poder. Essa ausência demonstra-se não

como uma simples lacuna, mas uma consequência ativa da negação patriarcal da sociedade, que molda o que é considerado significativo ou valorizado por meio da exclusão, da invisibilidade. Dessa forma, estabelece-se o que é importante, principalmente através daquilo que se marginaliza ou rejeita. Entretanto, ao ficar à margem, potencialmente pode-se oferecer perspectivas e abordagens alternativas que afrontam e questionam as normas e valores estabelecidos.

Entendemos que o espaço “Costurando histórias de vida” destacou o papel tradicional das mulheres na costura como uma habilidade essencial, associada à preparação para o casamento e à autonomia econômica. A exposição ressaltou como essa habilidade, ensinada desde cedo, era não só uma expectativa social, mas também um meio para as mulheres alcançarem independência financeira, sobretudo em momentos de perda do sustento provido por pais ou maridos. A costura, uma atividade que podia ser realizada em casa, oferecia uma oportunidade de trabalho para as mulheres daquela época.

Assim, consideramos que a exposição “Narrativas do Feminino” produziu mais do que apenas retratar as mulheres como objetos passivos da história; ela as posicionou como agentes ativos na moldagem de suas próprias vidas e comunidades, desafiando as expectativas sociais e econômicas e encontrando maneiras de expressar sua identidade como atores dentro e fora do contexto matrimonial. Depreendemos que o indivíduo busca significado e representatividade nos objetos e nos espaços que o cercam, assim, vale ressaltar a importância da organização social e dos relacionamentos de estímulos.

Compreendemos que o espaço expositivo “Onde estão as mulheres negras?” procurou dar visibilidade a essas mulheres, celebrando suas contribuições e desafiando sua ausência nos registros históricos convencionais e no acervo do próprio MJC. Essa imagem conectou-se com a representatividade das mulheres negras e sua presença histórica nos espaços públicos como trabalhadoras, muitas vezes assumindo papéis essenciais na economia informal, visto que frequentemente ocupavam trabalhos de sustento e de grande esforço físico, como o comércio ambulante, o caso de Tia Forosa. Barman (2005³³ *apud* Escobar, 2010) correlacionou a situação das mulheres na economia da época, ao descrever:

³³ BARMAN, Roderick J. **Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX**. Tradução de Luiz Antônio de Oliveira Araújo. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

Na área do comércio, as únicas mulheres que podiam administrar os negócios sem macular a honra eram as viúvas. Em todos os níveis da sociedade brasileira, tanto antes quanto depois da independência política, as mulheres se subordinavam aos homens (Barman, 2005, p. 26 *apud* Escobar, 2010, p. 34).

A menção ao papel das viúvas na administração de negócios sem macular a honra destacou as normas de gênero restritivas que limitavam a participação econômica das mulheres na sociedade brasileira. Desse modo, compreendemos que esse aspecto sublinhou como, historicamente, as mulheres eram subordinadas aos homens, com suas oportunidades econômicas e sociais severamente limitadas por construções de gênero que as confinavam a papéis domésticos ou, em casos excepcionais como o das viúvas, permitiam uma participação mais ativa na economia, mas ainda assim dentro de limites estritos.

Isso implica um esforço contínuo para questionar e redefinir as narrativas que têm historicamente marginalizado certos segmentos aqui estudados. Evocaram questões de resistência, trabalho e a presença marcante das mulheres negras na economia e no cotidiano social. Assim, podemos mencionar estudo de Chartier (2002) ao ter apontado que a representação possui duas definições que estão em desacordo. Por um lado, a representação torna a ausência visível, ao distinguir entre o que representa e o que é representado. A apresentação pública de algo ou alguém é outro tipo de apresentação de uma presença. Chartier (2002) identificou que:

Representar é, pois, fazer conhecer as coisas mediante “pela pintura de um objeto”, “pelas palavras e gestos”, “por algumas figuras, por marcas” – como os enigmas, os emblemas, as fábulas, as alegorias. Representar no sentido jurídico e político é também “manter o lugar de alguém, ter em mãos sua autoridade” (Chartier, 2002, p. 165).

Mostrou-se perceptível que o espaço expositivo destacou o papel fundamental e muitas vezes não documentado das mulheres negras na história de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul. Através de exemplos de atividades econômicas e contribuições sociais, revelou a presença e a importância dessas mulheres, enquanto critica a ausência de registros oficiais e o apagamento histórico de suas histórias. A menção à Sociedade Beneficente e Cultural Floresta Aurora e à Tia Forosa exemplifica essa presença, ressaltando o legado e a resistência cultural das mulheres negras na sociedade gaúcha.

Destaca-se que a atuação da Sociedade Beneficente e Cultural Floresta Aurora

foi, desde sua origem, de uma organização que lutava pela afirmação da identidade e dos direitos dos negros (Escobar, 2010; Silva, 2017), principalmente sob o ponto de vista político, pois participou do movimento abolicionista (Zubaran, 2009; Silva, 2017; Moreira, 2019), idealizou e sediou o Primeiro Congresso Nacional do Negro, em 1958 (Gomes, 2009), e foi o local onde se estabeleceram as primeiras discussões sobre o processo de criação do Grupo Palmares (1971-1978), grande expoente do Movimento Negro moderno (Campos, 2006; Gomes, 2021). Além disso, cabe ressaltar seu compromisso com a formação educacional da comunidade negra (Pereira, 2008; Gomes, 2017; Silva, 2017), caracterizando-se como um espaço de demarcação significativo dos Territórios Negros de Porto Alegre (Campos, 2006; Vieira, 2017).

Segundo Giane Escobar (2010), esses clubes surgiram como espaços de convivência, onde a população negra se reunia e se organizava para agregar e resolver suas demandas específicas, originando jornais, grupos de teatros, bibliotecas especializadas etc. Na atualidade, os clubes e as sociedades têm a função de fortalecer o povo negro e manter o sentimento de pertencimento e de coletividade, mesmo agregando segmentos heterogêneos.

Enquanto os clubes da população negra demonstraram um esforço de auto-organização e afirmação cultural frente a um sistema de opressão racial, os almanaques e revistas ilustraram como as normas de gênero são disseminadas, apropriadas e, por vezes, contestadas dentro da sociedade. Tanto a organização comunitária quanto os meios de comunicação desempenharam papéis significativos na formação de identidades e na resistência contra as estruturas de poder opressivas, revelando a necessidade contínua de luta pela autodeterminação e pela igualdade de gênero na sociedade.

Nesse sentido, Butler (2018a) destacou a interseção de gênero com outras categorias analíticas de desigualdade que são criadas e sustentadas dentro dos contextos político e cultural, defendendo que,

Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida (Butler, 2018a, p. 17).

Essa análise evidenciou a necessidade de reconhecer e desafiar as estruturas de poder que definem e restringem as identidades baseadas em gênero, raça e classe, e ao destacarmos a importância dos espaços de resistência e criticando os meios de comunicação que perpetuam normas opressivas, denota-se que a exposição, ao ter abordado no espaço “Os almanaques e o comportamento feminino”, a influência dos almanaques e revistas no comportamento feminino, destacou o papel dessas publicações na sociedade. Mostrou-se importante citar que, conforme texto expositivo (Rio Grande do Sul, 2022), foram apresentados não como meros veículos de entretenimento, mas como ferramentas de disseminação de normas sociais e de saúde direcionadas às mulheres, influenciando e, em muitos casos, ditando comportamentos e padrões sociais desejáveis. Esses materiais, que incluíam desde práticas de saúde recomendadas até estereótipos de gênero, eram um resultado e ao mesmo tempo modeladores das expectativas sociais para as mulheres, principalmente em relação ao lar e à saúde. Logo, embora apresentassem-se como pedagógicos e benéficos, a crítica implícita residiu na forma como esses almanaques podem ter perpetuado estereótipos de gênero e reforçado papéis convencionais de gênero ao longo do tempo, por meio de discursos moldados.

Para estes discursos, Sandra Pesavento explicou que:

No jogo entre a lembrança e o esquecimento – as duas faces, contraditórias e combinadas da construção da memória do mundo – há todo um processo de aprendizagem, cultural e histórico. O que somos levados a reter, o que somos induzidos a abandonar, formando lacunas? Silêncios e vazios são um enfrentamento cotidiano para aqueles que buscam entender as razões e os sentimentos que guiavam a vida [...] do passado (Pesavento, 2006a, p. 51).

E, segue Pesavento (1995), definindo que como expressão do pensamento, o imaginário participa de um campo de representação e assume a forma de imagens e enunciados que tentam definir a realidade. No entanto, a presentificação e discursos da realidade não são expressões literais da realidade como um espelho. Isso implica em analisar a representatividade das mulheres em uma perspectiva de ambiguidade, pautada por conexões entre presenças e ausências.

4.3 Rupturas nos discursos e desafios sociais

A exposição “Narrativas do Feminino” proporcionou uma jornada profunda e

reflexiva através das várias facetas da vida das mulheres, desde o final do século XIX até meados do século XX. Ao longo de suas fases pesquisadas, a exposição destacou não apenas as realidades distintas vividas por mulheres de diferentes classes sociais, mas também as limitações impostas pela sociedade patriarcal da época. No decorrer da exposição, foram apresentadas trajetórias marcantes de mulheres que desafiaram os estereótipos de gênero e contribuíram significativamente para diversos campos, enfrentando obstáculos e preconceitos em seu caminho.

Uma das questões balizadoras que vislumbramos perpassar ao longo das exposições foi a busca por visibilidade e reconhecimento das contribuições das mulheres para a sociedade. Em particular, a exposição “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX”, que se concentrou inteiramente em trazer à luz as histórias das mulheres negras, que frequentemente foram negligenciadas ou apagadas dos registros históricos convencionais. Ao terem destacado personagens como, por exemplo, Isaura de Bittencourt, Adelina de Bittencourt e Tia Forosa e a instituição Sociedade Beneficente e Cultural Floresta Aurora, o Museu Julio de Castilhos buscou corrigir esse apagamento histórico e celebrar o legado e a resistência das mulheres negras na sociedade gaúcha. Notou-se a importância de reconhecer e valorizar todas as vozes, independentemente de sua origem étnica ou socioeconômica, na construção de uma história mais inclusiva. Pesavento (2006a) discorre que:

[...] pensar [...] em história induz a referir-se ao sujeito que evoca e ao sujeito que escreve, agente deste ato de presentificar uma ausência. Falemos, pois, de indivíduos, de subjetividades, de trajetórias pessoais, de histórias de vida. Esse é, para todos os efeitos, um viés muito importante, resgatado pelos estudos da cultura. [...] Nesta medida, as reminiscências do *eu* são trabalhadas com o auxílio das dos *outros*, tal como a escrita da História, como escrita no tempo, dá-se em palimpsesto com outras escritas precedentes. Mas a cultura avançou mais, nestes caminhos da historiografia: ela fez, dos sujeitos-objetos de seus estudos, os indivíduos, um de seus vieses preferenciais nos últimos anos (Pesavento, 2006a, p. 52).

Pesavento (2006a) sugere que a história é um processo de evocação e escrita que envolve tanto o sujeito que recorda quanto o que escreve, destacando a importância das trajetórias individuais e das histórias de vida. Este foco nos indivíduos reflete um movimento para dar ouvidos a experiências pessoais que foram marginalizadas ou ausentes das narrativas históricas predominantes. Assim, a representatividade se torna crucial, pois permite que essas histórias singulares sejam

reconhecidas e integradas à memória coletiva, ampliando a compreensão histórica para incluir uma diversidade de perspectivas. Isso é especialmente relevante em contextos em que a história oficial frequentemente exclui ou esmaece a contribuição de determinados segmentos, como mulheres, minorias étnicas e outras comunidades marginalizadas. Ao considerar a história como um palimpsesto de escritas, Pesavento (2006a) ressalta a importância de múltiplas vozes na construção do conhecimento histórico, promovendo uma narrativa mais representativa.

As representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais [...]. Há, no caso do fazer ver por uma imagem simbólica, a necessidade da decifração e do conhecimento de códigos de interpretação, mas estes revelam coerência de sentido pela sua construção histórica e datada, dentro de um contexto dado no tempo (Pesavento, 2003, p. 41).

Como demonstrou Pesavento (2003), a análise revelou uma camada de complexidade que transcende apresentação de fatos ou figuras históricas. Nesse sentido, compreendemos que a representatividade, ao carregar um valor simbólico, daquele que é representado, funciona como um veículo para mensagens mais profundas, que muitas vezes permanecem ocultas à primeira vista. Este aspecto mostrou-se importante na exposição “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX”, ao dar visibilidade às histórias de mulheres negras e desafiar e reconfigurar as narrativas históricas convencionais. A reconstrução dessas histórias não é apenas um ato de justiça, mas um processo de educar e sensibilizar a comunidade sobre a necessidade de uma interpretação crítica dos objetos e narrativas apresentadas.

Ao destacarmos personagens como Isaura e Adelina, indicamos que o Museu rompeu com as narrativas de opressão e marginalização, reconhecendo as contribuições das mulheres em diversos âmbitos da vida social e cultural. Salienta-se a resistência dessas mulheres frente aos papéis convencionalmente impostos, reafirmando sua autonomia e importância no contexto nacional, e não apenas regional, do Rio Grande do Sul. A iniciativa do Museu Julio de Castilhos em ter trazido visibilidade às histórias e lutas das mulheres negras evidenciou a necessidade de uma narrativa mais inclusiva, destacando tanto o papel das mulheres da alta sociedade, quanto o valor histórico das lavadeiras na construção socioeconômica regional. Essa

abordagem reforçou a urgência de revisitar e valorizar o papel ativo das mulheres na história, que vai além dos papéis domésticos e se estende para a luta por direitos e reconhecimento em uma sociedade majoritariamente patriarcal. Oliveira e Queiroz (2017) enfatizam que:

[...] de modo geral, os museus tendem a ser omissos em relação às disputas que se travam no campo da cultura e da memória, principalmente quando se trata da história e da memória das mulheres e da sua participação na vida social, política, científica, artística e cultural do Brasil. Mas há resistências (Oliveira; Queiroz, 2017, p. 73).

Nesse viés, as narrativas das exposições expandiram-se ao contextualizar o papel das mulheres na sociedade de forma mais profunda, reconhecendo as barreiras enfrentadas pelas mulheres em diversos contextos históricos e sociais. O Museu Julio de Castilhos desenvolveu um trabalho crucial ao registrar as histórias dessas mulheres, muitas das quais permaneceram não documentadas ou invisíveis na historiografia tradicional. Ao elevar as histórias retratadas, esta pesquisa identificou que o Museu promoveu esforços no sentido de culminar a uma reflexão crítica da comunidade para com as potências das narrativas das mulheres.

Como resultado, as exposições analisadas apresentaram diferentes perspectivas sobre a presentificação das mulheres. A exposição “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX” valorizou a história de duas mulheres negras que viveram na cidade no século XIX, mas ainda apresentou algumas limitações na construção da narrativa. Já a exposição “Narrativas do Feminino” apresentou uma visão mais ampla e diversa das experiências das mulheres, contudo ainda há espaço para a construção de narrativas mais inclusivas e representativas. Ao ter delineado as vivências das mulheres, as exposições revelaram camadas do processo histórico-cultural de nossa sociedade frequentemente negligenciadas. Com efeito, o MJC rejeitou o silenciamento da história das mulheres, explorando inclusive, como as mulheres negras – desde a era pós-abolição até os movimentos sociais contemporâneos – têm moldado ativamente o tecido sociopolítico e cultural do Brasil.

Assimilamos que, ao analisarmos a presentificação das mulheres no Museu Julio de Castilhos, conduziu-se pesquisa de modo a compreender as estratégias, histórias e experiências que foram apresentadas no Museu, inclusive interpretando as conexões das narrativas museais ora expostas com a percepção coletiva de uma sociedade, especialmente os itinerários das mulheres, o que convergiu para a criação

uma narrativa mais completa, representativa, imersiva e precisa da realidade.

Por conseguinte, compreendemos que as exposições realizadas no MJC ofereceram embasamento para uma análise rica e multifacetada das narrativas das mulheres, explorando de forma crítica e reflexiva temas complexos. Ao lançarem luz sobre as experiências das mulheres, sobretudo das mulheres negras, as exposições desafiaram narrativas e buscaram apresentar uma visão mais inclusiva e abrangente tanto da história e da cultura gaúcha – que foi cerne trabalhado em um Museu de História do Estado –, quanto do Brasil. Dessa maneira, percebemos como fundamental compreender como a presentificação das mulheres em exposições museológicas podem ser influenciadas por diversos fatores, como o contexto histórico, social e político em que a exposição é realizada, as escolhas do processo de desenvolvimento da exposição. Importante considerar que a representatividade das mulheres nos museus podem ser um resultado das lutas e conquistas das mulheres ao longo do tempo, bem como dos desafios e opressões que ainda enfrentam em diferentes contextos.

Nesse sentido, permitimos avaliar de que modo pode-se trazer à tona questões quanto ao empoderamento das mulheres, inclusive fornecendo espaço para diálogos e reflexões sobre a construção da identidade cultural e a forma como ela é moldada pela interação entre indivíduos e sociedade. Corroborando, ao tratar da abordagem para o papel do poder na criação e disseminação das representações, Chartier (2002) enfatizou a importância dos fatores sociais e políticos na criação da representatividade, sendo relevante para entender como a representatividade é criada, disseminada e mantida na sociedade.

Por esse ângulo, ao admitirmos a importância das coleções em museus e processos museológicos, levanta-se uma variedade de questões sobre políticas institucionais e, necessita ser explorado se há ou não equidade nos documentos e objetos que façam referência à história e às memórias das mulheres nas políticas realizadas pelos museus, em conformidade com Oliveira (2018). Ao visualizar a prática colecionista sendo naturalizada como algo próprio do universo masculino, Oliveira (2018, p. 20) confirma que “a discussão sobre gênero precisa ser melhor desenvolvida nos estudos sobre coleções e colecionismo. Também é necessário discutir a visibilidade dessas coleções nas exposições [...]”.

Do ponto de vista de Vânia Carvalho (2008), dentro da esfera social, a ação sexuada é alimentada através de um sistema cujos valores e sentidos já foram

estabelecidos. Nesse viés, a produção e a reprodução do sistema social se articulam, entre rupturas e permanências, dependendo da prática cotidiana para se instituir.

Logo, entendemos que a participação e a interação de segmentos sociais e instituições de ensino, culturais e governamentais como o Museu Julio de Castilhos podem agir de maneira convergente no sentido de viabilizar a construção coletiva e democrática de preservação do patrimônio, na perspectiva de ações vinculadas a ele, através de uma interação dialógica entre os diversos atores sociais envolvidos neste processo, permitindo o fortalecimento de vínculos entre a sociedade e o Museu, numa perspectiva de aprendizagem e conhecimento comunitário para a valorização das narrativas das mulheres como referenciais em um espaço de representatividade coletiva e diversa da sociedade. Como explicou Átila Tolentino (2016),

[...] ao levar em conta que o patrimônio cultural está inserido no espaço de vida das pessoas, a sua construção e conformação devem considerar as referências culturais e os diferentes saberes existentes nas comunidades onde esse patrimônio está inserido, bem como as distintas visões dos sujeitos detentores e produtores dessas referências. Isso requer, necessariamente, que as práticas [...] sejam dialógicas e democráticas, partindo do pressuposto de que o patrimônio cultural é dinâmico e histórico-socialmente determinado pelos sujeitos que lhes atribuem sentidos e significados (Tolentino, 2016, p. 47).

Essa abordagem contribuiu para o fortalecimento da identidade comunitária e o reconhecimento da pluralidade das experiências humanas que compõem a história e a cultura coletivas. Sugerimos nessa análise que, no processo de preservar e valorizar o patrimônio cultural, especificamente o papel do Museu Julio de Castilhos, como facilitador de um processo coletivo e democrático de construção de patrimônio, enfatiza-se a interação dialógica entre os variados atores sociais envolvidos, reconhecendo especialmente as contribuições das mulheres na formação desse patrimônio.

Se lá estamos, somos na maioria das vezes enquadradas em representações estereotipadas que visam reafirmar lugares subalternizados. Pensamos nas pessoas heroínas que foram apagadas e que hoje vão ressurgindo através da resistência da nossa sobrevivência. E é por pensar assim, é por ver e viver tudo isso, é por pensar que os “nossos passos vêm de longe”, que seguimos em frente (Wichers *et al.*, 2021, p. 222-223).

Diante do exposto, apontamos para uma necessidade mais ampla na sociedade de confrontar e superar o apagamento, a invisibilidade histórica das

mulheres, sobretudo das mulheres negras. Isso implica em não apenas incluir suas histórias nos registros oficiais, mas também em reconhecer seu papel central na formação da nossa sociedade. Mostra-se de forma contundente que nossas histórias não podem ser relegadas a um segundo plano na construção da História oficial. Somos protagonistas de nossas próprias vidas e assim percebemos as contribuições das curadoras das duas exposições no desenvolvimento de um trabalho voltado a presentificar as vidas das personagens por meio de pesquisas, objetos, documentos, relatos e testemunhos.

Além disso, destacamos a importância do reconhecimento público das mulheres como uma forma de promover a equidade de gênero e combater a discriminação e o sexismo. Isso implica em uma reavaliação das políticas e práticas culturais e históricas que perpetuam a marginalização das mulheres. Com efeito, denota-se que as exposições estudadas inspiram reflexão e diálogo sobre questões de equidade, justiça, inclusão e diversidade na sociedade contemporânea.

No próximo capítulo, apresentamos as considerações finais, pontuando nossas reflexões sobre a presentificação das mulheres frente às exposições realizadas no Museu Julio de Castilhos, entre 2011 e 2022.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo oferecemos um olhar retrospectivo e prospectivo sobre a presentificação das mulheres no Museu Julio de Castilhos, ao longo do período de 2011 a 2022, destacando os avanços realizados, bem como os desafios persistentes e as oportunidades para o futuro.

Ao enfatizarmos a importância do reconhecimento e da representatividade de todos os segmentos na sociedade, especialmente em instituições como museus, que têm o poder de construir e/ou reforçar narrativas históricas, refletimos a compreensão de que as transformações sociais podem começar com alterações aparentemente pouco significativas que, no entanto, adquirem grande importância ao influenciar o pensamento e as atitudes em comunidades específicas. As pequenas mudanças mencionadas apresentam a noção de que os museus têm o poder de remodelar percepções e dar visibilidade a segmentos que foram, por muito tempo, marginalizados na narrativa histórica dominante. Acredita-se que estas mudanças, por menores que sejam, podem ter um impacto significativo ao reforçar a dignidade e o respeito próprio de comunidades discriminadas.

Diante disso, a análise das exposições “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX” e “Narrativas do Feminino” proporcionou uma visão detalhada sobre como as mulheres foram presentificadas, destacando tanto avanços quanto lacunas na abordagem dessas temáticas pelo Museu. Foi observado que, ao longo dos anos estudados, o Museu Julio de Castilhos tornou as mulheres mais representativas, ao apresentá-las como protagonistas nessas exposições, quando antes elas figuravam, simplesmente, associadas a algum personagem masculino, como por exemplo, Honorina de Castilhos, apresentada durante muitos anos no Museu como esposa de Julio de Castilhos. Entendemos que o Museu abordou temas polêmicos e inclusivos, embora ainda exista espaço para maior inclusão e reconhecimento das mulheres em suas narrativas.

Reiteramos a importância de continuar questionando e expandindo a presentificação das mulheres nos museus, desafiando as estruturas patriarcais subjacentes e promovendo uma narrativa mais inclusiva e diversificada. Por consequência, este estudo contribui para a discussão sobre a necessidade de museus como o Julio de Castilhos de adotar uma abordagem mais crítica e reflexiva em relação à representatividade de gênero, alinhando-se com as demandas

contemporâneas por igualdade e reconhecimento de todas as formas de vida e histórias, garantindo que suas exposições e coleções continuem relevantes e ressonantes para as gerações futuras.

Por esta razão, esta pesquisa proporcionou uma oportunidade de análise aprofundada sobre o papel do Museu Julio de Castilhos em retratar a presentificação das mulheres, desde 2011 até 2022, dentro do panorama cultural e histórico de Porto Alegre. Logo, sintetizamos os achados em relação ao objetivo geral e aos objetivos específicos estabelecidos inicialmente, além de refletir sobre o impacto dessa presentificação no contexto mais amplo da historiografia e da Museologia.

O objetivo geral desta pesquisa focou na análise da presentificação das mulheres nas exposições realizadas no MJC, explorando como essa presentificação contribui para o entendimento e a valorização das experiências das mulheres na história e na cultura gaúcha e brasileira. Este estudo revelou que, através de exposições como “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX” e “Narrativas do Feminino”, o Museu não somente enriqueceu o público com histórias até então marginalizadas, silenciadas, ausentes, como também instigou uma reflexão crítica sobre os papéis normativamente atribuídos às mulheres na sociedade. Compreendemos que o trabalho desenvolvido atendeu ao seu objetivo geral ao lançar um olhar crítico sobre as mudanças nas práticas expositivas do MJC, demonstrando um avanço significativo na incorporação das narrativas das mulheres, que anteriormente eram marginalizadas, invisibilizadas nas narrativas históricas e culturais. Esse avanço, sobretudo, demonstrou-se em por meio da presentificação das mulheres construídas por mulheres curadoras.

Através dos objetivos específicos, o estudo identificou e analisou as exposições que colocaram as mulheres em destaque, não simplesmente como figuras passivas da história, mas como agentes ativos que moldaram e foram moldados pelo contexto sociopolítico e cultural em que viveram. A investigação documental e a análise de conteúdo das exposições revelaram uma intencionalidade do Museu Julio de Castilhos em promover uma narrativa mais inclusiva e diversificada, reconhecendo a importância de presentificar histórias de mulheres de diferentes origens, classes e contribuições sociais. Ao cumprir os objetivos específicos, a pesquisa mapeou as exposições relevantes ao tema delimitado, identificou as coleções utilizadas e analisou as narrativas construídas em torno das mulheres. Foi constatado que o MJC empregou uma abordagem inclusiva e diversificada, destacando as mulheres em

contextos de resistência e superação, bem como em suas contribuições significativas em diversos âmbitos da sociedade. Esse processo contribuiu para uma compreensão mais complexa e detalhada das identidades das mulheres, contrapondo-se a uma representatividade simplificada, patriarcal, subalternizada e estereotipada frequentemente perpetuada na historiografia oficial, o que se verificou ter sido a tônica por longos anos na Instituição estudada.

As exposições “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX” e “Narrativas do Feminino” não apenas apresentaram aspectos pouco reconhecidos das histórias das mulheres, como também destacaram a influência de personagens como agentes de mudança cultural e social. Nesta perspectiva, mediante a análise das exposições no Museu Julio de Castilhos, vislumbramos um cenário contemporâneo em que a representatividade das mulheres transcendeu a mera narrativa histórica para se firmar como um espaço de diálogo e resistência. Ao destacar as histórias de mulheres, especialmente das mulheres negras, em contextos diversificados da sociedade brasileira, as exposições romperam com o silêncio habitualmente imposto pela historiografia tradicional e pelas práticas museológicas convencionais.

A abordagem interseccional adotada permitiu uma compreensão aprofundada das dinâmicas de poder que moldam as experiências das mulheres, destacando como o gênero, a raça, a classe interagem de maneira complexa nas vidas das mulheres. Ao fazer isso, as exposições além de desafiar estereótipos e visões patriarcais arraigadas, proporcionaram um reconhecimento das contribuições das mulheres para a cultura e a sociedade. Esse processo revelou a potência das narrativas museológicas de atuar como ferramentas de empoderamento, fomentando um questionamento crítico das estruturas de poder existentes e promovendo uma visão equitativa e inclusiva da história. O Museu Julio de Castilhos emerge, portanto, como um cenário para a valorização e preservação da diversidade cultural e para a promoção da equidade, ao dar ouvidos às mulheres e às histórias das mulheres que, por muito tempo, permaneceram à margem dos registros oficiais nesse espaço. Quer dizer, o Museu está dando representatividade para as mulheres, tornando-as presentes nas suas exposições e nas suas coleções.

Este movimento em direção à inclusão e à representatividade no espaço museológico reflete uma tendência mais ampla na sociedade de reavaliar e reconhecer as contribuições das mulheres em todas as esferas da vida. Sugerimos

que o Museu, ao adotar essa abordagem, além de se alinhar a essa tendência, ainda atua como um agente de mudança ao educar e sensibilizar seu público sobre a importância da diversidade e da equidade de gênero. Esse esforço vai ao encontro das demandas contemporâneas por narrativas justas e equitativas nas instituições culturais e no discurso histórico.

A pesquisa também destacou a importância de abordagens metodológicas qualitativas para um entendimento mais profundo das dinâmicas de representatividade nas exposições museológicas. Este enfoque metodológico permitiu não somente identificar as exposições que tematizavam as mulheres, mas também analisar como essa presentificação se encaixava no discurso mais amplo sobre gênero e sociedade. Além disso, ao examinar as práticas museológicas do MJC, este estudo contribui para a literatura acadêmica ao oferecer percepções sobre como os museus podem se tornar espaços mais inclusivos e representativos. Isso envolve a seleção criteriosa dos temas e personagens a serem exibidos, assim como a narrativa empregada para contar suas histórias, assegurando que um espectro diversificado de perspectivas seja contemplado e valorizado. Neste ponto, as exposições analisadas, ao apresentar as multifacetadas histórias das mulheres, não somente contestaram a narrativa dominante que muitas vezes marginaliza e silencia suas vozes. Além disso, este estudo, ao explorar profundamente as narrativas das mulheres através das lentes do Museu Julio de Castilhos, evidenciou a resistência e a resiliência das mulheres ao longo da história, tal qual a importância crítica de reconhecer e valorizar suas contribuições.

Entretanto, embora consideremos que tenha havido um esforço consciente do Museu em incorporar exposições que refletem as complexidades e as contribuições das mulheres na sociedade, identificamos que ainda existem barreiras significativas na representatividade das diversas identidades, particularmente no que tange às mulheres negras e às indígenas. Isso pode ser explicitado, por exemplo, nos itens que formam as coleções museológicas, onde em um museu histórico, como o Museu Julio de Castilhos, sempre foi preponderante os acervos relativos aos homens, no caso políticos e/ou militares, em detrimento de objetos associados às mulheres, sendo ainda menor os itens relacionados às mulheres negras.

A respeito disso, o texto curatorial apresenta uma descrição do trabalho das lavadeiras em Porto Alegre, destacando a natureza física e repetitiva das suas tarefas. No entanto, o uso do termo “trabalho braçal” é problemático, pois carrega consigo uma

carga de colonialidade que desvaloriza o esforço e a habilidade envolvidas no trabalho das lavadeiras. O uso do termo “trabalho braçal” no contexto descrito remete à colonialidade ao implicar que esse tipo de trabalho é inferior, mecânico e desprovido de complexidade ou valor intelectual. Essa visão está enraizada na história colonial, onde o trabalho físico, especialmente o realizado por pessoas negras e indígenas, era considerado menos valioso e digno de respeito em comparação ao trabalho intelectual ou administrativo. Ao descrever o trabalho das lavadeiras como “totalmente braçal”, o texto reforça essa hierarquia colonial, desconsiderando a habilidade, a resistência e a organização necessárias para realizar essas tarefas de maneira eficaz.

Consideramos que a divisão entre “Mulheres da Elite” e “As Lavadeiras” nos espaços expositivos revela uma segregação social e econômica clara, que reflete a estrutura de classes da sociedade. Essa divisão sugere que enquanto as mulheres da elite desfrutavam de privilégios e status social elevado, as lavadeiras, muitas vezes mulheres negras, realizavam trabalhos físicos extenuantes para sustentar suas famílias. Esta segregação na narrativa curatorial contribui para a perpetuação de estereótipos e a invisibilização das contribuições das mulheres negras para a economia e a sociedade. Enquanto o texto reconhece os laços de amizade e solidariedade entre as lavadeiras e sua autonomia social, ele ainda as coloca em uma posição de inferioridade em relação às mulheres da elite.

O trabalho das lavadeiras não era apenas físico, mas envolvia uma série de habilidades e conhecimentos específicos sobre técnicas de lavagem, uso de materiais e gestão do tempo. A descrição do processo de lavagem, incluindo o ensaboar, bater na pedra, quarar e passar, demonstra uma sequência de etapas que requerem precisão e destreza. Além disso, as lavadeiras mantinham redes sociais e de apoio que eram vitais para sua sobrevivência e resistência contra o preconceito e as dificuldades econômicas.

A narrativa curatorial poderia ser enriquecida ao reconhecer a dignidade e a complexidade do trabalho das lavadeiras, evitando termos que perpetuam a colonialidade e a desvalorização do trabalho físico. Em vez de uma divisão rígida entre “Mulheres da Elite” e “As Lavadeiras”, seria benéfico explorar como essas duas realidades interagiam e se influenciavam mutuamente, destacando as contribuições valiosas de todas as mulheres para a sociedade de Porto Alegre. Ao fazer isso, o Museu pode oferecer uma visão mais inclusiva da história, que reconheça plenamente a humanidade e a importância de todas as suas protagonistas.

A investigação sublinha a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e interseccional na curadoria museológica, que reconheça a multiplicidade das experiências das mulheres e desafie as narrativas hegemônicas. Neste sentido, observou-se que, embora tenham sido realizadas exposições com a temática das mulheres, estas narrativas muitas vezes permaneceram marginalizadas dentro da historiografia oficial, ressaltando a necessidade de um olhar mais crítico e inclusivo sobre as narrativas construídas ao longo do tempo. Este estudo, portanto, contribui para uma compreensão mais ampla das dinâmicas de representatividade no espaço museal, particularmente em relação às mulheres no Museu Julio de Castilhos.

Ao enfatizar a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e interseccional no reconhecimento das lutas das mulheres, este trabalho ressalta a brevidade de visitar e reavaliar as narrativas históricas convencionais. Logo, a pesquisa destacou a importância fundamental de promover espaços que permitam a todas as mulheres, de todas as origens e condições, a oportunidade de serem vistas, ouvidas e lembradas, garantindo que suas histórias sejam parte integrante e inalienável das tramas que tecem a cultura e a história de nosso país.

Nesse sentido, lembramos o painel de abertura da exposição “Narrativas do Feminino”, ao utilizar uma imagem estereotipada da mulher, que reflete um padrão de corpo e figurino estabelecido como normativo. Essa escolha visual reforça estereótipos e limita a diversidade de representação das mulheres. A figura no painel simboliza um padrão específico de corpo e vestimenta, perpetuando a ideia de um único tipo de corpo feminino aceitável ou ideal. Isso exclui a diversidade corporal existente, ignorando mulheres gordas, mulheres com deficiência e outras variações corporais.

A escolha de uma figura estereotipada não reflete a diversidade das experiências das mulheres. Uma representação mais inclusiva deveria considerar múltiplas formas de existência, rompendo com o padrão único de beleza e comportamento. Visitantes da exposição podem sentir-se excluídas ou não representadas ao não verem suas próprias realidades e corpos refletidos na exposição. Isso pode reforçar sentimentos de inadequação e invisibilidade entre aquelas que não se enquadram no estereótipo apresentado.

Ao utilizar uma figura estereotipada, a exposição corre o risco de perpetuar visões limitadas e simplistas sobre a mulher. Estereótipos podem influenciar negativamente a percepção pública e individual sobre o que significa ser mulher. Para

promover diversidade e inclusão, as exposições necessitam apresentar uma ampla gama de narrativas. Isso inclui corpos de diferentes tamanhos, formas, capacidades e estilos. Adotar uma abordagem interseccional que reconheça e valorize a multiplicidade das identidades contribui para uma sociedade equitativa e inclusiva.

No contexto brasileiro e gaúcho, apresentamos uma visão ampliada da importância das mulheres no desenvolvimento da história e da cultura. Por meio das exposições “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX” e “Narrativas do Feminino”, identificamos e exploramos histórias frequentemente negligenciadas, reafirmando o papel fundamental das mulheres na formação da sociedade. As exposições estudadas, ao trazerem à tona as lutas, os desafios e as conquistas dessas mulheres, apresentaram não apenas a resistência e a resiliência dessas figuras históricas, mas destacaram o papel transformador do feminismo na reconfiguração das narrativas históricas.

Destaca-se, sobretudo, a visibilidade dada às mulheres que sofreram exclusão social e/ou econômica ao longo da história, desafiando a omissão e o silenciamento a que frequentemente foram submetidos. Assim, constatou-se que, por meio das exposições “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX” e “Narrativas do Feminino”, o MJC trouxe à luz histórias de mulheres que foram marginalizadas pela historiografia oficial, afrontando narrativas normativas que restringiam as mulheres a papéis secundários na sociedade. Essas exposições revelaram a complexidade dessas experiências, destacando suas contribuições em diversos campos como, por exemplo, o humanitário, o político, a educação e os meios associativos.

Entendemos que a inclusão dessas narrativas no MJC expressa um esforço da Instituição em abordar lacunas históricas e promover uma compreensão mais inclusiva e diversificada do passado. Esse movimento vai ao encontro das demandas contemporâneas por museus que não somente conservem patrimônio, mas atuem como espaços de diálogo, reflexão e inclusão social. O Museu Julio de Castilhos, através de suas exposições, demonstra um compromisso com a desconstrução de narrativas patriarcais e a promoção de um diálogo mais profundo e inclusivo. A pesquisa ressalta o papel dos museus como espaços educativos e de sensibilização, que têm o potencial de influenciar as percepções sociais e promover o diálogo sobre questões importantes como a igualdade de gênero. Portanto, recomenda-se uma abordagem mais proativa e estratégica na inclusão de narrativas das mulheres, que

considere o desenvolvimento de exposições temáticas, programas educacionais e parcerias com organizações feministas. No sentido de proatividade, destacamos a importância que o Museu construa uma memória das suas exposições, visando oportunizar pesquisas posteriores. A pesquisa evidenciou que a exposição “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX” possui em relatório bastante sucinto. Já a exposição “Narrativas do Feminino” não possui relatório.

Ademais, examinamos que a aprovação do Plano Museológico do MJC para o período de 2021 a 2026, como mencionado, reflete um compromisso institucional com o planejamento estratégico e a responsabilidade social, sugerindo incluir a ampliação das narrativas de gênero dentro do Museu. Em outras palavras, os objetivos estabelecidos à instituição, a partir de seu Plano Museológico, demarca um novo momento na trajetória do MJC, reiterando o compromisso da Instituição com a inclusão, a diversidade e a representatividade. Esse plano estratégico direciona as futuras ações e atividades do Museu, propondo uma maior interação com a comunidade. As exposições analisadas nessa dissertação são exemplos concretos desse novo direcionamento proposto no Plano Museológico do MJC.

Em suma, as ações e exposições do MJC no período de 2011 a 2022 demonstraram um esforço significativo em destacar as histórias das mulheres, contribuindo para uma narrativa museológica mais inclusiva e representativa. Este esforço não só atende aos objetivos específicos delineados nesta pesquisa, bem como posiciona o MJC como uma instituição museológica que pode desempenhar um papel ativo na promoção da diversidade e na luta contra a invisibilidade histórica das mulheres. Esta pesquisa evidenciou o papel do Museu Julio de Castilhos na redefinição das narrativas históricas relativas às mulheres. As exposições analisadas contribuíram para uma maior visibilidade e reconhecimento das mulheres na história gaúcha, ao propiciar uma plataforma para questionar e repensar os paradigmas historiográficos e museológicos. O MJC demonstrou ser um espaço de aprendizado, reflexão e, sobretudo, de celebração da diversidade e da complexidade das experiências das mulheres.

Com efeito, reconhecemos que a jornada em direção à representatividade e igualdade de gênero no contexto museológico é contínua. Este estudo contribui para o campo da Museologia ao lançar luz sobre a necessidade de revisão crítica e expansão das narrativas das mulheres nos museus. Nessa perspectiva, apoia-se o Museu Julio de Castilhos a continuar seus esforços para dar ouvidos às mulheres nas

exposições, contribuindo assim para uma sociedade mais justa e igualitária. Este trabalho, portanto, não marca uma conclusão, mas sim um ponto de partida para futuras pesquisas e iniciativas que busquem aprofundar e diversificar a presentificação das mulheres no âmbito museológico e cultural.

Mencionamos que este estudo foi limitado às exposições disponíveis no período entre 2011 e 2022, o que pode não capturar totalmente as dinâmicas do Museu em relação à presentificação das mulheres. Além disso, o foco estava restrito ao contexto do Rio Grande do Sul, o que pode limitar a generalização dos resultados para outros contextos regionais ou nacionais. Futuras pesquisas poderiam explorar a representatividade de mulheres em outros museus brasileiros para uma comparação abrangente ou examinar períodos anteriores para entender melhor a mudança das práticas curatoriais em relação ao gênero. Estudos longitudinais poderiam oferecer percepções sobre o impacto das mudanças implementadas pelos museus na percepção pública sobre as mulheres. Verifica-se a importância de continuar a pesquisa e o diálogo sobre a representatividade das mulheres nos museus. Enquanto progressos significativos foram feitos, ainda há muito trabalho a ser realizado para assegurar que todas as vozes sejam ouvidas e valorizadas igualmente.

Por fim, consideramos que esta pesquisa cumpre uma função dupla: contribui academicamente para os estudos de gênero e Museologia e oferece perspectivas práticas para museus em busca de maior inclusão e diversidade em suas exposições. Reconhecemos que, embora progressos significativos tenham sido feitos sobre a presentificação das mulheres no Museu, o itinerário continua, de forma que sejam realizados esforços para dar ouvidos às mulheres e integrar suas experiências no tecido cultural e histórico do Brasil. Espera-se que as descobertas e reflexões apresentadas possam apoiar museus e instituições culturais a avançarem em direção à presentificação mais justa e abrangente das mulheres e de todos os segmentos historicamente subvalorizados.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. **A Fabricação do Imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco: Lapa, 1996.

ATIENZA, María Bolaños. Las mujeres en los museos: entre museólogas y coleccionistas. **Patrimonio en femenino**. Madrid: Ministerio de la Cultura, p. 36-47, 2011.

BELLAIGUE, Mathilde. Memória, Espaço, Tempo, Poder. **Revista Museologia e Patrimônio**, v. 2, n. 2, p. 87-90, jul./out. 2009.

BERTOTTO, Márcia Regina. **Entre o Paralelo 20 e o 30 – Analisando e Propondo Políticas Públicas Para Museus no Sul do Brasil**. Tese (Doutorado em Museologia) - Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa, p. 258. 2013. Disponível em: <https://recil.grupolusofona.pt/bitstream/10437/4980/1/Tese%20M%C3%A1rcia%20Bertotto.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2024.

BIRULÉS, Fina. Entrevista con Judith Butler: “El género es extramoral”. **Metrópolis, Revista de información y pensamiento urbanos**, jun.-set. 2008. Disponível em: <http://www.barcelonametropolis.cat/es/page.asp?id=21&ui=7#>. Acesso em: 21 jan. 2024.

BITTENCOURT JÚNIOR, Iosvaldyr Carvalho. As representações do negro nos museus do Rio Grande do Sul são marcadas pela invisibilidade simbólica: do “resgate” afro-brasileiro às pesquisas histórico-antropológicas a às visibilidades negras na museologia. In: MATTOS, Jane Rocha de. **Museus e Africanidades**. Porto Alegre: EDIJUC, 2013, p. 13-53.

BRASIL. **Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009**. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências.

BULHÕES, Girlene Chagas. As louças de vovó, o prato do garimpeiro, a altura dos olhos e nuvens; abelhas, formigas, seleção e seletividade; patrimônio, fratrimônio, a casa da princesa do Seu Tição e o Museu do Djhair; a cabeça da medusa, árvores, rizomas, afetos, afetividades e bem viver; coleções, acervos, musgo e outras performances museais. **Revista Eletrônica Ventilando Acervos**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 7-54, dez. 2016. Disponível em: <https://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/06/04Artigo1.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2024.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018a.

_____. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Tradução Fernanda Siqueira Miguens; revisão técnica Carla Rodrigues. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018b.

CAETANO, Ivone Ferreira. O Feminismo Brasileiro: Uma Análise a Partir das Três Ondas do Movimento Feminista e a Perspectiva da Interseccionalidade. **Revista do Curso de Especialização em Gênero e Direito**, n. 1, 2017. Disponível em: http://www.emerj.tjrj.jus.br/revistas/genero_e_direito/edicoes/1_2017/revista_12017_sumario.html. Acesso em: 18 jan. 2024.

CAMPOS, Deivison Moacir Cezar de. **O grupo Palmares (1971-1978):** um movimento negro de subversão e resistência pela construção de um novo espaço social e simbólico. Dissertação (Mestrado em História). Porto Alegre: UFRGS, 2006.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e artefato:** o sistema doméstico na perspectiva da cultura material. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP, 2008.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações.** Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

_____. **A Beira da Falésia:** a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural:** cultura e imaginário. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 1997. 384p.

COSTA, Ana Alice Alcantara. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. **Revista Gênero**, Niterói, v. 5, n. 2, p. 1-20, 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31137>. Acesso em: 21 jan. 2024.

COUTO, Dóris Rosangela Freitas do. Museu Julio de Castilhos reabre ao público com mostra inédita. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/arteaagenda/museu-julio-de-castilhos-reabre-ao-p%C3%BAblico-com-mostra-in%C3%A9dita-1.523371>. Acesso em: 21 jan. 2024.

_____. Museu expõe vestido de casamento e encontra noiva que o usou há 70 anos em Porto Alegre: “Parece que vesti ele ontem”. [Entrevista concedida a] Tiago Boff. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://diariogaucho.clicrbs.com.br/dia-a-dia/noticia/2021/09/museu-expoe-vestido-de-casamento-e-encontra-noiva-que-o-usou-ha-70-anos-em-porto-alegre-parece-que-vesti-ele-ontem-20646173.html>. Acesso em: 21 jan. 2024.

_____. As Honorinas. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/cadernodesabado/as-honorinas-1.1007885>. Acesso em: 21 jan. 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: a Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **University of Chicago Legal Forum**. v. 1989, n. 1, p.139-167, 1989.

ESCOBAR, Giane Vargas. **Clubes sociais negros:** lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em

Patrimônio Cultural) - Centro de Ciências Sociais e Humanas. Santa Maria: UFSM, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/10961>. Acesso em: 21 jan. 2024.

ESCOBAR, Giane Vargas; MORAES; Ana Luiza Coiro. Rodas de lembranças do Museu Comunitário Treze de Maio: Comunicação, educação e identidade de mulheres negras. In: MATTOS, Jane Rocha de (Org.). **Museus e Africanidades**. 1 ed. Porto Alegre: Edições Museu Julio de Castilhos, 2013, 184 p.

ESCOBAR, Giane Vargas. “**Para encher os olhos**”: identidades e representações culturais das rainhas e princesas do Clube Treze de Maio de Santa Maria no Jornal A Razão (1960-1980). 2017. 383 f. Tese (Doutorado em Comunicação), Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/11634>. Acesso em: 22 jan. 2024.

FERREIRA, Gabriela Gonçalves da Rosa. **Economia da cultura e museus: percepções no Museu Júlio de Castilhos (2019-2021)**. 2021. 129 f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

FONTANARI, Lilian Santos da Silva. Refrescando memórias: uma coleção de leques do Museu Júlio de Castilhos, Porto Alegre, RS. **Revista Eletrônica Ventilando Acervos**, v. 3, n. 1, p. 117-127, nov. 2015.

_____. **Memórias silenciosas**: (in) visibilidade e saberes femininos no Museu Recanto do Balseiro, Itá, Santa Catarina. 2020. 112 f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo de; PERUCELLI, Tatiane. Cultura e identidade: compreendendo o processo de construção/desconstrução do conceito de identidade cultural. **Cadernos de estudos culturais**, Campo Grande, MS, v. 2, p. 111-133, jul./dez. 2019.

GOMES, Arilson dos Santos. O Primeiro Congresso Nacional do Negro e a sua importância para a integração social dos negros brasileiros e a ascensão material da Sociedade Floresta Aurora. **Revista Brasileira De História & Ciências Sociais** 1. 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10349/6696>. Acesso em: 22 jan. 2024.

_____. Por uma história decolonial: a atuação das populações afrodescendentes em ambientes socioculturais de Porto Alegre (1872-1971). **Intellectus**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 112-38, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/intellectus.2021.56821>. Acesso em 22 jan. 2024.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

GOMES, Roberta Fraga Machado. **A mão que batalha, a mão que toca o tambor**:

a Espada Africana e a interpretação do patrimônio negro africano musealizado, Museu Julio de Castilhos, Porto Alegre, RS, Brasil. 2014. 96 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/111882>. Acesso em: 18 jan. 2024.

GUIMARÃES, Selva; SILVA, Marcos Antonio da. **Ensinar História no século XXI: em busca do tempo entendido**. 4ª edição. 3. ed. Campinas SP: Papyrus, 2014.

GUIMARÃES, Valéria dos Santos. Entrevista com Roger Chartier - Representações das práticas, práticas da representação. **História (São Paulo)**, v. 40, p. e2021065, 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HENNING, Carlos Eduardo. **Interseccionalidade e pensamento feminista: As contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença**. Mediações, Londrina, v. 20, n. 2, jul./dez. 2015.

HERNÁNDEZ, Francisca Hernández. Los museos y el patrimonio en una sociedad líquida. In: MAGALHÃES, Fernando; COSTA, Luciana Ferreira da; HERNÁNDEZ, Francisca Hernández; CURCINO, Alan (orgs.). **Museologia e Patrimônio**. v.1, Portugal: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais - Politécnico de Leiria, 2020. p. 10-56.

HOOKS, bell. **Ensinando a Transgredir: a Educação como Prática da Liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

_____. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

JORNAL A FEDERAÇÃO: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=388653&pagfis=12712>. Acesso em: 22 jan. 2024.

LEWINSKI, Cinara Isolde Koch. *et al.* Educar com os indígenas: anotações sobre uma ação educativa no Museu Julio de Castilhos (Porto Alegre - RS). In: FRAGA, Hilda Jaqueline de, *et al.* (Orgs.). **Experimentações do patrimônio: práxis para uma educação dialógica**. Porto Alegre: Evangraf: ISCMPA, 2023, p. 359-371.

LODY, Raul. **O negro no museu brasileiro: construindo identidades**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild; Brasília: UnB, 1997.

MATTOS, Jane Rocha de. Mulheres e afrodescendentes: As trajetórias de Adelina e Isaura, no final do século XIX no Rio Grande do Sul. Resumo. In: **XXVIII Simpósio Nacional de História**. UFSC, Florianópolis, 2015.

MEDEIROS, Maria Ricken de; WITT, Nara Beatriz. Trilhando Investigações sobre o Quadro de Aurélio Virissimo de Bittencourt. In: MATTOS, Jane Rocha de (Org.). **Museus e Africanidades**. 1 ed. Porto Alegre: Edições Museu Julio de Castilhos, 2013, 184 p.

MELO, Roberta Madeira de. **Objetos de coleção, pesquisa e educação: representações sobre os povos indígenas no Museu Júlio de Castilhos (1901-1958)**. Dissertação de Mestrado (Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/202055>. Acesso em: 22 jan. 2024.

MELO, Roberta Madeira de; POSSAMAI, Zita Rosane. As Revistas do Museu Júlio de Castilhos e a exposição Memória e Resistência: reflexões sobre representações descolonizadas. **Museologia & Interdisciplinaridade**, [S. l.], v. 10, n. 19, p. 189–202, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/34656>. Acesso em: 21 jan. 2024.

MIRANDA FREITAS, Joseania; CATÃO CRUZ, Rosa. Mulheres negras e louças finas: três narrativas entre ocultamentos e visibilidades. **Museologia & Interdisciplinaridade**, [S. l.], v. 11, n. 22, p. 155–178, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/43430>. Acesso em: 15 jan. 2024.

MORATES, Lucas Antonio. **Testemunhas silenciosas: análise expográfica da Sala Farroupilha no Museu Julio de Castilhos**. 2012. 85 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/90430>. Acesso em: 26 jan. 2024.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. O Aurélio era preto: trabalho, associativismo e capital relacional na trajetória de um homem pardo no Brasil Imperial e Republicano. **Estudos Ibero-Americanos**, vol. 40, n.1, p. 85-127, 2014. DOI: 10.15448/1980-864X.2014.1.16504. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/16504>. Acesso em: 23 jan. 2024.

_____. Havemos de ser atendidos em nossos direitos, uma vez que servimos para votantes e soldados, não obstante a nossa cor: associativismo negro, direitos e cidadania (a Sociedade Beneficente Cultural Floresta Aurora, Porto Alegre, séc. XIX). **Revista Mundos do Trabalho**, v. 11. Florianópolis: 2019.

MOUTINHO, Laura. Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes. **Cadernos Pagu**, n. 42, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332014000100201&script>. Acesso em: 18 jan. 2024.

MULLER, Liane Susan. As contas do meu rosário são balas de artilharia. In: SILVA, Gilberto Ferreira da; SANTOS, José Antônio do Santos. **RS: negro - cartografias sobre a produção do conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

NEDEL, Letícia Borges. **Paisagens da Província: o regionalismo sul-riograndense e o Museu Julio de Castilhos nos anos cinqüenta**. Dissertação (Mestrado em História) PPG-História/UFRJ, 1999.

_____. Breviário de um museu mutante. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, n. 23, p. 87-112, jan./jun. 2005.

NUNES, Nara Machado. O Museu Julio de Castilhos e a construção da memória. In: AXT, Gunter. **Julio de Castilhos e o paradoxo republicano**. Porto Alegre: Nova Prova, 2005. p. 275-279.

OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert Ramos de; QUEIROZ, Marijara Souza. Museologia - Substantivo Feminino: Reflexões sobre Museologia e Gênero no Brasil. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**. n. 5, setembro 2017. p. 61-77.

OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert Ramos de. Colecionismo a partir da Perspectiva de Gênero. **Museologia & Interdisciplinaridade**, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 15-30, 2018.

OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert Ramos de; WICHERS, Camila Azevedo de Moraes; QUEIROZ, Marijara Souza. Interfaces críticas entre museologia, museus e gênero. In: ARAÚJO, B. M. *et al.* **Museologia e suas interfaces críticas: museu, sociedade e os patrimônios**. Recife: Editora UFPE, 2019. p. 96-110.

OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert Ramos de. O que é Museologia feminista? **Revista Museus, Memória e Museologia**, v 1, p. 10-17, 2020. Disponível em: <https://memoriaslgbt.com/2020/08/27/edicao12/>. Acesso em: 18 jan. 2024.

PANTOJA, Silvia Raquel de Souza. **Mulheres negras visualizadas e ignoradas: uma análise de narrativas expográficas no Museu de Arte de Belém (MABE)**. 2022. 137 f. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Faculdade de Ciência Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. **História das Mulheres no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

PEREIRA, Lúcia Regina Brito. **Cultura e afrodescendência: organizações negras e suas estratégias educacionais em Porto Alegre (1872-2002)**. Tese (Doutorado em História). Porto Alegre: PUCRS, 2008.

PERUSSATTO, Melina Kleinert. **Arautos da liberdade: educação, trabalho e cidadania no pós-abolição a partir do jornal O Exemplo de Porto Alegre (c.1892 - c.1911)**. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/183003>. Acesso em: 26 jan. 2024.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. Em busca de uma outra história: Imaginando o

Imaginário. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 15, n. 29, 1995.

_____. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. Cultura e representações, uma trajetória. **Anos 90**, [S. l.], v. 13, n. 23, p. 45-58, 2006a.

_____. Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do passado. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos** [on-line], Debates, Paris, postado on-line em 28 de janeiro de 2006b, consultado em 23 de janeiro de 2024.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, História e Poder. **Revista de Sociologia e Política**, [S.l.], v. 18, n. 36, jun. 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/31624>. Acesso em: 21 jan. 2024.

POSSAMAI, Zita Rosane. Lições de Coisas no museu: o método intuitivo e o Museu do Estado do Rio Grande do Sul. In: **VIII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**, 2010, São Luís. VIII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação - Infância, juventude e relações de gênero na História da Educação. São Luís: UFMA, 2010. p. 1-15.

_____. Museus e coleções em perspectiva histórica: as primeiras décadas do Museu Julio de Castilhos (1903-1940). **SIAM – Series de Investigación Iberoamericana em Museología**. Asensio, M., Lira, S., Asenjo, E. & Castro, E. (Eds). Año 3. Vol. 6. Historia de las Colecciones, Historia de los Museos. Universidad Autónoma de Madrid, 2012. p. 65-74. Disponível em: https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/11564/57369_6.pdf?sequence=1. Acesso em: 26 jan. 2024.

_____. Colecionar e educar: o Museu Julio de Castilhos e seus públicos (1903-1925). **Varia Historia**, v. 30, n. 53, p. 365–389, maio 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/xwSQHcyhd8RKMWtdQqXmTqJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 jan. 2024.

PRADO, Marla Michelle Nascimento Portela do. **Quais artistas visuais nos museus?** Representação e representatividade de artistas mulheres no MASP. 2022. 300 f. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio), UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2022.

QUADRADO, Iandora de Melo. **Um professor no museu: Emílio Kemp e as práticas educativas no Museu Julio de Castilhos (1939-1950)**. 2022. 167 f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/237989>. Acesso em: 23 jan. 2024.

RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz. Museu Julio de Castilhos: trajetória histórica e perfil (parcial) de um acervo. In: AXT, Gunter. **Julio de Castilhos e o paradoxo republicano**. Porto Alegre: Nova Prova, 2005. p. 265-273.

RECHENA, Aida Maria Dionísio. **Sociomuseologia e Gênero: imagens da mulher**

em exposições de museus portugueses. Tese (Doutoramento em Museologia) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2011.

REICHMANN, Rebecca. Mulher Negra Brasileira um retrato. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 2, jan. 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16468>. Acesso em: 18 jan. 2024.

RIO GRANDE DO SUL. **Decreto-lei nº 589, de 30 de janeiro de 1903**. Cria um Museu Estadual.

_____. **Lei nº 7.231, de 18 de dezembro de 1978**. Dispõe sobre o patrimônio cultural do Estado.

_____. Museu do Estado. **Relatório da Exposição de curta duração “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX”**, 2014, 3 fls.

_____. **Plano Museológico do Museu Julio de Castilhos**, 2021, 12 fls.

_____. Museu do Estado. **Museu Julio de Castilhos**, 2021. Disponível em: www.museujuliodecastilhos.rs.gov.br. Acesso em: 20 jan. 2024.

_____. **Museu Julio recebe doação de acervo da Mestra Griô Sirley Amaro**, 2022. Disponível em: <https://cultura.rs.gov.br/museu-julio-recebe-doacao-de-acervo-da-mestra-grio-sirley-amaro#:~:text=Com%20a%20expectativa%20de%20ampliar,antigas%2C%20documentos%20e%20objetos%20pessoais>. Acesso em: 23 jan. 2024.

_____. **Narrativas do feminino**, 2023. Disponível em: <https://museujulio.wixsite.com/narrativas dofeminino>. Acesso em: 21 jan. 2024.

_____. **Os 120 anos do Museu Julio de Castilhos atraem grande público e convidam a conhecer o passado**, 2023. Disponível em: <https://cultura.rs.gov.br/os-120-anos-do-museu-julio-de-castilhos-atraem-grande-publico-e-convidam-a-conhecer-o-passado>. Acesso em: 23 jan. 2024.

_____. **Decreto nº 57.409, de 28 de dezembro de 2023**. Altera o Decreto nº 1.140, de 19 de julho de 1907, que dá ao Museu do Estado a denominação de “Julio de Castilhos” e aprova o respectivo regulamento.

_____. **Anita Garibaldi**, s.d. Disponível em: https://acervos.museujulio.rs.gov.br/colecao-iconografica/anita-garibaldi/?order=DESC&orderby=meta_value&metakey=42&perpage=12&taxquery%5B0%5D%5Btaxonomy%5D=tnc_tax_11439&taxquery%5B0%5D%5Bterms%5D%5B0%5D=518&taxquery%5B0%5D%5Bcompare%5D=IN&pos=1&source_list=collectio n&ref=%2Fcolecao-iconografica%2F. Acesso em: 21 jan. 2024.

_____. **Nossa História**, s.d. Disponível em: <https://cultura.rs.gov.br/nossa-historia>. Acesso em: 20 jan. 2024.

ROCHA, Gilmar. A imaginação e a cultura. **Teoria & Cultura**, Juiz de Fora, v. 11, n.

2, p. 167-187, 2016.

RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. **A institucionalização da formação superior em história: o curso de Geografia e História da UPA/URGS – 1943 a 1950.** 2002. 222 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SANTOS, Deborah Silva. **Museologia e Africanidades: Experiências museológicas de mulheres negras em museus afro-brasileiros.** Tese. Museologia. Lisboa, ULHT, 2021. Disponível em: <https://recil.ensinolusofona.pt/bitstream/10437/11990/1/tese%20final%20com%20j%C3%BAri%20Deborah%20Santos.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2024.

_____. Apontamentos sobre narrativas nos Museus Afro-brasileiros. **Revista Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 11, p. 94-116, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/44697/34967>. Acesso em: 10 jan. 2024.

SANTOS, Josue Leite dos. **Silêncio e naturalização na construção das masculinidades na Educação básica.** 2013. 181 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/13263>. Acesso em: 18 jan. 2024.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Encontros Museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu.** Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/DEMU, 2008.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Museu Imperial: A construção do Império pela República. In: ABREU, Regina. CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos.** Rio de Janeiro: Lamparina, p. 115-135, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 14ª ed. 2016.

SILVA, Ana Celina Figueira da. **O museu e a consagração da memória de Julio de Castilhos (1903-1925).** 2011. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/40081>. Acesso em: 10 jan. 2024.

_____. **Investigações e evocações do passado: o Departamento de História Nacional do Museu Julio de Castilhos (Porto Alegre, RS, 1925-1939).** 2018. 332 f. Tese (Doutorado em História), Instituto Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/180928>. Acesso em: 10 jan. 2024.

SILVA, Fernanda Oliveira da. **As lutas políticas nos clubes negros. Culturas negras, racialização e cidadania na Fronteira Brasil-Uruguaio no pós-abolição (1870-1960).** Tese (Doutorado em História). Porto Alegre: UFRGS, 2017.

SILVA, Joana Angélica Flores. **A Representação das Mulheres Negras nos Museus de Salvador: uma análise em branco e preto**. 113 f. 2015. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Museologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. “Vamos acertar os passos? Referências afro-brasileiras para os sistemas de ensino”. In: LIMA, Ivan C. e ROMÃO, Jeruse (org.). **As ideias racistas, os negros e a educação**. Florianópolis, Núcleo de Estudos Negros, 1997.

SILVEIRA, Andréa Reis da. **O Museu Julio de Castilhos no Período 1960-1980: acervos, discursos, representações e práticas através de uma exposição museológica**. 2011. 197 f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/10986>. Acesso em: 18 jan. 2024.

_____. Interfaces entre o Museu, o ensino da História, a História das Mulheres e a História do Tempo Presente. In: **III Seminário Internacional História do Tempo Presente**, 2017, UDESC, Florianópolis. Anais Seminário Internacional História do Tempo Presente, 2017.

_____. A Constituição de Representações das Histórias das mulheres na musealização do Museu Julio de Castilhos (1995-1998): a agência das intelectuais mediadoras. **CLIO: Revista pesquisa histórica**, v. 37, p. 412-430, 2019.

_____. **História das mulheres no Museu Julio de Castilhos (POA, RS): presenças e ausências nos objetos documentados (1995-2010)**. 2020. Tese (Doutorado em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/4549/Andrea_Reis_da_Silveira_Fi_nal_16139921406032_4549.pdf. Acesso em: 18 jan. 2024.

SOARES, Bruno César Brulon. Museus, mulheres e gênero: olhares sobre o passado para possibilidades do presente. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 55, p. e195515, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8656393>. Acesso em: 18 jan. 2024.

SOUZA, Vanessa Becker. **Museu Júlio de Castilhos 111 anos de história em arquivos**. Porto Alegre: EDIJUC/IHGRGS, 2014.

TOLENTINO, Átila Bezerra. O que não é educação patrimonial: cinco falácias sobre seu conceito e sua prática. In: TOLENTINO, Átila Bezerra; BRAGA, Emanuel Oliveira (org.). **Educação patrimonial: políticas, relações de poder e ações afirmativas** (Caderno Temático; 5). João Pessoa: IPHAN-PB; Casa do Patrimônio da Paraíba, 2016.

VELOSO, Ana Maria da Conceição. **Gênero, poder e resistência: as mulheres nas indústrias culturais em 11 países**. 341f. Tese. Programa de Pós-Graduação em

Comunicação, Recife: UFPE, 2013.

VIEIRA, Daniele Machado. **Territórios negros em Porto Alegre/RS (1800-1970):** geografia histórica da presença negra no espaço urbano. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências. Porto Alegre: UFRGS, 2017.

WICHERS, Camila Azevedo de Moraes. Museologia, feminismos e suas ondas de renovação. **Museologia & Interdisciplinaridade**, vol. 7, n. 13, p. 138-153, Jan./Jun., 2018.

WICHERS, Camila Azevedo de Moraes. *et al.* Entre nós: leituras e olhares feministas sobre a representação das mulheres em narrativas arqueológicas e visuais. **Revista Arqueologia Pública**, Campinas, SP, v. 16, n. 1, p. 205-228, 2021. DOI: 10.20396/rap.v16i1.8663912. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8663912>. Acesso em: 10 jan. 2024.

ZUBARAN. Maria Angélica. A invenção branca da liberdade negra: Memória social da abolição em Porto Alegre. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, [S. l.], v. 6, n. 3, p. 1–16, 2009. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/192>. Acesso em: 12 jan. 2024.

**APÊNDICE A – Quadro de objetos do acervo do Museu Julio de Castilhos –
Exposição “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX”**

Exposição “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX”	
Coleção	Iconografia
Objeto e Identificação	Fotografia Representação negra feminina Inventário: Ic 0263
Data de Aquisição	Sem informação
Forma de Aquisição	Sem informação
Procedência	Sem informação
Pertenceu a	Sem informação
Histórico	Sem informação
Observações	Primeira década do século XX. Fotógrafo desconhecido. Acervo do Museu Julio de Castilhos. Objeto não tombado. Sem informações dos itens elencados acima. Não há identificação da mulher retratada
Objeto e Identificação	Fotografia Representação negra feminina Inventário: Ic 0300
Data de Aquisição	Sem informação
Forma de Aquisição	Sem informação
Procedência	Sem informação
Pertenceu a	Sem informação
Histórico	Sem informação
Observações	Último quartel do século XIX. Fotógrafo: L. Terragno - Fotógrafo da Casa Imperial. Acervo do Museu Julio de Castilhos. Objeto não tombado. Sem informações dos itens elencados acima. Não há identificação da mulher retratada

Objeto e Identificação	Fotografia Representação negra feminina Inventário: Ic 0297
Data de Aquisição	Sem informação
Forma de Aquisição	Sem informação
Procedência	Sem informação
Pertenceu a	Sem informação
Histórico	Sem informação
Observações	Último quartel do século XIX. Fotógrafo: Atelier Barbeitos. Acervo do Museu Julio de Castilhos. Objeto não tombado. Sem informações dos itens elencados acima. Não há identificação da mulher retratada
Coleção	Indumentária
Objeto e Identificação	Leque verde com espelho número de tombo: 702. Número de inventário: 17
Data de Aquisição	1948
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	General Jonathas Borges Fortes
Pertenceu a	Dona Matilde Levis de Oliveira
Histórico	Leque usado em meados do século XIX
Observações	Acervo do Museu Julio de Castilhos
Objeto e Identificação	Leque preto número de tombo: 1048. Número de inventário: 5
Data de Aquisição	1946
Forma de Aquisição	Doação

Procedência	Ildefonso da Silva Dias (irmão de Isaura)
Pertenceu a	Isaura Dias de Bittencourt
Histórico	Sem informação
Observações	Uma coleção de leques pertencentes a Isaura foram doados em 1946 pelo seu irmão, o engenheiro Ildefonso da Silva Dias. Acervo do Museu Julio de Castilhos

**APÊNDICE B – Quadro de objetos do acervo do Museu Julio de Castilhos –
Exposição “Narrativas do Feminino”**

Exposição “Narrativas do Feminino” – Nicho expositivo “As Lavadeiras”	
Coleção	Utensílios Domésticos
Objeto e Identificação	Fronha branca 1128/113 UD
Data de Aquisição	Sem informação
Forma de Aquisição	Sem informação
Procedência	Sem informação
Pertenceu a	Sem informação
Histórico	Sem informação
Observações	Material: cambraia e renda. Acervo do Museu Julio de Castilhos
Objeto e Identificação	Ferro de passar roupa – ferro de engomar 1553/29 UD
Data de Aquisição	1966
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Colégio Anchieta
Pertenceu a	Colégio Anchieta
Histórico	Usado no Colégio Anchieta. Higienização realizada em julho de 2022
Observações	Ferro com fornalha para queimar carvão. Acervo do Museu Julio de Castilhos
Objeto e Identificação	Ferro de passar roupa – Ferro a cunha 3139/17 UD
Data de	Sem informação

Aquisição	
Forma de Aquisição	Compra
Procedência	Irmãos Barbedo
Pertenceu a	Sem informação
Histórico	Higienização realizada em julho de 2022
Observações	Acervo do Museu Julio de Castilhos
Objeto e Identificação	Ferro a carvão 10198/223 UD
Data de Aquisição	1998
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Lais Cecy Geremia
Pertenceu a	Lais Cecy Geremia
Histórico	Higienização realizada em julho de 2022
Observações	Acervo do Museu Julio de Castilhos
Exposição “Narrativas do Feminino” – Nicho expositivo “Mulheres da Elite”	
Coleção	Indumentária
Objeto e Identificação	Leque 460/16 Id
Data de Aquisição	1952
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Sem informação
Pertenceu a	Maria Isabel de Castro Souza Pinto
Histórico	Maria Isabel era esposa de João F. de Souza Pinto, oficial de Gabinete no período Imperial, e que residiu na quinta de sua propriedade que serviu de quartel Farroupilha. Restaurado em 1997
Observações	Acervo do Museu Julio de Castilhos

Objeto e Identificação	Vestido de festa 1162/193 Id
Data de Aquisição	Sem informação
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Sem informação
Pertenceu a	Ana Rieth Pinto
Histórico	Usado no Rio de Janeiro em 1922
Observações	Acervo do Museu Julio de Castilhos
Objeto e Identificação	Bolsa feminina pequena 7990/668 Id
Data de Aquisição	Sem informação
Forma de Aquisição	Sem informação
Procedência	Sem informação
Pertenceu a	Sem informação
Histórico	Sem informação
Observações	Acervo do Museu Julio de Castilhos
Objeto e Identificação	Leque 8927/684 Id
Data de Aquisição	1988
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Neusa Cecilia Todeschini
Pertenceu a	Sem informação
Histórico	Leque artesanal produzido em 1957 por indígenas do Alto Solimões
Observações	Acervo do Museu Julio de Castilhos

Objeto e Identificação	Camisola 10467/817 Id
Data de Aquisição	Sem informação
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Lais Cecy Geremia
Pertenceu a	Leda Estima
Histórico	Sem informação
Observações	Acervo do Museu Julio de Castilhos
Objeto e Identificação	Chapéu feminino 10693/949 Id
Data de Aquisição	2002
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Cecilia Ribeiro
Pertenceu a	Áurea Cavalcante
Histórico	Época: Década de 1940
Observações	Conjunto com Blusa (10694/950 Id) e Saia (10695/951 Id). Áurea era cunhada do pintor Vittorio Ghenro. Acervo do Museu Julio de Castilhos
Objeto e Identificação	Chapéu feminino 10810/1035 Id
Data de Aquisição	Sem informação
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Lya Dalva Aranda de Souza
Pertenceu a	Lya Dalva de Souza Poli

Histórico	Época: Década de 1940
Observações	Acervo do Museu Julio de Castilhos
Objeto e Identificação	Chambre (s/n)
Data de Aquisição	Sem informação
Forma de Aquisição	Sem informação
Procedência	Sem informação
Pertenceu a	Sem informação
Histórico	Sem informação
Observações	Acervo do Museu Julio de Castilhos
Objeto e Identificação	Par de luvas pretas de renda (s/n)
Data de Aquisição	Sem informação
Forma de Aquisição	Sem informação
Procedência	Sem informação
Pertenceu a	Sem informação
Histórico	Sem informação
Observações	Acervo do Museu Julio de Castilhos
Objeto e Identificação	Par de luvas cor bege (s/n)
Data de Aquisição	Sem informação
Forma de Aquisição	Sem informação
Procedência	Sem informação
Pertenceu a	Sem informação

Histórico	Sem informação
Observações	Acervo do Museu Julio de Castilhos
Coleção	Objetos de Uso Pessoal
Objeto e Identificação	Binóculo para teatro 4309/14 OP
Data de Aquisição	1978
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Carmen Wiltgen da Silva
Pertenceu a	Carmen Wiltgen da Silva
Histórico	Produzido na França
Observações	Acervo do Museu Julio de Castilhos
Objeto e Identificação	Caderneta de baile com lápis 10427/66 OP
Data de Aquisição	1999
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Enice Zazzeron Nunes
Pertenceu a	Maria Isabel Brasil Zazzeron
Histórico	Época: Década de 1870
Observações	Acervo do Museu Julio de Castilhos
Exposição “Narrativas do Feminino” – Nicho expositivo “Mulheres Intelectuais”	
Coleção	Objetos de Uso Pessoal
Objeto e Identificação	Caneta tinteiro 8931/48 OP
Data de Aquisição	1987
Forma de Aquisição	Doação

Aquisição	
Procedência	Diva Tomasi Ribeiro
Pertenceu a	Paulo de Souza Ribeiro
Histórico	Paulo foi Secretário da Beneficência Portuguesa, Presidente da Associação dos Empregados do Comércio de Porto Alegre, professor da Escola Mauá, primeiro Procurador da Irmandade de São Miguel e Almas
Observações	Acervo do Museu Julio de Castilhos
Objeto e Identificação	Cigarreira 10023/56 OP
Data de Aquisição	1997
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Leandro Silva Telles
Pertenceu a	José Loureiro da Silva
Histórico	A cigarreira estava de posse de Cecília Loureiro da Silva, falecida em 1954. Antes de falecer, Cecília a doou a Leandro
Observações	Acervo do Museu Julio de Castilhos
Coleção	Utensílios Domésticos
Objeto e Identificação	Berço para mata-borrão 329/37 UD
Data de Aquisição	1958
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Brigada Militar
Pertenceu a	Coronel Emilio Massot
Histórico	Pertenceu ao Gabinete do Comando Geral da Brigada Militar
Observações	Acompanha Tinteiro - Estatueta: semeadora (3140/18 UD). Acervo do Museu Julio de Castilhos

Objeto e Identificação	Tinteiro (Estatueta: semeadora) 3140/18 UD
Data de Aquisição	Sem informação
Forma de Aquisição	Sem informação
Procedência	Sem informação
Pertenceu a	Sem informação
Histórico	Sem informação
Observações	Acompanha Berço para mata-borrão (329/37 UD). Acervo do Museu Julio de Castilhos
Objeto e Identificação	Cálice para licor (vidro rosado) 3141/20 UD
Data de Aquisição	Sem informação
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Joaquim Carlos de Moraes
Pertenceu a	Sem informação
Histórico	Sem informação
Observações	Acervo do Museu Julio de Castilhos
Coleção	Máquinas
Objeto e Identificação	Máquina de escrever 117/2 Mq
Data de Aquisição	1944
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Ilda Lopes Terra
Pertenceu a	Sem informação

Histórico	Sem informação
Observações	Realizada higienização em 1996. Marca: Mignon – nº 74.827. Acervo do Museu Julio de Castilhos
Coleção	Vários
Objeto e Identificação	Marcador de páginas 5651/115 Vr
Data de Aquisição	1974
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Judith Totta Cramer
Pertenceu a	Doutor Mário Totta
Histórico	Época: 1942
Observações	Acervo do Museu Julio de Castilhos
Objeto e Identificação	Abridor de cartas 6429/174 Vr
Data de Aquisição	1980
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	José Parreira Ferreira da Silva (bisneto de Manoel)
Pertenceu a	Manoel Marques de Souza – Conde de Porto Alegre
Histórico	Sem informação
Observações	Acervo do Museu Julio de Castilhos
Coleção	Indumentária
Objeto e Identificação	Chapéu feminino 10780/1020 Id
Data de Aquisição	2003
Forma de Aquisição	Doação

Procedência	Maria Inês Pilla Villela
Pertenceu a	Família Comte Pilla
Histórico	Sem informação
Observações	Produzido na França. Em tecido cetim na cor rosa/vermelho. Acervo do Museu Julio de Castilhos
Objeto e Identificação	Livro manuscrito (s/n)
Data de Aquisição	Sem informação
Forma de Aquisição	Sem informação
Procedência	Sem informação
Pertenceu a	Sem informação
Histórico	Sem informação
Observações	Acervo do Museu Julio de Castilhos
Exposição “Narrativas do Feminino” – Nicho expositivo “Odila Gay da Fonseca”	
Coleção	Vários
Objeto e Identificação	Placa, cartão de prata 3228/36 Vr
Data de Aquisição	1975
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Fernando Gay da Fonseca (filho de Odila)
Pertenceu a	Odila Gay da Fonseca
Histórico	Cartão oferecido a Odila, por suas amigas, pela passagem do Centenário da Cruz Vermelha Internacional em 1963
Observações	Acervo do Museu Julio de Castilhos
Coleção	Indumentária
Objeto e	Gorro

Identificação	3238/261 Id
Data de Aquisição	1975
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Fernando Gay da Fonseca (filho de Odila)
Pertenceu a	Odila Gay da Fonseca
Histórico	Sem informação
Observações	Gorro do uniforme de Enfermeira. Acervo do Museu Julio de Castilhos
Objeto e Identificação	Braçal 3237/260 Id
Data de Aquisição	1975
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Fernando Gay da Fonseca (filho de Odila)
Pertenceu a	Odila Gay da Fonseca
Histórico	Sem informação
Observações	Braçal do uniforme de Enfermeira. Acervo do Museu Julio de Castilhos
Coleção	Medalhas
Objeto e Identificação	Medalha da Cruz de Guerra 3243/41 Md
Data de Aquisição	1975
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Fernando Gay da Fonseca (filho de Odila)
Pertenceu a	Odila Gay da Fonseca
Histórico	Condecoração em 1947

Observações	Acompanha Diploma (3195/155 Dc). Acervo do Museu Julio de Castilhos
Objeto e Identificação	Laço de Condecoração da Cruz Vermelha Alemã 3245/69 Md
Data de Aquisição	1975
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Fernando Gay da Fonseca (filho de Odila)
Pertenceu a	Odila Gay da Fonseca
Histórico	Sem informação
Observações	Acervo do Museu Julio de Castilhos
Objeto e Identificação	Cruz de Distinção da Cruz Vermelha Brasileira 3246/70 Md
Data de Aquisição	1975
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Fernando Gay da Fonseca (filho de Odila)
Pertenceu a	Odila Gay da Fonseca
Histórico	Sem informação
Observações	Acervo do Museu Julio de Castilhos
Objeto e Identificação	Cruz do Mérito da Cruz Vermelha Brasileira 3247/71 Md
Data de Aquisição	1975
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Fernando Gay da Fonseca (filho de Odila)
Pertenceu a	Odila Gay da Fonseca

Histórico	Sem informação
Observações	Acervo do Museu Julio de Castilhos
Objeto e Identificação	Cruz de Mérito da Cruz Vermelha Alemã – Insígnia 3256/74 Md
Data de Aquisição	1975
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Fernando Gay da Fonseca (filho de Odila)
Pertenceu a	Odila Gay da Fonseca
Histórico	Sem informação
Observações	Acompanha Diploma (3257/178 Dc) e Carta (3258/179 Dc). Acervo do Museu Julio de Castilhos
Coleção	Documentos
Objeto e Identificação	Diploma – Cruz de Distinção – Cruz Vermelha Brasileira 3190/150 Dc
Data de Aquisição	1975
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Fernando Gay da Fonseca (filho de Odila)
Pertenceu a	Odila Gay da Fonseca
Histórico	Concedido em 1952.
Observações	Acompanha Cruz de Distinção (3246/70 Md). Acervo do Museu Julio de Castilhos
Coleção	Iconografia
Objeto e Identificação	Pintura a óleo – Odila Gay da Fonseca 3284/383 Ic
Data de Aquisição	1975
Forma de Aquisição	Doação

Aquisição	
Procedência	Fernando Gay da Fonseca (filho de Odila)
Pertenceu a	Odila Gay da Fonseca
Histórico	Sem informação
Observações	Autoria de José Martorano, 1948. Acervo do Museu Julio de Castilhos
Exposição “Narrativas do Feminino” – Nicho expositivo “Onde estão as mulheres negras?”	
Coleção	Iconografia
Objeto e Identificação	Fotografia - Foto ambulante de P. Alegre – “Tia Forosa” (sem dados) 1373/333 Ic
Data de Aquisição	Sem informação
Forma de Aquisição	Sem informação
Procedência	Sem informação
Pertenceu a	Sem informação
Histórico	Segundo relato oral da sra. Senhorinha Menezes da Silva, Tia Forosa era uma ex-escrava que vivia na cidade. Era conhecida por seus poderes “sobre naturais”: dava “passes”, fazia benzeduras e receitava ervas para curar diversos males [sic].
Observações	Acervo do Museu Julio de Castilhos
Exposição “Narrativas do Feminino” – Nicho expositivo “Vestidas para casar”	
Coleção	Ainda sem catalogação, em processo de incorporação
Objeto e Identificação	Vestido de noiva em cetim italiano branco
Data de Aquisição	Sem informação
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Sem informação

Pertenceu a	Marlene Cauduro
Histórico	Sem informação
Observações	Desenhado pela estilista Selma Medeiros. Acompanha buquê. Acervo do Museu Julio de Castilhos. Objeto em fase de doação, não há registro de número tombo ou ficha catalográfica
Coleção	Ainda sem catalogação, em processo de incorporação
Objeto e Identificação	Vestido de noiva preto
Data de Aquisição	Sem informação
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Sem informação
Pertenceu a	Sem informação
Histórico	Sem informação
Observações	Desenhado pela estilista Solaine Piccoli. Acervo do Museu Julio de Castilhos. Objeto em fase de doação, não há registro de número tombo ou ficha catalográfica
Coleção	Ainda sem catalogação, em processo de incorporação
Objeto e Identificação	Vestido de noiva
Data de Aquisição	Sem informação
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Sem informação
Pertenceu a	Eva Alda Cavasotto
Histórico	Sem informação
Observações	Desenhado pelo estilista Roberto Raifone. Acompanha um par de luvas brancas, véu e fotografia retratando a noiva e seu vestido Acervo do Museu Julio de Castilhos. Objeto em fase de doação, não há registro de número tombo ou ficha catalográfica

Coleção	Ainda sem catalogação, em processo de incorporação
Objeto e Identificação	Conjunto de jarro e bacia de lavabo em porcelana de cor rosa
Data de Aquisição	Sem informação
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Lina Antonieta Zanini
Pertenceu a	Lina Antonieta Zanini
Histórico	Sem informação
Observações	Acervo do Museu Julio de Castilhos. Objeto em fase de doação, não há registro de número tombo ou ficha catalográfica
Exposição “Narrativas do Feminino” – Nicho expositivo “Costurando histórias de vida”	
Coleção	Ainda sem catalogação, em processo de incorporação
Objeto e Identificação	Vestido de noiva
Data de Aquisição	Sem informação
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Igreja São João
Pertenceu a	Lina Antonieta Zanini
Histórico	Sem informação
Observações	Produzido pela irmã da noiva. Acervo do Museu Julio de Castilhos. Objeto em fase de tombamento, não há registro de número tombo ou ficha catalográfica
Coleção	Ainda sem catalogação, em processo de incorporação
Objeto e Identificação	Fotografia – criança
Data de	Sem informação

Aquisição	
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Igreja São João
Pertenceu a	Lina Antonieta Zanini
Histórico	Sem informação
Observações	Imagem de Lina quando criança. Acervo do Museu Julio de Castilhos. Objeto em fase de tombamento, não há registro de número tomo ou ficha catalográfica
Coleção	Ainda sem catalogação, em processo de incorporação
Objeto e Identificação	Fotografia – adolescente
Data de Aquisição	Sem informação
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Igreja São João
Pertenceu a	Lina Antonieta Zanini
Histórico	Sem informação
Observações	Imagem de Lina quando adolescente. Acervo do Museu Julio de Castilhos. Objeto em fase de tombamento, não há registro de número tomo ou ficha catalográfica
Coleção	Ainda sem catalogação, em processo de incorporação
Objeto e Identificação	Fotografia – noiva
Data de Aquisição	Sem informação
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Igreja São João
Pertenceu a	Lina Antonieta Zanini
Histórico	Sem informação

Observações	Imagem de Lina vestida de noiva no dia de seu casamento. Acervo do Museu Julio de Castilhos. Objeto em fase de tombamento, não há registro de número tombo ou ficha catalográfica
Exposição “Narrativas do Feminino” – Nicho expositivo “Os almanaques e o comportamento feminino”	
Coleção	Ainda sem catalogação, em processo de incorporação
Objeto e Identificação	Caixa com acessórios de costura
Data de Aquisição	Sem informação
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Lina Antonieta Zanini
Pertenceu a	Lina Antonieta Zanini
Histórico	Sem informação
Observações	Acervo do Museu Julio de Castilhos. Objeto em fase de doação, não há registro de número tombo ou ficha catalográfica
Coleção	Ainda sem catalogação, em processo de incorporação
Objeto e Identificação	Diploma do Curso de Bordado e Pedraria
Data de Aquisição	Sem informação
Forma de Aquisição	Doação
Procedência	Lina Antonieta Zanini
Pertenceu a	Lina Antonieta Zanini
Histórico	Curso ofertado pelo Serviço Social da Indústria (SESI). Documento de 1967
Observações	Acompanha peças produzidas. Acervo do Museu Julio de Castilhos. Objeto em fase de doação, não há registro de número tombo ou ficha catalográfica

ANEXO A – Relatório da Exposição “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX”

Secretaria da Cultura do Estado do Rio Grande do Sul
Museu Julio de Castilhos/RS

Relatório da Exposição de curta duração “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX”

Curadoria de Camila Ribeiro da Silva

e

Jane Rocha de Mattos

Novembro, 2014

**Secretaria da Cultura do Estado do Rio Grande do Sul
Museu Julio de Castilhos/RS**

Relatório Exposição “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX”

A Exposição “Isaura e Adelina: mulheres negras na Porto Alegre do século XIX” foi aberta no dia 11/11/2014, na sala de exposição temporária, localizada no prédio anexo do Museu Julio de Castilhos/RS.

Através da trajetória de duas mulheres negras nascidas no último quartel do século XIX, a exposição teve o objetivo de contribuir para uma nova forma de visualizar e identificar àquelas esquecidas e silenciadas ao longo do tempo, que, na realidade construíram diversas práticas sócio-culturais importantes. Isaura e Adelina tem em suas vidas o rompimento de uma lógica imposta para uma maioria, que sofria os desdobramentos do sistema escravista e patriarcal da sociedade brasileira. Netas de africanas que ascenderam economicamente e simbolicamente — surgiram por meio de pesquisas dos objetos da cultura material, que cruzados com várias outras fontes documentais, revelaram em suas importantes trajetórias uma enorme contribuição para o estudo da temática dos africanos e de seus descendentes no Rio Grande do Sul.

Na abertura da exposição contamos com a intervenção artística das meninas do Coletivo Negração, com a apresentação “Nzingas Guerreiras”, que consistia na compilação de alguns trechos de músicas e declamação de poemas relacionados ao cotidiano da mulher negra. Também tivemos a intervenção artística do Instituto Cadê Zumbi?. Ao fim das apresentações, ocorreu uma roda de conversa com a professora Cristina Camaratta Luis Bahia e Dinamara da Silva Prates, bacharela em Administração pelo IPA e membra do Coletivo Negração.

Curadoria: Camila Ribeiro da Silva (acadêmica de Museologia) e Jane Rocha de Mattos (pesquisadora).

Custos: R\$ 370.

Expografia:

- Painel com árvore genealógica de Adelina de Bittencourt e Isaura Bittencourt.
- Painel com mapa - lugar de sociabilidades e de atuação profissional.
- Painel com texto com as biografias de Adelina e Isaura.
- Vidro com texto de abertura e ficha técnica.

Acervo utilizado**Iconografia**

- Representação negra feminina. Primeira década do século XX. Fotógrafo desconhecido. Acervo do Museu Julio de Castilhos. Inventário: Ic 0263.
- Representação negra feminina. Último quartel do século XIX. Fotógrafo L. Terragno. Acervo do Museu Julio de Castilhos. Inventário: Ic 0300.
- Representação negra feminina. Último quartel do século XIX. Fotógrafo Atelier Barbeitos. Acervo do Museu Julio de Castilhos. Inventário: Ic 0297.

Indumentária

- Leque verde – número de tombo: 702. Número de inventário: 17.
- Leque preto – número de tombo: 1048. Número de inventário: 5.

ANEXO B – Plano Museológico do Museu Julio de Castilhos (2021-2026)



**Plano Museológico
Museu Julio de Castilhos**

Governador

Eduardo Leite

Secretária da Cultura

Beatriz Araújo

Secretária Adjunta da Cultura

Gabriella Meindrad

Diretor de Memória e Patrimônio

Eduardo Hahn

Diretora do Museu Julio de Castilhos

Doris Couto

Equipe Técnica do Museu Julio de Castilhos

Angelita Santos da Silva

Claus Farina

Gabriel Castello Costa

Jéferson Luis Feitosa Monteiro

Estagiários 2021

Museologia: Jade Mendes dos Santos

Morgana Silveira Bartz

Victória Hornos

História: Karoline Carvalho Silvano

Comunicação: Victória Paz

Coordenação e Redação do Plano Museológico

Museóloga e Me. em Museologia e Patrimônio Doris couto

Revisão

Angelita Santos da Silva

INTRODUÇÃO

O Museu Julio de Castilhos foi o primeiro museu do período republicano brasileiro, criado em 30 de Janeiro de 1903, pelo Decreto 589, de Borges de Medeiros, dedicando-se as ciências naturais. Foi precedido, no período imperial, pela Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, embrião do atual Museu Nacional de Belas-Artes(1816); pelo Museu Real, embrião do atual Museu Nacional da Quinta da Boa Vista(1818) e após a Independência do Brasil pelo museu do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro(1838); pelo museu do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano(1838); pelo Museu do Exército (1864); o Museu Paraense Emílio Goeldi (1866); Museu da Marinha(1868) e Museu Paranaense(1876).

Considerado um projeto do próprio patriarca, o político positivista Julio de Castilhos, o museu se soma à criação de instituições no Rio Grande do Sul, voltadas a propagar a ciência e a educação como caminho para o desenvolvimento. A exemplo das demais instituições da “era brasileira dos museus”, dedicou-se a glorificação de personagens da história dedicados a construir um projeto de nação pautado nos interesses sociais, econômicos e políticos que refletiam a visão da elite.

Sediado inicialmente na casa em que viveu a família Castilhos, de 1889 a 1905, o museu, como a imensa maioria dos museus brasileiros instalou-se em uma residência com o propósito distinto de ser um museu casa, logo, desde seus primórdios sofreu as dificuldades desta escolha, não sendo um espaço apropriado para a guarda e exposição de acervos dada a configuração arquitetônica do lugar.

Suas coleções iniciais foram herdadas da 1ª Exposição Estadual, cuja mostra apresentava peças e artefatos exemplares de diversas regiões e municípios Sul-Riograndenses, com destaque às coleções de zoologia e botânica; mineralogia e geologia, integrantes da 1ª Sessão de tipologia de acervo prevista no seu Decreto de criação.

Em 1975, o Governo do Estado adquiriu a casa ao lado da edificação histórica para que fosse anexada ao Museu, reformando-a e colocando em prática o projeto de ampliação somente em 1998.

Desde então, várias obras e períodos de fechamento ocorreram, agravando de modo exponencial as condições do acervo, como se verá no diagnóstico específico.

O Plano Museológico que apresentamos neste momento teve suas discussões iniciadas pela equipe do Museu em 2019, à qual somaram-se aspectos de conservação levantados a partir da aplicação da metodologia RE-ORG na Reserva Técnica¹, promovida em parceria a Universidade Federal do Rio Grande do Sul com a participação de quinze alunos.

Obedecendo os pressupostos da transdisciplinaridade, das discussões coletivas realizadas entre a equipe e aos referências teóricas orientadores do planejamento estratégico e programas museológicos, pauta-se pelo “museu que queremos ter” respeitando os limites físicos e institucionais, partindo da análise aprofundada das fraquezas e potencialidades que possui para projetar os próximos anos de modo a direcionar as ações que auxiliem a que se cumpra sua missão.

Organiza-se o documento em capítulos que abrangem as áreas específicas e para as quais foram programadas ações para o prazo de cinco anos.

1 Perfil Museológico

O Museu Julio de Castilhos, a partir de 1950, quando desmembra seu acervo para que sejam criados respectivamente o Museu de Histórias Naturais e o Museu de Arte do Rio Grande do Sul, dedica-se a fundar-se com o perfil de instituição dedicada a história regional, em que pese, possua peças em seu acervo vinculadas à história brasileira.

Inscrive-se no Sistema Brasileiro de Museus com museu histórico e trata das temáticas trazidas à luz pela historiografia oficial e, em raros momentos, pautou temas polêmicos ou inclusivos de personagens que ficaram à margem da história oficial, em especial mulheres, negros e povos indígenas.

2. Metodologia

Para dar consecução ao planejamento, ainda em 2019, foi efetuada a análise das condições do Museu, avaliando-se por áreas com ênfase, respectivamente nas condições das edificações, quanto a conservação, organização e pesquisa do acervo, propostas expográficas em vigência; estudo de público; programa educativo; segurança; recursos humanos e sustentabilidade.

Para tanto utilizou-se a matriz SWOT como ferramenta de análise, a partir da qual se discute: Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças. Dado a diversas intercorrências como a necessidade de desligar o abastecimento de energia elétrica com vistas a troca e sua a rede de entrada, suspendeu-se o andamento, dado que foi necessária adaptação das atividades entre os meses de março a junho – longo período em que se operou somente com a luz natural e que se chegou ao entendimento que a discussão deveria ser retomada quando se tivesse acesso aos computadores.

Na gestão anterior, foi iniciado o processo pela diretora Gabriela Silva e a equipe, contudo, sem o acompanhamento de profissionais da área da museologia o mesmo não se efetivou nem do ponto de vista documental, tampouco de ações práticas.

Com a retomada das atividades, e em virtude de que durante o período sem energia elétrica a situação das reservas técnicas se agravou pela ausência de desumidificadores, foi priorizada a aplicação do RE-ORG como forma de ação imediata de conservação do acervo e as discussões que convergem para a presente proposta se deram de modo setorizado, com os técnicos de cada área, até o início da pandemia, quando o museu paralisou as atividades presenciais e precisou se reinventar na virtualidade.

Deste modo, entre as primeiras discussões e diagnósticos realizados em 2019, muitas ações ali identificadas como fundamentais foram colocadas em prática e, assim resultando numa revisão dos primeiros levantamentos, submissão ao coletivo e aprovação em Assembleia para a qual foi convidada a Associação de Amigos e comunidade em geral.

3. Missão

Conservar, pesquisar, difundir e promover a expressão do patrimônio sociocultural do Rio Grande do Sul e do Brasil de forma reflexiva e democrática, em seus aspectos materiais e imateriais.

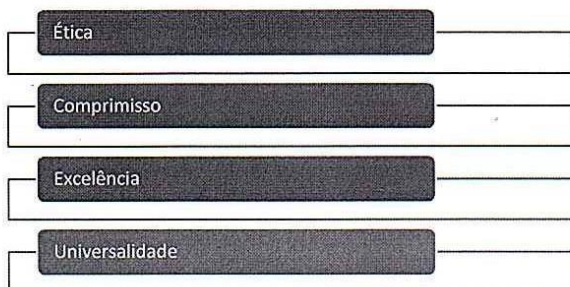
4. Visão

Retomar a posição destacada no cenário museal brasileiro e latino-americano que já ocupou, consolidando-se como referência em História do Rio Grande do Sul.

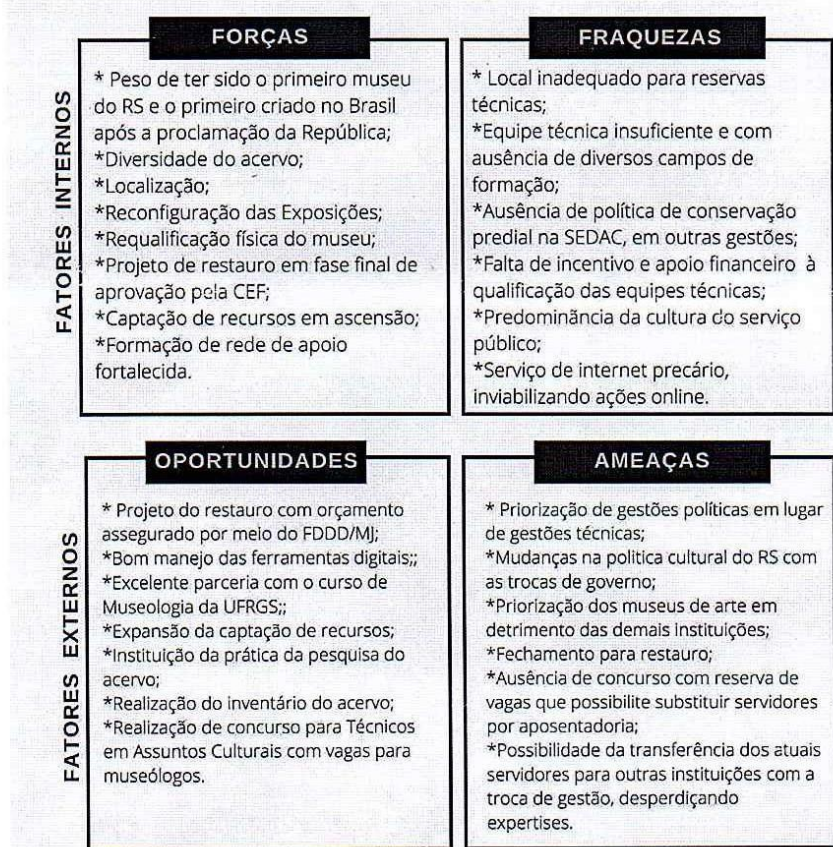
5. Objetivos Estratégicos

- Instituir uma reserva técnica modelo;
- Implantar o sistema de gestão do acervo pela plataforma Tainacan;
- Desenvolver rotinas de trabalho manualizadas, em seus aspectos técnicos;
- Completar lacunas existentes no acervo;
- Tombar acervo sem tombo em sua totalidade;
- Realizar o restauro do acervo iconográfico, do mobiliário e dos veículos;
- Consolidar a atuação em meio digital;
- Ampliar os estudos de público;
- Atuar na captação dos públicos escolares das periferias e do não público, de modo geral.

6. Valores



7. Diagnóstico Geral



Fonte: Museu Julio de Castilhos, 2021.

Destaca-se que aspectos aqui apresentados de modo genérico serão detalhados em cada programa.

8. Programa Institucional

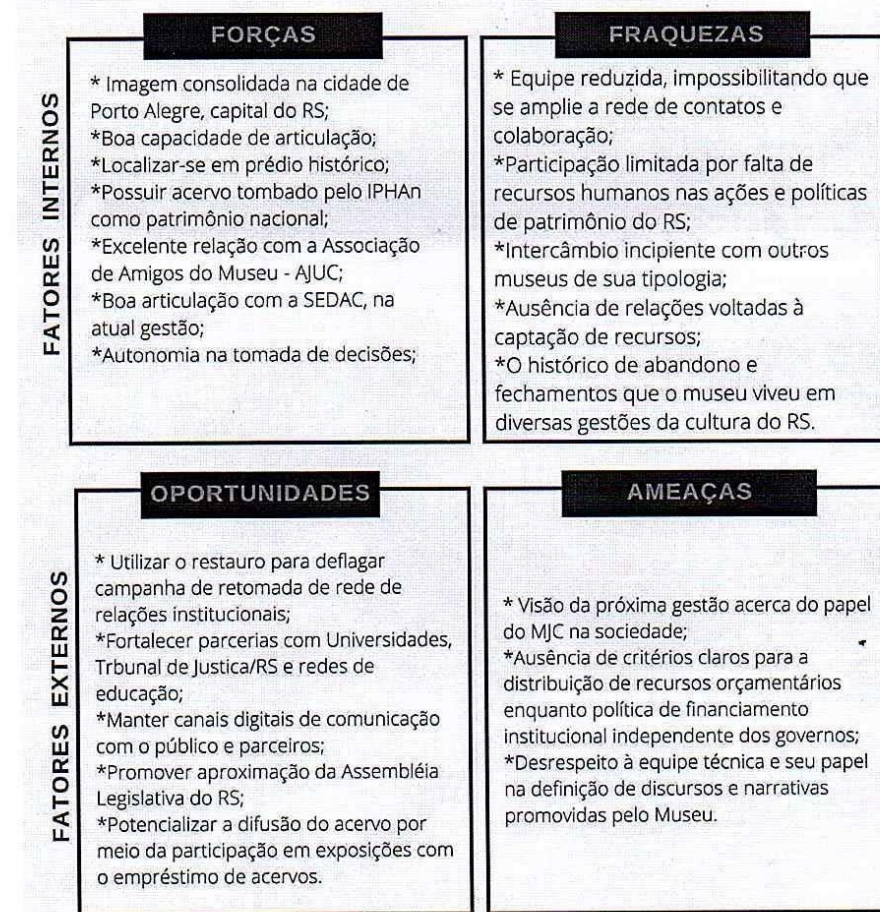
O Museu Julio de Castilhos destacou-se nos seus primeiros cinquenta anos de existência pela rede de relações institucionais que construiu, em especial, a partir da produção de estudos e difusão de conteúdos para os demais estados brasileiros e diversos países do mundo.

Neste planejamento leva-se em conta este fator e o desejo de retomar tal prestígio como dispositivo de reconhecimento de seu acervo e a partir dele sua potência narrativa, para tanto se planeja ampla retomada da articulação institucional, partindo-se da consolidação de parcerias existentes e da constituição de novos parceiros que possam alavancar ações e fortalecer a instituição.

O Museu possui um regimento interno do ano de XXXX, cuja proposta de reformulação foi iniciada em 2017 mas não avançou rumo a sua consecução.

A política de gestão de acervo encontra-se em fase de construção e comporá uma das metas do presente plano, tendo-se avançado na constituição da Comissão Especial de Gestão de Acervo, nomeada pela Secretária da Cultura e cuja finalidade é a tomada de decisão sobre aquisições, restauro e descarte. É formada pela diretora da instituição, três servidores do Estado e um membro da Associação de Amigos do Museu – AJUC.

8.1 Diagnóstico



8.1.2 Plano de ação

8.1.2.1 Diretriz 1 - *Consolidação da imagem Institucional*

Estratégia 1 – Produção e difusão de Estudos Científicos

Meta quantitativa: 02 estudos publicados ao ano em eventos ou revistas científicas

Prazo: Dezembro 2021/Dezembro 2026

Estratégia 2 – Produção de conteúdo crítico para Redes Sociais

Meta quantitativa: realizar postagens com conteúdo crítico acerca dos fatos históricos

Prazo: Dezembro 2021/Dezembro 2026

8.1.2.2 Diretriz 2 - *Ampliação dos vínculos e parcerias institucionais*

Estratégia 1 – Celebração de Termos de Colaboração técnico-científica

Meta quantitativa: celebrar 02 parcerias com Universidades a UFRGS- diversos cursos

Prazo: Dezembro 2021/Dezembro 2026

Estratégia 2 – Propor Exposições Temáticas interinstitucionais

Meta quantitativa: realizar 05 exposições agregando Museus da SEDAC e Instituições convidadas

Prazo: Agosto 2021/Dezembro 2026

Estratégia 3 – Atuação conjunta com a Associação dos Moradores do Centro Histórico

Meta quantitativa: realizar uma ação conjunta anualmente

Prazo: janeiro 2022/Dezembro 2026

9. Programa de Gestão do Acervo

O acervo do Museu Julio de Castilhos foi sendo formado sem critérios bem estabelecidos e não raras vezes com o recebimento de peças que chegaram a revelia do diretor ou dos técnicos da instituição, inclusive vindo de outros estados por meio do embarque em navios ou em tempo não tão distantes com o envio de doações pelo correio.

A ausência de uma política clara de aquisição e regrada com bases em critérios técnicos fez com que o acervo formado tenha uma grande diversidade e ao mesmo tempo muitas lacunas quanto a temporalidades e tipos em cada uma das coleções que o compõe.

9.2 Tipologia do acervo

Segundo os dados lançados no Sistema Donato, usado pelo Museu até 2020 para a gestão de suas coleções o acervo se encontra distribuído em 22 coleções, constatando-se problemas na sua catalogação, assim como em seu tombamento.

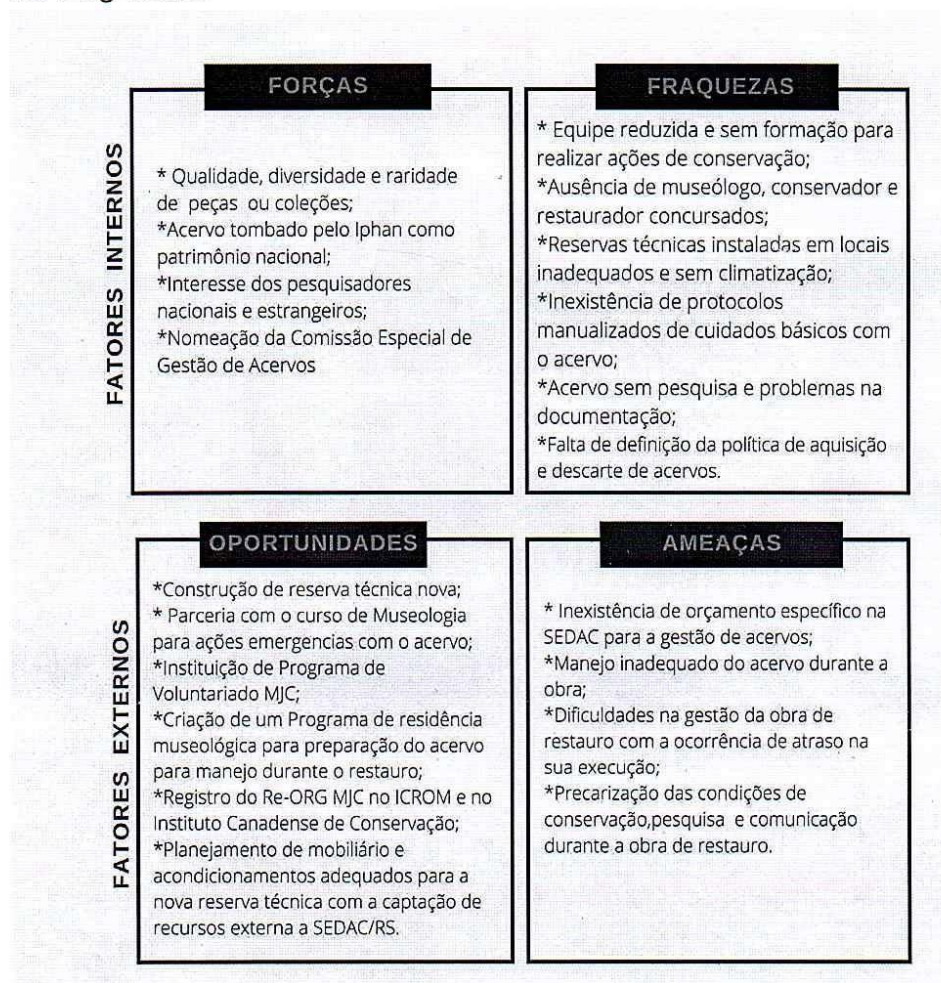
As coleções e peças indicadas em cada uma são as seguintes:

● Armaria: 200 peças	● Bandeiras: 61 peças	
● Arte Náutica: 38 peças	● Condecorações: 132 peças	● Indumentária: 1140 peças
● Arquitetura: 69 peças	● Escravatura: 37 peças *	● Iconografia: 278 peças
● Arreamento: 27 peças	● Etnologia: 2022 peças	● Heráldica: 11 peças
● Acervo Bibliográfico: 795 obras	● Filatelia: 05 peças	● Instrum.de trabalho: 33 peças
● Acervo documental: 666 peças	● Máquinas: 07 peças	● Medalhas: 205 obras
● Instrumentos Musicais: 6 peças	● Mobiliário: 61 peças	● Numismática: 1437
● Missões: 25 peças		

* Chaves e cadeados de senzalas estão catalogadas como peças de arquitetura

Um dos mais graves problemas que se identifica na gestão do acervo é a ausência de confiabilidade no que tange ao número de peças que compõe o acervo, aliado ao tombamento equivocado de coleções/baixas/conjuntos/pares como peças individuais, o que eleva sobremaneira o número de peças e que na prática não corresponde ao quantitativo total do acervo.

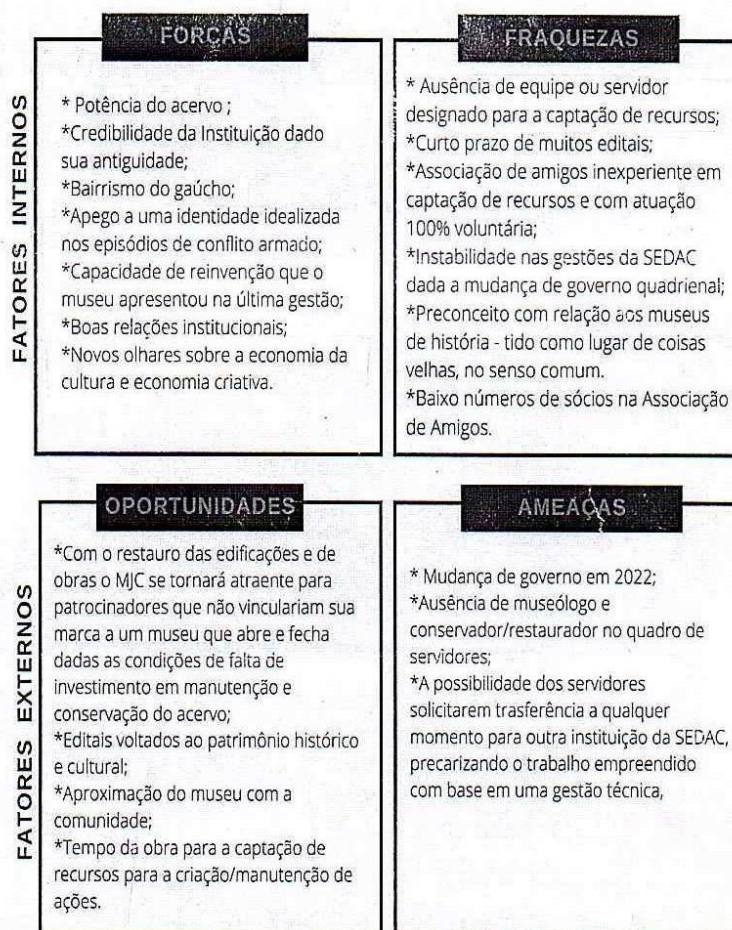
9.3 Diagnóstico



12 Programa de Sustentabilidade

Neste programa se analisa e apresenta proposições relacionadas a sustentabilidade econômica do Museu, ressaltando-se que a gestão de investimentos na instituição se dá de modo centralizado pela Secretaria da Cultura, cujos custos fixos, tais como: recursos humanos (servidores, CCs, estagiários e terceirizados), água, luz, telefonia e internet, material de consumo, dentre outros, incorporam o planejamento anual da SEDAC e os investimentos em produção de conteúdo, atendimento a manutenções de emergência, aquisição de bens materiais, apesar de ter previsão orçamentária também no orçamento, oscilam de acordo com a previsão de arrecadação do Estado e política de governo, cujo histórico em diversas gestões foi de priorização daquelas instituições capazes de gerar maior visibilidade, como MARGS, Teatro São Pedro e Casa de Cultura Mário Quintana.

12.1 Diagnóstico



12.2 Plano de ação

12.2.1 Diretriz 1 - Potencializar o MJC como foco de investimento privado por meio de leis de incentivo

Diretriz 1 – Divulgar imagem positivada do Museu na imprensa e redes sociais
Meta quantitativa: Gerar notícias sobre restauro do acervo e restauro do Museu
Prazo: Janeiro 2021 a Dezembro 2026

12.2.2 Diretriz 2 – Desenvolver Banco de Projetos

Diretriz 1 – Elaborar Projetos em roteiro básico com vistas à adequação para diversos editais
Meta quantitativa: elaborar projetos para manutenção, mobiliário nova reserva técnica, educativo e exposições

12.2.3 Diretriz 3 - Efetuar planejamento anual para o Lei orçamentária do Governo do Estado, de modo a contemplar as demandas orçamentárias do MJC

Diretriz 1 – Em Julho de cada ano apresentar o planejamento do ano seguinte
Meta quantitativa: elaborar orçamento anual.
Prazo: Agosto 2021 a Dezembro 2026